Universidade Federal de Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

A SAGA DA BELEZA:
Um estudo das transformações corporais na 'experiência travesti'.

Trabalho de Dissertação realizado pelo aluno Francisco Jander de Sousa Nogueira, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Gomes de León.

João Pessoa
2009

FRANCISCO JANDER DE SOUSA NOGUEIRA

A SAGA DA BELEZA:
UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS NA 'EXPERIÊNCIA TRAVESTI'.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Adriano de León
(Orientador/UFPB)

_____
Prof. Dra. Ednalva Maciel Neves
(Examinador Titular Interno/UFPB)

_____
Prof. Dra. Rosalira dos Santos Oliveira
(Examinador Titular Externo/FUNDAJ)

Nogueira, Francisco Jander de Sousa

A SAGA DA BELEZA: Um estudo das transformações corporais na 'experiência travesti'. – João Pessoa: O Autor, 2009.
136 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. CCHLA. Sociologia. João Pessoa, 2009.

Inclui bibliografia e anexos

1. Sociologia. 2. Transformações corporais 3. Sexualidade – Gênero – travestilidade. I. Título.

RESUMO

Este trabalho toma como foco de análise travestis que se prostituem na cidade de Fortaleza-Ce. São apresentadas narrativas sobre suas transformações corporais, experiência que engloba um conjunto de processos, vivências e relações. Contrastando com concepções de identidades que privilegiam a coerência e a linearidade, apresento trajetórias e relatos autobiográficos contextualizados por descontinuidades. Possuindo uma subjetividade feminina, travestis efetuam transformações em suas formas físicas, seja com o aval da medicina legal ou na clandestinidade. Embora façam a opção de conservar suas genitálias, possuir o "corpo de mulher" é um dos maiores objetivos das minhas personagens. Entendo que a utilização destes corpos como objeto de desejo expostos nas "ruas" vai além das discussões que permeiam a travestilidade apresentada como um grupo estigmatizado. Minha abordagem privilegia a legitimação desta prática na perspectiva da realização de desejos e do reconhecimento das travestis na condição de sujeitos em (trans)formação. A travestilidade é analisada tendo por base os rituais como performance. São consideradas as possibilidades de vivenciar tal experiência de forma prazerosa ou não. No trabalho de campo, mobilizei ferramentas metodológicas que permitiram a apreensão de singularidades e de expressividades concernentes à complexa experiência de "passar por mulher" vinte e quarto horas por dia.

Palavras-chaves: travestilidade, transformações corporais, gênero, ritual, performance.

ABSTRACT

This study focus on the analysis of prostituted transvestites in the city of Fortaleza – Ceará. It presents personal reports about their body transformations, experience that includes a set of processes, existences and different types of relations. Contrasting identities conceptions that privilege coherence and linearity, I present trajectories and autobiographical reports contextualized by discontinuities. Having a feminine subjectivity, transvestites effectuate transformations on their physical forms, endorsed by forensic medicine or by clandestine methods. Though they opt to preserve their genitals, having a “woman's body” is one of their biggest goals. I understand that the use of these bodies as object of wish exposed in the "streets” goes besides the discussions that permeate the “travestilidade” as a branded group. My approach privileges the legitimation of this practice in the perspective of the realization of wishes and the recognition of the transvestites in the condition of subjects in (trans) formation. The “travestilidade” is analysed based on the rituals as performance, as they consider the possibilities to survive such experience in a pleasurable way or not. In the fieldwork, I mobilized methodological tools that allowed the apprehension of peculiarities and expressivenesses concerning to the complex experience of “being a woman” twenty and four hours a day.

Key-words: “travestilidade”, body transformations, gender, ritual, performance.

AGRADECIMENTOS

"Não existirá nunca uma pessoa que possua algo mais que seus próprios pensamentos. Nem as pessoas, nem os lugares, nem as coisas poderão ser possuídas por muito tempo. Percorremos um trecho do caminho com eles, mas, cedo ou tarde, todos teremos que nos apoderar de nossas verdadeiras posses - o que aprendemos, o que pensamos - e seguir pelas curvas solitárias do caminho". Richard Bach.

Inspirado nas possibilidades de construirmos caminhos de forma coletiva e individual, trago nestes agradecimentos os outros participantes na minha caminhada de vida, pessoas que a todo instante contribuem e alimentam as minhas futuras posses. Não poderia deixar de agradecê-las infinitamente.

A Deus, pela minha vida e essência. "O Senhor é meu pastor e nada me faltará"

À minha família, que sempre tem me proporcionado uma zona da estabilidade sentimental, percebendo nos inúmeros e delicados gestos o quanto sou por eles amado.

Talvez essa seja a dedicatória e o agradecimento em maior densidade em minha vida, à minha mãe. Mulher de fibra e coragem, que sempre apostou em mim e me permitiu alçar vôos mesmo me querendo ao seu lado a todo instante. Agradeço-te e dedico o meu amor infinitamente.

À Gleice, minha irmã, que tanto admiro por sua determinação. Com isso tem me mostrado que levar uma vida digna é possível.

Aos meus sobrinhos amados. Edigleison, pacato e centrado; Guilherme, um poço de alegria e barulho, o desmantelo da normatividade.

A todas as colaboradoras deste trabalho, que tão gentilmente se disponibilizaram a falar-me um pouco sobre suas vidas, abrindo suas portas e suas intimidades para que pudesse realizar esse trabalho.

À Tina Rodrigues, uma travesti guerreira que tanto me ajudou nesta empreitada. Foi por seu intermédio que se deu minha inserção na Associação das Travestis do Ceará (ATRAC).

À Roberta, um exemplo de superação e amor pela vida. Ensinou-me que a vida é feita de escolhas e que muitas vezes temos que pagar muito caro por elas. Perder-se também é caminho.

À UFPB, pelo apoio institucional e pelas oportunidades.

Ao CNPq, pelo financiamento, imprescindível para o desenvolvimento do trabalho.

Aos professores e professoras que estiveram comigo durante o curso, Anderson Retondar, Paulo de Tarso e Tereza Queiroz.

Ao Artur Perussi (Frejat). Muito grato pelas conversas, estímulo e acolhida diante das minhas muitas dúvidas em relação ao meu objeto de estudo. Agradeço também pelas grandes sugestões na banca de qualificação.

Ao Adriano de León, meu orientador nesta dissertação, minha mais nobre gratidão pela capacidade de acolhimento generoso e inteligente, cujo estímulo para a realização deste trabalho foi imprescindível em momentos diversos, especialmente quando as incertezas pessoais e as inseguranças ameaçavam a continuidade da longa jornada acadêmica.

À professora Ednalva Maciel, que muito contribuiu na banca de qualificação. Foi sua veia antropológica que sinalizou muitos dos caminhos deste trabalho.

À Nancy Azevedo, minha secretária predileta, pela paciência e dedicação com que me tratou durante todo o percurso que fiz, desde a seleção de ingresso até a elaboração desse trabalho.

À minha querida Âzene, mais que amiga, acolheu-me como uma mãe. Sem ela não teria suportado o processo de mudança e adaptação. Foi o meu porto seguro do início ao fim da minha estada em João Pessoa.

Às minhas companheiras acadêmicas, tão diferentes e tão especiais. Mônica Ramalho (Monikita), a velocidade em pessoa, uma amiga para toda vida; Luciana Carmélio, mais poderosa impossível, uma "trans" que deu certo; e Bruna Sobral, um pecado em forma de gente. Foram muitos textos e cervejas devorados no boteco do Sr. Orlando, escutando Chico Buarque. Ah, se já perdemos a noção da hora, se juntos já jogamos tudo fora, me conta agora como hei de partir [...]

Aos mais solicitados pelos corredores da pós-graduação e na praça da alegria, o meu amigo Top Model Welkson Pires, que não esquece um minuto dos músculos de Demi Moore; e o quase Bispo da perversão, Moisés Costa Neto.

Aos meus amigos noturnos em João Pessoa, Fábio Eloi e Dedé, o rei dos vapores.

À minha turma amiga e mais trans de Fortaleza, que durante muitas noites, sejam elas em mesas de bar, pelo MSN ou me acompanhando a campo, suportaram as minhas lamúrias do *métier* de pesquisador. Juliana Justa, você é mais que trans. Juliano Gadelha, quando crescer quero "fechar" como você.

Aos meus grandes amigos, por seus preciosos aconselhamentos, parcerias, amor e atenção, principalmente quando a embriaguez e a loucura pairavam sobre mim. Figuras que foram imprescindíveis para consolidar minhas vivências.

Zoraima Borges, amiga para toda vida.

Márcia Teixeira, uma referência em minha vida.

Rosani Pagani, essa é uma amiga e parceira até depois de vários chopp's de vinho. Chama a NASA agora.

Emylio Silva, uma conquista no meu arquivo de grandes amigos. Os olhos de Tandera que me guiam nas noites.

Guto Martins, muito grato pelos diálogos e questionamentos no tocante à minha pesquisa. Nossas saídas também são movidas a muito conhecimento, por isso, “meninas, segurem as perucas”.

Lee Fontenele, amizade e amor sem cobranças.

Fernanda Aragão, uma amiga para todas as horas.

Em especial, dedico meu carinho a Carlos Eduardo Junior e Karyne Aguiar, amigos preciosos.

À minha psicóloga e amiga Márcia Kelma, que nas minhas crises existenciais e no auge das minhas “loucuras amorosas” me escutava por horas e conseguia me trazer de volta à realidade de forma pragmática e carinhosa. Só assim eu conseguia produzir algo acadêmico.

Às eternas preceptoras de território, com quem tenho aprendido muito, principalmente a promover saúde e a ser uma pessoa melhor (Geórgia Paiva, Eugênia Gadelha, Vilani Craveiro, Carmem Leitão, Ana Paula Silveira, Fabíola, Márcia Cris, Vera Dantas, Neidinha, Inês, etc.).

À Laura Farias, que em momento algum tentou medir esforços para solucionar muitos dos meus problemas à distância e ainda é o meu suporte tecnológico. Obrigado por todas as artes e criações.

À Jania Perla e Alicia Gonçalves, que tanto me incentivaram e acreditaram no meu potencial durante a seleção de mestrado. Obrigado pelas dicas de *performance* e teorias.

Ao George Paulino, meu orientador na graduação e amigo. Tão pequeno e tão gigante.

A todas as pessoas que promoveram em mim, durante o mestrado, um misto de sentimentos difusos, de amor, de prazer e de desejos. Foram muitas horas de sublimação...

Para Francisca Rodrigues (Chaguinha), minha mãe,
que nunca me impediu de voar,
mesmo quando me desejava por perto.

Francisco José Nogueira, *in memoriam.*

"Eu tenho uma espécie de dever, dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espetáculo de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E, assim, me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis".

(Fernando Pessoa).

Que venha essa nova mulher de dentro de mim,
Com olhos felinos felizes e mãos de cetim
E venha sem medo das sombras que rondam o meu coração,
E ponha nos sonhos dos homens
A sede voraz da paixão
Que venha de dentro de mim, ou de onde vier,
Com toda malícia e segredos que eu não souber
Que tenha o cio das onças e lute com todas as forças,
Conquiste o direito de ser uma nova mulher [...]

(Simone).

SUMÁRIO

Apresentação.....12

Capítulo I – ITINERÁRIOS CORPORAIS

1. O Corpo em movimento.....22
2. A montagem de um campo conceitual.....34

Capítulo II - EM BUSCA DE CORPOS CANÔNICOS: TRAVESTIS ENQUANTO SUJEITOS EM (TRANS)FORMAÇÃO

1. Corpos canônicos e 'autenticidade' na mira das travestis.....42
2. "O babado é forte": saúde e travestilidade.....56
3. O campo do desejo e da dor.....64
4. "É na rua que eu me realizo, é na rua que eu me sinto a mais desejada". A interface entre a prostituição e a travestilidade: muito além da concepção de risco de necessidade.....74

Capítulo III - DANDO O CLOSE: AS MAIS "BELAS" NA PERSPECTIVA DA PERFORMANCE

1. Os rituais como performance: teorizando o ritual da beleza.....82
2. Ritual da beleza: "para se tornar poderosa, é preciso uma série de técnicas".....91
3. O atropelo da subversão: a história de Roberta contada entre carne, desejos e bisturis.....98

Considerações Finais.....116

Referências Bibliográficas.....121

Anexos.....127

Corpo Nu

"O sujeito, a fim de assegurar um traço significativo de sua personalidade, tenta mudar o corpo para mudar a vida, pois o culto ao corpo tem o mesmo sentido: não devemos nos contentar com o corpo que temos, devemos modificá-lo, torná-lo mais perfeito e tê-lo nas mãos."
(LE BRETON, 2001:21)

APRESENTAÇÃO

Nós somos feitos da mesma matéria dos sonhos

Shakespeare

Camila de Castro (nome fictício) está "fechando"[1] para mais uma noite. São muitos anos de sua vida dedicando tempo e dinheiro à construção de um novo corpo e de um novo gênero[2]. A qualquer preço, busca "passar por mulher" [3], não por qualquer mulher, mas por uma mulher bela, sensual e desejada vinte e quatro horas por dia, principalmente nas ruas, esquinas e avenidas onde se prostitui e impera com sua ambigüidade e com seus saltos elevadíssimos.

Diana Fontenelle (nome fictício), 28 anos, apesar de ser de família pobre com origem interiorana, hoje se olha no espelho e fala para si mesma com entusiasmo: *bicha, a senhora abalou*! Com uma trajetória de vida marcada por desafios, discriminações, conquistas e uma rota internacional registrada em seu currículo prostitutivo, cotidianamente ela investe em sua beleza e na sua produção, o que a faz ser uma travesti solicitadíssima e com um dos cachês mais caros nas ruas do centro de Fortaleza.

Roberta Fontana, loira e angelical, rosto perfeito e desejado por muitas travestis, aos 26 anos sempre está presente nos eventos do movimento LGBTT[4] local. Fala-nos de que seus sonhos e suas metas agora são outras, pois quando pensou que tudo estava perdido, uma força surgiu em seu interior e lhe deu coragem para prosseguir e trilhar novos caminhos. Foi como uma metamorfose em sua vida. Tudo para ela vem sendo ressignificado,

---

[1] Algumas das palavras grafadas entre aspas indicam que elas são assim utilizadas pelo grupo pesquisado. Em outras palavras, elas estarão grafadas conforme a lógica do próprio grupo – são as chamadas palavras êmicas.

[2]Segundo Berenice Bento (2006), a norma de gênero estabelece que somos determinados por nossas estruturas biológicas. Se temos pênis, somos homens, portanto, viris, competitivos, ativos e heterossexuais. A vagina significa que o corpo é frágil, passível, penetrável. O desvio da norma (pênis/homem/masculino/heterossexual e vagina/mulher/feminino/heterossexual) é observado e castigado. As normas de gênero distribuem os corpos em função da normalidade que eles apresentem. Quando maior o desvio da norma, maior o castigo.

[3] Quando dizem "sou um homem/mulher em um corpo equivocado", não se deve interpretar tal posição como se estivessem afirmando que ser mulher/homem é igual a ser heterossexual. As histórias de mulheres transexuais lésbicas e de homens transexuais gays indicam a necessidade de interpretar a identidade de gênero, a sexualidade, a subjetividade e o corpo como modalidades relativamente independentes no processo de construção das identidades. (Berenice Bento, 2006:25)

4 A 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada entre os dias 5 e 8 de junho de 2008, em Brasília, anunciou uma mudança na nomenclatura de referência do movimento. A palavra "lésbicas" agora, antecederá a palavra "gays". Em vez de GLBT, o nome passa a LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). "A mudança atende a antiga reivindicação das lésbicas, além de seguir o padrão internacional".

assim destaca: *meus valores agora são outros, a vida e a morte, a saúde e a doença pra mim agora possuem outro referencial*.

Durante a pesquisa, foram diversas histórias de vidas registradas em meu diário de campo. Foram histórias de luta e determinação entrelaçadas por dores, risadas e mutilações. Todas elas com muitas assimetrias, mas com muitas singularidades observadas através de nossas lentes[5]: as transformações corporais, a construção de uma nova identidade de gênero[6] e a busca por corpos canônicos[7] e desejáveis.

Já é sabido que muitas transformações no campo político, econômico e sociocultural a cada dia vêm tendo maior expressividade e dinamicidade na sociedade. Estes movimentos oscilatórios estão sendo incorporados com maior freqüência.

A partir dos anos 60, com o impulso do movimento feminista, muitos paradigmas nas áreas das ciências sociais e humanas começaram a se modificar, entre eles o do conceito de gênero. Para antropólogo social Marcos Benedetti, o cenário se apresentou da seguinte maneira:

> O conceito de gênero provocou grandes transformações e deslocamentos tanto no nível político e das relações entre homens e mulheres, cujas novas dinâmicas são incontestáveis, como no pensamento e na elaboração teórica sobre o social. A partir da formulação e da utilização do conceito de gênero, a antropologia e as ciências sociais passaram a conquistar e explorar novos temas e objetos, imprimindo às analises novas interpretações sobre as diferenças entre homens e mulheres, sobre o corpo, o sexo e as relações sociais (BENEDETTI, 2005: 26)

---

[5] Este trabalho não seria possível de ser construído somente por mim enquanto pesquisador. Ele é fruto de um trabalho de muitas pessoas: as colaboradoras, que dialogam durante todo o texto; o orientador da pesquisa, que durante alguns momentos se posicionou com suas reflexões e referenciais teóricos e metodológicos; e por meus amigos, que se fizeram presentes durante toda a pesquisa, seja através de questionamentos ou me fazendo companhia durante a pesquisa de campo. Entretanto, durante o texto, o leitor deparar-se-á por várias vezes com pronomes em 1ª e 3ª pessoa.

[6] Na sociologia, identidade de gênero se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica (se a mesma se identifica como sendo um homem, uma mulher ou se a mesma vê a si como fora do convencional), mas pode também ser usado para referir-se ao gênero que certa pessoa atribui ao indivíduo tendo como base o que tal pessoa reconhece como indicações de papel social de gênero (roupas, corte de cabelo, etc.). Do primeiro uso, acredita-se que a identidade de gênero se constitui como fixa e, como tal, não sofre variações, independente do papel social de gênero que a pessoa se apresente. Do segundo, acredita-se que a identidade de gênero possa ser afetada por uma variedade de estruturas sociais, incluindo etnicidade, trabalho, religião ou irreligião, e família. Vale destacar que identidade de gênero não apresenta uma relação direta com a sexualidade. Para mais informações acerca de identidades de gênero, ver BENTO, Berenice. A Reinvenção do Corpo, (2006).

[7] O corpo canônico emerge no final do século XX e se caracteriza pela adoção de um conjunto de técnicas e estratégias que vão desde os exercícios físicos às cirurgias plásticas estéticas, passando por dietas, consumo de produtos cosméticos e determinados estilos de vestuário. Trabalharemos sobre este conceito no segundo capítulo deste trabalho.

Juliana Jayme (2001) situa as questões que norteiam os estudos de gênero como uma construção cultural[8], uma construção que permite mostrar e discutir a respeito do fato de que as diferenças sexuais são produzidas e possuem historicidade, variando de acordo com contextos sociais.

Continua Jayme:

> Mas gênero é observado também como categoria que possui um caráter relacional, ou seja, que fala a respeito de outras distinções sociais, não apenas aquelas referentes aos sujeitos concretos (2001:02).

Observamos que a idéia de gênero aqui é tida como um estado inacabado, em processo de construção, que não nos exige diagnósticos precisos nem moldes a serem seguidos. Assim prossegue Jayme:

> Se, como afirma Vale de Almeida (1995), a associação masculinidade-homem não é óbvia, antes, estaria mediada por várias relações sociais, inclusive aquelas entre masculino-feminino, entretanto, não de maneira dicotômica e fixa, mas como atribuições que circulam e que possuem graus (de mais a menos masculino e feminino). (COSTA, 2001:03), então é possível sugerir que essa formulação de gênero se aproxima daquela que aponta para a transitoriedade das identidades e para uma partilha de significados. Se sentir ou ser visto como "mais ou menos masculino" vincula-se ao significado que é atribuído, coletivamente, a "ser homem" e esse significado varia de acordo com o contexto (JAYME, 2001:07).

Berenice Bento (2006) também segue a linha de raciocínio de Juliana Jayme, uma vertente na qual gênero é visto como plural, e o masculino e o feminino deflagram em múltiplas possibilidades. Referindo-se às relações entre gênero e corpo, a autora aponta os processos que se articulam para dar uma aparência a-histórica e destituída de seu conteúdo político. Ao fazer uma análise de Butler e de outros/as teóricos/as feministas *queer*, observa que o gênero não está passivamente inscrito sobre o corpo como um recipiente sem vida.

Assim Berenice Bento destaca:

> A visão que define gênero como algo que as sociedades criam para significar as diferenças dos corpos sexualizados assenta-se em uma dicotomia entre sexo (natureza) versus gênero (cultura). Segundo essa visão, a cultura moldaria, imprimiria nesse corpo inerte e diferenciado sexualmente pela natureza as marcas de cada cultura. Ao contrário, seguindo Butler, podemos analisar gênero como uma sofisticada tecnologia

[8] Essa idéia de gênero como construção cultural, embora mantida, será problematizada, especialmente no que diz respeito à discussão mais contemporânea que afirma que é preciso pensar outras questões relativas ao gênero como categoria de análise, por exemplo, seu caráter relacional. Também a diferença sexual é percebida como uma construção histórica e culturalmente construída. Ou seja, entender o gênero como construção cultural não significa pensar a diferença sexual como categoria "natural" (JAYME, 2001:02).

> social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, lingüísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas para se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências "naturais" e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos (BENTO, 2006: 20)

Para Guacira Louro (1999), o conceito de gênero chama a atenção para o caráter social superando o discurso biológico, do natural, desfazendo assim o determinismo biológico. A autora observa que "é preciso, pois, pôr a norma em questão, duvidar do natural, desta maneira, questionar nosso próprio comportamento e convicções resultando em transformações, discutindo e trocando idéias, e ouvir aqueles e aquelas que historicamente e socialmente são instituídos como os 'outros'". Guacira, ao citar Butler, destaca que os discursos habitam os corpos. Sabendo disso, "as falas e os discursos, mesmo contestadores, podem ser 'domesticados' e podem perder sua força dependendo da forma como são tratados".

Em Butler, gênero aparece como relacional, plural e transitório, o qual não é pensado a partir de uma perspectiva identitária, essencialista, fixa, ou mesmo reificada.

Assim Butler define gênero:

> Uma complexidade cuja totalidade é permanentemente adiada, nunca inteiramente o que é em uma dada circunstância histórica. Isto é, uma coalizão aberta que afirmará identidades alternadamente instituídas ou deixadas de lado de acordo com os propósitos do momento; será um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas. (BUTLER, 2001)

Vale destacar que, para a autora, o gênero é, em si, performático, e a matriz sexual (que seria sempre heterossexual) é uma estrutura que mantém acesa a chama que dualiza as diferenças sexuais – homem/mulher, feminino-masculino – e uma *performance*[9] (gênero) que as multiplica.

As pessoas que não se enquadram nos padrões de normalidade de sexo e de gênero, ou seja, na chamada matriz heteronormativa, não conseguem emergir como seres culturalmente inteligíveis. Elas emergiriam como seres abjetos, cuja humanidade é questionada e cuja existencia estaria circunscrita às zonas de inabitabilidade humana. Os seres abjetos, longe de serem descartáveis, são essenciais para circunscrever o domínio do humano,

---

[9] O termo "performance" é derivado do inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo ação e indica que, ao emitir uma evocação, está se realizando uma ação, não sendo considerado como equivalente a dizer algo (BENTO, 2006:45).

constituindo-se no que a autora chama de "exterior constitutivo" da delimitação do que é normal e viável (BUTLER, 2001).

Antes de prosseguirmos, queremos deixar claro que parte dos nomes citados nesse trabalho são fictícios, com o intuito de preservar a imagem das travestis/colaboradoras e dos demais colaboradores diretos e indiretos. Embora algumas travestis façam até questão de divulgar seus nomes e sobrenomes femininos

Seios siliconados, quadris moldados, bumbuns bronzeados, coxas malhadas, rostos refeitos e maquiados, cabelos longos, tingidos e esvoaçantes são alguns dos elementos que complementam a ação performativa[10] das travestis, que cotidianamente desarticulam, de cima de seus saltos elevadíssimos, uma cristalização imposta pela sociedade ocidental da perspectiva binária masculino-feminino.

Não pretendemos chegar à verdade última sobre as travestis, até mesmo porque não acreditamos que esta exista, porém tomamos por base alguns estudos que abrangem a "experiência travesti".

Falar em experiência travesti é falar de relações e de processos, como também falar de subjetividades, de histórias de vidas que não podem ser atravessadas por uma concepção de identidade como algo definido e encerrado em si mesmo. Move-se, nesse sentido, através da idéia de *identificação* proposta por Stuart Hall (2005). Segundo esse autor, o referido conceito envolve uma fuga de essencialismos, atuando como artifício estratégico e posicional que envolve um processo de articulação, nunca completado, remetendo-nos à idéia do corpo inacabado, e que opera por meio da diferença.

Mas afinal, o que é ser uma travesti? Conceitos, nomenclaturas, exemplos, fotografias, vídeos, entre outros recursos, são insuficientes na busca de descrevermos ou na tentativa de situarmos o que vem a ser uma travesti e/ou viver a "experiência travesti".

Uma das colaboradoras de Larissa Pelúcio (2006), Melina, diz que "travesti tem que ter alguma coisa de mulher, senão não é travesti; tem que pôr silicone, seio". Moema, uma das colaboradoras de Hélio Silva (1993), define essa condição dando ênfase à ingestão de hormônio feminino para que a travesti seja o que ela é.

---

[10] A ação performativa confere à linguagem "e de modo mais geral, às representações, uma eficácia propriamente simbólica de construção da realidade". O agente que profere o discurso é, portanto, um porta-voz dotado de poder – instituído pelo grupo – representando-o, personificando-o, agindo por procuração ao falar e fazer, *nomeando*, assim, a realidade. Nomeando a realidade, um determinado ator ou agente tem a autoridade de cobrar que seus interlocutores se comportem em conformidade com aquelas categorias que o próprio agente projeta sobre o grupo e, mais especificamente, sobre os indivíduos (BOURDIEU, 1996, p. 81-83).

Essa realidade aparece também nos discursos de algumas das nossas colaboradoras, inclusive na fala de Pâmela Leme (nome fictício). Residente em Fortaleza desde 1992, 24 anos, ruiva e bela, é assim que ela se define e em seguida nos fala sobre o que é ser travesti:

> "se uma bicha não tomar hormônio, nunca será uma travesti. Antes me sentia um cabra-macho, hoje tudo é diferente, me sinto uma mulher. Essa vontade de ter um corpo feminino, bumbum grande e bonito, um peitão, ser uma mulher 24 horas por dia tem que existir, temos que ser decididas a mudar o nosso corpo, senão for assim, não vale "(Entrevista realizada em 23/04/2008).

Juliana Justa (2006), psicóloga e pesquisadora na área de gênero e travestilidade, acrescenta:

> A procura pela definição da palavra travesti nos permite encontrar uma variedade de significados, o que talvez reflita o incômodo e a perplexidade frente a esse "algo" que parece ser impossível enquadrar (2006:16).

Assim, é possível observarmos a travestilidade como um processo em estado de constante construção, sempre composto por novos significados e novas práticas. Viver a condição travesti é viver a/na liminaridade[11].

Benedetti, em seu livro *Toda Feita – O corpo e o gênero das travestis*, faz uma diferenciação entre elas e as transexuais e transformistas, "definindo-as" da seguinte maneira:

> São aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social (2005:18)

É importante lembrar que nem todas as travestis são adeptas às transformações corporais, à ingestão de hormônios e à aplicação de próteses, dentre outros dispositivos na busca de feminilidade. Encontramos muitas travestis, durante a pesquisa de campo, que possuem uma "resistência" às intervenções corporais, porém se definem como travestis.

Seria isso suficiente para chegarmos a tal definição? Estes exemplos alcançam um denominador comum no que concerne a ser uma travesti e/ou viver a travestilidade?

---

[11] Para Turner (1974), a liminaridade pode ser compreendida como um período marcado por uma retirada do sujeito da estrutura social. O indivíduo não estaria nem na estrutura anterior, nem na seguinte em que foi ou será "promovido". Trabalharemos com este conceito e sua relação com a travestilidade no terceiro capítulo.

Pensamos que ainda estamos distante, no entanto, apresentamos a descrição feita por Larissa Pelúcio, que nos permite uma compreensão da pluralidade que o universo travesti abarca. Assim a pesquisadora destaca:

> (...) Em minha pesquisa, conheci travestis que não tomavam hormônios nem tinham silicone no corpo, mas que se auto-reconheciam como travestis, usavam nomes femininos, mantinham intensa sociabilidade no meio, adotando termos do bajubá (a linguagem tributária do ioruba-nagô usada pelas travestis). (...) Convivi com pessoas que se identificavam como transexuais, mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis, pois se prostituíam e faziam uso sexual do pênis. Assim como estive com travestis que, em algum momento da vida, desejaram tirar o pênis; outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente, passando a possibilidade de serem transexuais (2006: 35)

Nessa passagem, Pelúcio nos apresenta que ser travesti é um processo que nunca se acaba. O desafio é diário e o processo de transformação de um corpo masculino em feminino desarticula qualquer norma vigente. Travestis são possibilidades identitárias e modos de viver a experiência da existência e da sexualidade.

Assim como Larissa Pelúcio (2006) e Marcos Benedetti (2005), decidimos assumir o emprego do substantivo *travesti* classificado dentro do gênero gramatical feminino. Existe um processo em construção do gênero feminino no corpo e na subjetividade que não podemos negar. Existe também todo um arranjo de cunho político sobre a discussão da travestilidade, e o mais importante é uma reivindicação forte e presente nas falas das travestis entrevistadas, remetendo ao que afirma Le Breton (2003): "não há inocência nos órgãos no imaginário ocidental, a parte vale pelo todo físico e moral".

Para Villaça & Góes (1998), já foi muito simples nomear o corpo, no entanto, pensar hoje a corporeidade torna-se mais complexo, pois o corpo enquanto sujeito/objeto transita entre ideais de máximo controle, monitoramento, busca de perfeição (aqui pensamos a busca de corpos canônicos que se opõe aos corpos dissonantes ou a algo que a eles remeta) e uma estética fora dos padrões que tenta denunciar a objetivação maquínica do indivíduo ironicamente "dividido" por mecanismos de intervenção cultural (1998:11).

Nas narrativas de Paulo Brabo (2006)[12] sobre a morte de Adão e Eva, ele descreve o último dia da vida de Adão da seguinte maneira:

> Eva disse a ele: – Por que eu deveria continuar a viver se você não vai estar mais aqui? Por quanto tempo terei de permanecer depois da sua morte? Diga-me! Adão assegurou-lhe que ela não teria de esperar muito: morreriam

[12] http://www.baciadasalmas.com/

> juntos e seriam enterrados no mesmo lugar. Ele ordenou que Eva não tocasse o seu cadáver até que um anjo de Deus tomasse as providências necessárias a respeito dele; ela deveria, além disso, começar a orar imediatamente a Deus, até que sua alma escapasse do seu corpo (2006).

Não é de hoje que as discussões que assolam o corpo humano vêm à tona. No mito de Adão e Eva, o corpo propicia o pecado e é punido com a morte, a necessidade do trabalho e a vergonha da nudez, assim apresentam Villaça & Góes na obra *Em nome do corpo*. Os mitos gregos, que retratam genealogias, são sugestivos pelas alusões às metamorfoses do corpo que se disfarça constantemente para salvar-se da destruição (VILLAÇA & GÓES, 1998).

O corpo, enquanto referencial simbólico e lugar de uma construção identitária que se articula diretamente com a imagem, vem gradativamente sendo um lugar de intervenções. As transformações corporais sempre estiveram presentes em diferentes civilizações e épocas. Podemos citar: a ornamentação e as marcações utilizadas no período neolítico, as tatuagens e os brincos dos povos maoris (nativos da Nova Zelândia), o embranquecimento da pele na antiguidade, entre muitos outros exemplos, que serviram aos mais diversificados fins: definir classe social, pertencimento ou exclusão a um determinado grupo e embelezar.

A busca incessante pela harmonia de volumes, linhas, curvas e formas, longe de associações com o impuro, sujo, profano e dissonante, tem levado muitas pessoas a transformarem seus corpos das mais diversas maneiras, sejam elas com o auxílio de diversas tecnologias do corpo, às vezes com aval da medicina, ou a partir de práticas clandestinas[13].

Como acontecem estas transformações corporais? Existem limites para o corpo e para os sonhos? O que as travestis são capazes de fazer para conquistar um corpo harmônico e belo diante do olhar do outro? Como se dão as articulações entre corpo, saúde e gênero? Como estes corpos são performatizados?

É deste leque de possibilidades e cruzamentos analíticos que fala esta dissertação, fruto de muitos encontros e desencontros que se fazem prenhes de informações, afetos e gêneses com base em muitas narrativas de travestis que "fazem rua" [14] no município de Fortaleza-CE.

---

[13] No caso específico das travestis, existe a possibilidade de recorrer às bombadeiras, que são profissionais (geralmente travestis mais antigas) que injetam silicone industrial para a modelagem dos corpos das travestis. Ver Benedetti (2005) e Pelúcio (2005). Ver também o documentário "Bombadeira – A dor da Beleza", do diretor Luis Carlos de Alencar.

[14] O termo "fazer rua" é uma categoria êmica que está diretamente relacionada à prostituição nas ruas, esquinas e avenidas. É muito comum escutarmos no meio travesti/prostitutivo esse termo, entre outros, tais como: "fazer

A nossa dissertação está estruturada em três capítulos, no primeiro dos quais traremos uma discussão acerca dos estudos do corpo. É um capítulo essencialmente teórico, com o propósito de pontuar um diálogo crítico entre a sociologia e a antropologia, tendo como ponto de partida o corpo humano e suas transformações. Traçamos um pequeno itinerário dos estudos sobre corpo, passando por vários corpos na história do ocidente, pelos corpos dominados, corpos sem órgãos, entre outros, até chegarmos ao corpo contemporâneo, um corpo híbrido, de carne e prótese, veloz e asséptico (LE BRETON, 2003). Ainda neste capítulo, desenvolveremos um tópico que se refere à metodologia do trabalho realizado. No entanto, esta também estará presente no decorrer de todo o texto. A idéia primordial é deixarmos que a metodologia da pesquisa dialogue com o texto.

O segundo capítulo é estruturado a partir de um texto polifônico, com muitas narrativas, trechos de entrevistas, relatos em diário de campo e diálogos que dão sustentação a este trabalho. Nesse capítulo, discorreremos sobre as transformações corporais e a busca por corpos canônicos dentro do contexto da travestilidade. Interessa-nos, ainda, problematizar questões ligadas à saúde das colaboradoras/travestis e sobre o processo das aplicações de silicone industrial, como também questões inerentes ao desejo de se prostituir. Esse capítulo, portanto, pode ser considerado mais "vivencial".

Ritual da beleza, performance e "fechação"[15] deflagram no terceiro e último capítulo. Aqui surgem as narrativas de corpos semi-acabados, reconfigurados ou mutilados pelo processo de (re)construção corpóreo nas ruas, nas esquinas e avenidas do município de Fortaleza. É o momento de ostentação desses corpos em constante mutação, ritualizando a beleza diante dos olhares atentos de clientes, curiosos e apreciadores. Ainda nesse capítulo, apresentaremos a biografia de Roberta Fontana com o intuito de mostrarmos que *A saga da Beleza* também se constitui de incertezas, atropelos e ressignificações.

É a partir de narrativas, como as enunciadas anteriormente, consolidadas em meses de pesquisa de campo[16], de entrevistas semi-estruturadas, de um grupo focal e da observação flutuante que estruturamos metodologicamente este trabalho, tendo como eixo central as transformações corporais, travestilidade e gênero, sendo esta última discussão necessária, porém não a principal nesse trabalho. Eis o percurso de nossa dissertação.

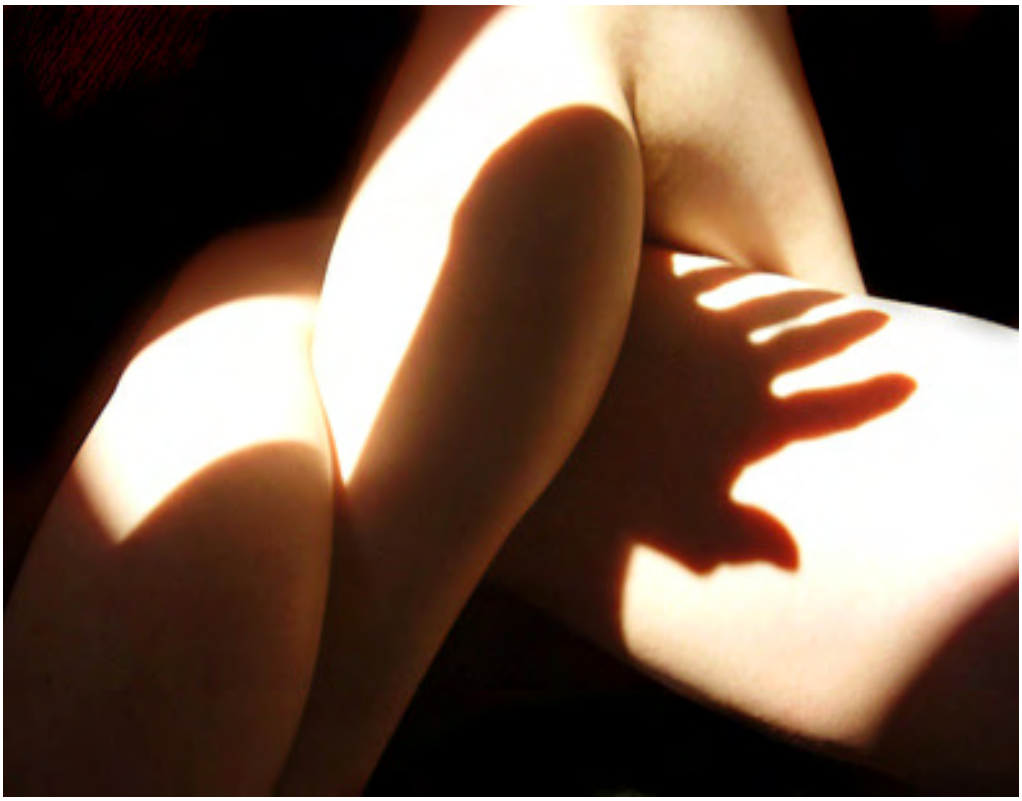
---

pista", "fazer jornal", "fazer a linha", etc. Aqui dizer é fazer, estabelecendo relações com os conceitos de ato de fala, performativo e ilocucionário. Ver Austin (1990).

[15] Fechação, em alguns contextos homossexuais, é uma figura de linguagem que diz respeito a tomar a cena, fechá-la ao seu entorno, fazer uma pose e destacar-se.

[16] Os primeiros contatos com as colaboradoras tiveram início mais ou menos em julho de 2007, ainda em João Pessoa-PB (fato descrito com maior profundidade na metodologia do texto). No entanto, a pesquisa teve sua fase mais intensa a partir de janeiro de 2008, estendendo-se até setembro de 2008.

Sombra sobre o corpo **



O que vale é a alma do desenho, dentro do seu significado. Uma verdadeira "obra do espírito", onde o mais importante é "a ação que faz do que a coisa feita".
(Paul Valéry)

* * Adriana Donato – Artista Visual

CAPÍTULO I
ITINERÁRIOS CORPORAIS

1. O CORPO EM MOVIMENTO

> "Não acabaria mais se quisesse mostrar todos os fatos que poderiam ser enumerados para evidenciar esse concurso do corpo e dos símbolos morais ou intelectuais. Olhemos, nesse momento para nós mesmos"
>
> Marcel Mauss, 1950.

1.1 Território sem fronteiras: um diálogo entre a sociologia e antropologia

As concepções de corpo são múltiplas, freqüentemente enraizadas no dualismo cartesiano[17] que por tanto tempo marcou a história ocidental. A partir do século XVIII, o corpo humano foi gradativamente sendo transformado em objeto de comando da medicina e do direito, confiscado por religiosos, tratado como um lugar de interferências comerciais e políticas, mas sempre marcou seu espaço na literatura, na música, nas artes, no discurso das ciências humanas e sociais.

Não se pretende aqui historiar a abordagem do corpo e as noções correlativas nas ciências sociais – antropologia e sociologia. Cabe, sim, apontar e refletir um pouco sobre a produção que tem sido feita sobre o corpo, intentando alinhavar alguns possíveis desdobramentos para as pesquisas que abrangem a seara da saúde, corpo e gênero.

Para o antropólogo Miguel Vale de Almeida (1996), nas décadas de 80 e 90 aconteceu um autêntico *boom* sobre o tema do corpo e da incorporação nas ciências sociais. No que se refere ao enquadramento teórico de uma Teoria Prática ou do regresso da Fenomenologia, no campo da crítica artística ou nos Estudos de Ciência, o tema foi ganhando estatuto de coqueluche nos grandes centros acadêmicos, especialmente no mundo Anglo-Saxônico.

Segundo Vale de Almeida (1996), para os antropólogos, mais especificamente, a questão do corpo acarreta tantos outros questionamentos, sejam alguns deles metodológicos,

---

[17] Segundo Descartes, existe tanto a matéria que ocupa um lugar no espaço quanto a razão consciente do ser humano. Isto embasa a definição de outro tipo de substância que é a atividade de pensar, conhecida como dualismo cartesiano. Para Descartes, a mente está em interação sistemática com seu corpo e sensações sensoriais, porém os desejos da mente fazem com que o corpo seja movido por propósitos. Isto é o que define sua individualidade. Fonte: http://cognitio.incubadora.fapesp.br/portal/atividades/cursos/posgrad/ciencia_cognitiva/alunos/jenny/RESUMO2.doc

propondo uma reflexão sobre o logocentrismo[18], a escrita, a visualidade ou a performance como instrumentos expositivos questionáveis ou potenciáveis a partir do corpo. De outro lado, encontraríamos junções de modelos lingüísticos-textuais, simbólicos, cognitivistas, fenomenológicos, hermenêuticos, ou pragmatistas, tendo como pano de fundo a experiência da investigação antropológica que tantas vezes pode nos ensinar que é preferível o diálogo entre teorias à luz da diversidade de objetos de análise e experiências de terreno do que um manual monolítico para a leitura do mundo. O autor destaca que hoje precisamos de mais "itinerários" do que de "mapas".

As contribuições de Marcel Mauss possuem um espaço incontestável no tocante à conquista de discussões sobre o corpo na antropologia e nas ciências afins.

Assim cita Vale de Almeida:

> Tanto Mauss como Van Gennep mostraram que as técnicas do corpo correspondem a mapeamentos socioculturais do tempo e do espaço. Mauss argumentou que o corpo é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. O famoso ensaio sobre as técnicas do corpo (1980 (1936)) abordava os modos como o corpo é a matéria-prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Isto é, o corpo humano nunca pode ser encontrado num qualquer suposto "estado natural" (1996:4).

Até 1950, o corpo era considerado como o melhor meio para compreender as diferentes culturas e as diferenças étnicas que sobre ele se espalhavam

Observamos que Mauss apresenta em seu discurso um cuidado em apontar a interdependência entre os domínios físicos, psicossocial e social a partir de análises dos usos metafóricos e metonímicos dos símbolos naturais na reprodução da ordem social, dizendo que

---

[18] Termo cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida, que critica o pensamento ocidental por sempre ter privilegiado o logocentrismo, isto é, a centralidade da palavra ("logos"), das idéias, dos sistemas de pensamento, de forma a serem entendidos como matéria inalterável, fixadas no tempo por uma qualquer autoridade exterior. As verdades que o logocentrismo ou "metafísica da presença" veiculam são sempre tomadas como definitivas e irrefutáveis. O discurso oral de uma autoridade também tem sido entendido como uma fonte fidedigna de construção do sentido, o que faz com essa mesma tradição ocidental seja dominada por um fonocentrismo insustentável. A autoridade exterior à linguagem que os autores tentam prevalecer não faz sentido quando não pode existir nada fora da linguagem, como defende Derrida em De la grammatologie (1967); logo não há nada fora do texto ("il n'y a pas de hors-texte"), não há nenhuma autoridade que possa fixar o sentido de um texto para além do próprio texto. Contra a falácia do logocentrismo e do fonocentrismo, Derrida defende a existência da escritura (écriture), que não está sujeita à autoridade de quem escreve. Um texto vale pelas diferenças que veicula, porque tudo nele é diferição e diferenciação de sentido, duas circunstâncias que Derrida junta no neologismo différance. O sentido de um texto está sempre adiado, nunca pode ser fixado e só a participação no jogo desconstrutivo pode aproximar-nos da verdadeira compreensão do texto porque, afinal, toda a linguagem é metafórica, ou seja, está sempre a denunciar aquilo que não é.

as técnicas do corpo não se aprendem apenas com os outros, mas descobrem-se através dos outros[19].

Em Mauss (1974), as técnicas corporais explicam-se por estarem adotadas pela vida simbólica do espírito humano, por um sistema simbólico responsável por um trabalho de taxonomia psicossociológico e por uma classificação precisa. Esse trabalho de taxonomia realizado pelo universo simbólico, por esse mundo simbólico, remonta às formas primitivas de classificação das sociedades[20].

Para Giddens (1992), o corpo não pode ser visto apenas como uma entidade física que possuímos, ele é um sistema-ação, um modo práxis, e a sua imersão prática nas interações cotidianas é essencial para a narrativa da auto-identidade. Aqui são levadas em consideração questões referentes à aparência, posturas, sensualidade e regimes do corpo. Se o corpo era um aspecto da natureza, com a invasão dos sistemas abstratos o corpo como *self* torna-se um local de interação, apropriação e reapropriação.

Mesmo com tantas tentativas antropológicas para "temperar" as demarcações epistemológicas, apontamos uma centralidade de questões do corpo nos debates cognitivos e fenomenológicos. Almeida (1996) destaca:

> Nos últimos vinte anos tem-se assistido, quer do lado da antropologia quer do lado da sociologia, a uma tentativa para ultrapassar a separação radical entre o conhecimento e prática, descentrando a construção cognitiva do conhecimento, pelo que as novas interpretações procuram abolir as dualidades entre mente e corpo, o que advém do reconhecimento da dificuldade de as pessoas terem e serem (e fazerem) corpos (1996:11).

Surge aqui a necessidade de trabalharmos o conceito de *habitus* desenvolvido por Pierre Bourdieu como uma repetição de práticas corporais inconscientes e mundanas. Este conceito tem origem maussiana e procura ultrapassar o dualismo de Lévi-Strauss, seja ele entre estruturas mentais e o mundo dos objetos materiais.

O *habitus* coloca a questão da centralidade do corpo como o *lócus* privilegiado de análise do sujeito social. Procura-se assim a existência de uma unicidade do ser, constante no tempo e no espaço, capaz de garantir uma ordenação dos acontecimentos e de dar um sentido único à vida humana: através da constância biológica/corporal. O corpo é um espaço de inscrição da nossa *condenação* social – inscrição das regras familiares e de classes, de

---

[19] Ver também a respeito: Durkheim em As Formas Elementares da Vida Religiosa (1996).

[20] Talvez o estudo mais conhecido e mais influente de taxonomias seja o "Formas Elementares da Vida Religiosa", de Durkheim. As teorias de Kant e Durkheim influenciaram também Claude Lévi-Strauss, o fundador do estruturalismo antropológico. Levi-Strauss escreveu dois livros importantes em taxonomias: *Totemism* e *The Savage Mind.*

nossas limitações coletivas, de nosso imaginário grupal – no corpo biológico, assim afirmava Kafka (1969) em seu conto *Na colônia penal*[21].

Para Montagner (2005), o *habitus* tende a ser um conceito bem elástico, quase um axioma a partir do qual é possível construir trabalhos empíricos de monta. Sua caracterização é difícil e requer uma quantidade complexa tanto de indicadores quanto de variáveis. Além disso, é um conceito que atravessa o espaço social em um contínuo que vai do indivíduo e percorre uma trilha até o coletivo, de *hexis corporal* a *illusio*[22].

Do ponto de vista de Bourdieu, é impossível captar esse todo humano que escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso em um universo social fora de nossas arestas. Mesmo perdendo parte da riqueza da vastidão humana, o que podemos executar é a objetivação do *habitus*, justamente como um resultado estável, mas não imutável, desse processo de interiorização do social e de incorporação, na pele, de nossa *persona* social, configurando-se em um sentido de jogo incorporado.

Existe uma preocupação de Bourdieu no tocante ao papel do corpo no processo de socialização do sujeito, pois existem estruturas sociais fortes o suficiente para moldar o corpo a partir da impressão de significados que enquadram o indivíduo na ordem social. Isso nos leva a fazer uma relação com a lógica de classificação, sendo esta lógica que indica um caráter ativo, de projeção e julgamentos de valor. Pressupõe uma incorporação prévia de critérios, mas essencialmente se apresenta como um espaço de estratégias, de iniciativas, de livre-arbítrio. É o lugar por excelência da atuação individual e criativa, de uma margem de manobra através da qual os indivíduos projetam sua especificidade e sua criatividade, assim destaca Montagner (2005). Essa idéia de projeto nos remete a Sartre, onde encontra aqui um reflexo, mesmo mais atenuado e mediado pelo *habitus* incorporado pelo indivíduo – *os homens fazem história, mas não a fazem como querem.*

Bourdieu (1995) define *habitus* como um sistema de disposições que atuam no cotidiano como esquemas de pensamento, percepção, avaliação ou julgamento. Em outro momento, Bourdieu (1998) realiza uma descrição do processo de construção do conceito de *habitus* e nos propõe que:

> A relação dóxica com o mundo natal (...) é uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira

[21] Kafka, F. Metamorfose, *Na colônia penal*, O artista da fome. (3ª. Ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

[22] Esse percurso abrange as lógicas de retenção, mediação e classificação, categorias de análises trabalhadas por Pierre Bourdieu.

> absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história. (Bourdieu, 1998, p.83).

Observemos os apontamentos anteriores colocados em uma das teses centrais do autor, segundo os quais o processo de construção do sujeito comporta um envolvimento histórico no sentido de apropriação do mundo material carregado de valor simbólico por parte do corpo, corpo esse que ainda resta saber até que ponto é sujeito, ou se ele é coisificado pela própria proposta teórica do autor.

Devemos concordar que esse é um dos pontos mais conflitantes na teoria de Bourdieu que, pelo seu viés estruturalista, acaba criando um sistema restrito para pensar a sociedade, expelindo da cena social o sujeito, criado pelo *habitus*. Desta forma, o corpo ocupa um lugar central na estruturação dos espaços sociais a serem ocupados pelos sujeitos. Nesse caso, tanto Mauss quanto Bourdieu tomaram o corpo como sendo um mediador prático entre o simbólico e o social.

No discurso contemporâneo, teria emergido de uma das maiores manifestações de uma crise na epistemologia e na política do pensamento Ocidental. A elevação do corpo ao lugar ocupado pelo sujeito, agente e indivíduo social.

A partir de maio de 68, um novo arsenal começa a instaurar-se no que diz respeito às discussões sobre corpo. Observemos que as estruturas construídas por intelectuais como Lévi-Strauss, Althusser e Sartre começaram a ser questionadas/enfrentadas por idéias onde o corpo passou a ser visto como subjetivo, erótico e emocional. Vale destacar que esta fase se consolidava por bases do pensamento de Michael Foucault.

Em Foucault, o corpo não tem "carne", a "resistência" do corpo é vista como sua emanação natural, tal como o poder é visto como emanação natural da sociedade. Nesse período, denominado pós-estruturalista, o corpo é "o corpo": um indivíduo abstrato, singular, intrinsecamente auto-existente e socialmente desconexo. Assim continua Almeida (1996):

> ... para os novos movimentos políticos de resistência pessoal, social, cultural e ambiental, o corpo consiste essencialmente em processos de atividades auto-produtiva, ao mesmo tempo subjetiva e objetiva, significativa e material, pessoal e social, um agente que produz discursos bem como os recebe (p.16).

Foucault destaca o corpo como expressão e sustentáculo das forças de poder e de saber que se articulam estrategicamente na história da sociedade ocidental. A corporeidade ocupa uma posição central na obra de Foucault, que a ressalta como realidade bio-política-

histórica, isto é, como "interpenetrada de história" e ponto de apoio de complexas correlações de forças, sobre a qual incidem inúmeras conformações discursivas produtoras de "verdades" que tanto podem reafirmar como recriar o sentido do corpo presente, ou a sensibilidade individual/coletiva nele imanente. No caso, não é o sujeito epistemológico autônomo que produz um saber útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem que representam as formas e os campos possíveis do conhecimento. Na medida em que Foucault retira do sujeito autônomo de conhecimento seu papel central no processo de produção do saber, o corpo adquire uma importância renovada. O corpo é uma peça dentro de um jogo de dominações e submissões presente em toda a rede social, que o torna depositário de marcas e de sinais que nele se inscrevem de acordo com as efetividades desses embates que, por sua vez, têm na corporeidade seu "campo de prova".

Em *Vigiar e punir* (1987), Foucault inaugura o método genealógico, no qual narra não apenas o nascimento das prisões, mas uma nova forma de poder investida no corpo, modelando e controlando o indivíduo. Para Foucault, o que o seu método apresenta é o nascimento de uma nova realidade social na Idade Moderna, baseada na disciplina, cujo investimento é realizado maciçamente sobre o corpo. Sob essa perspectiva, o corpo significa muito mais do que efeito biológico: é a superfície sobre a qual o poder-saber se exerce, presente na constituição e na manutenção do próprio poder. Se por um lado o poder o detém, investe, manipula, exigindo-lhe formas e condutas, por outro esse investimento político sobre o corpo instalará um sistema complexo e recíproco de sua utilização visando sua força produtiva. Em outros termos: se o poder-saber se abate sobre o corpo, o próprio corpo se apóia nesse resultado para realizar seus movimentos que redundam em sua composição e/ou transformação.

O autor utiliza o corpo como um ativador de forças impulsionadas pela alma, cuja realidade é produzida pelo poder-saber, que constrói um discurso centrado em substantivos como psique, subjetividade e personalidade que, na realidade, surgem como peças discursivas a partir da ação das tecnologias do poder-saber sobre o corpo. Esse processo é desencadeado a partir da vigília, do controle, modelados sobre os sujeitos participantes da sociedade e permite que o indivíduo incorpore um sistema de produção e de controle que o modelará por toda a sua existência. Assim, o corpo é a peça central para a vitalização desse sistema, “originado” das relações, das experiências estabelecidas de sua existência, “que se tornou um componente essencial para a operação de relações de poder na sociedade moderna”.

Foucault argumenta que o corpo está inserido em um campo político no qual "as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais" (FOULCAULT, 1997:28).

Até então, se vivíamos imersos numa sociedade disciplinar, o cenário atual nos leva a perceber que estamos interagindo dentro de um sistema que compõe uma sociedade de controle, na linguagem Foucauldiana.

Em Deleuze (1998, p. 220), essa transição (de sociedade disciplinar à sociedade de controle) se configurou a partir da crise generalizada de todos os meios de confinamentos: hospital, fábrica, prisão, escola e família. Assim, observamos que as sociedades de controle apresentam uma lógica totalmente diferente. De um lado, o controle é algo "autodeterminante", por outro, "o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado. É como se a modulação do controle fosse uma "coisa" que circulasse para "determinar" as ações dos indivíduos que subjetiva. Nestas sociedades, os fluxos se dão de forma mais flexíveis, uma vez que as sociedades de controle não dependem das instituições de base. Antes, as técnicas de dominação do corpo eram constituídas por tutelas, hoje a lógica de funcionamento se dá através de balizas, neste contexto chamadas de "balizas corporais".

Desta forma, talvez seja bem mais produtivo pensarmos os novos movimentos sobre o corpo na sociedade de controle, mesmo sabendo que a invenção do corpo teve sua origem em uma lógica disciplinar.

É importante percebermos que, nas sociedades de controle, o aspecto disciplinar não desaparece, apenas muda a atuação das instituições. Os dispositivos de poder que ficam circunscritos aos espaços fechados dessas instituições passam a adquirir total fluidez, o que lhes permite atuar em todas as esferas sociais. Entre os princípios norteadores desta dinâmica, destaca-se a abolição do confinamento enquanto técnica principal.

1.2 Corpos temáticos na contemporaneidade

> Cada vez mais sentimos o corpo como um acessório de pertença, algo a ser consertado, completado ou aniquilado [...] O homem dói pela sua insuficiência. Daí o desejo de completar-se com uma forma de fabricar uma identidade dentro do olhar do outro (LE BRETON, 2001).

> [...] nós [travestis e transexuais] nos tornamos no que nos dá vontade, é só querer e fazer uso de tudo que tem por aí para nos transformar [...] (Julieth).[23]

Inicialmente, a pluralidade das vozes em epígrafe sugere o que está em questão neste trabalho: o corpo, as suas transformações, as possibilidades e seus limites, se é que eles existem, alimentados pelo desejo de mudança, de uma conquista expressiva que exala beleza, volúpia e reconhecimento em si e no outro.

Nietzsche, Freud e Deleuze, seqüencialmente e de formas diferentes, redescreveram o corpo como uma superfície que reflete as características peculiares da vida moderna, o corpo tornado idêntico a sua imagem vivida (VILLAÇA, 2007:64).

O século XXI abre as cortinas do seu cenário composto por uma série de transformações decorrentes dos novos valores instaurados nas sociedades Ocidentais. A tecnologia com base na informação transformou paulatinamente o modo de pensar, produzir, consumir, comunicar. Alterou o modo de viver das pessoas. Presenciamos mudanças tanto no plano das realidades sócio-político-econômicas quanto nos modos de subjetivação, que parecem indicar transformações no que se constituiu como solo para o nosso corpo. Existe uma formatação incorporada.

Na contemporaneidade, a questão não se trata apenas de formatar o corpo, mas de tematizá-lo. São criados discursos para a construção de vínculos que possam legitimá-lo, com a intenção de desenvolver uma outra subjetividade: a busca de um "corpo perfeito/canônico" é uma espécie de legitimação e reconhecimento dentro diversas *teias de significados* tecidas, no sentido weberiano do termo.

Para David Le Breton (2003), o indivíduo, na sociedade contemporânea, pensa o corpo como um material, como um simples suporte e veículo da pessoa. Assim andando e pensando, ele parece se afastar cada vez mais do seu próprio corpo e concebê-lo como uma matéria imperfeita, corrigível e, finalmente, dispensável. Na contemporaneidade, classificamo-o como uma linguagem, ou seja, ele é expressão seja de um grupo ou de uma identidade pessoal. O corpo enquanto espaço de expressão vai dando significados às pessoas que o modificam e àquelas que são interpeladas por tais intervenções. Além disso, os diferentes significados que são atribuídos às remodelagens corporais é o que dá um senso da própria constituição dos sujeitos, de quem são e de seus pertencimentos.

---

[23] Entrevista realizada em 07/07/2007, em João Pessoa/PB, com a transexual Julieth (nome fictício), no momento inicial da pesquisa.

Observamos que cada vez mais as pessoas vêm cultuando de forma frenética os corpos "encaixados" nos padrões de beleza vigentes, são corpos bronzeados, magérrimos, musculosos, sensuais, tatuados e repletos de adornos. Existe uma ânsia de interferência sobre e sob a superfície corpórea, nem que para isso se submetam a violentas cirurgias/intervenções. O corpo passou a ser visto como uma estrutura a ser modificada ou, para muitos, uma "vitrine ambulante". Segundo Le Breton (2006), para fugir do senso comum, os indivíduos "tomam posse" do corpo, fazendo dele um objeto no qual as pessoas fazem o que desejam. Para o autor, o corpo é liberto, "sem que saibamos bem o que acontece com o homem". Tudo isso porque o corpo é visto como um local "de rompimento e da diferenciação individual" (LE BRETON, 2006:11).

O mito grego de Pigmalião nunca esteve tão em evidencia em nossa sociedade como agora, principalmente quando nos remetemos às discussões que giram em torno da busca incessante por corpos perfeitos, harmônicos e desejados. Vejamos o mito (BULFINCH, 2005):

> Um rei cipriota via tantos defeitos nas mulheres que acabou por abominá-las, resolvendo viver solteiro. Era um exímio escultor e, por isso, decidiu esculpir a estátua de uma mulher em marfim, dotando-a de uma beleza que ultrapassava a de qualquer outra mulher de carne e osso. Parecia ser tão real e era tão perfeita, que assemelhava-se a uma jovem viva e somente o recato a impedia de mover-se. A arte, por sua própria perfeição, ocultava-se, e a obra parecia produzida pela própria natureza. Pigmalião admirou tanto sua obra e acabou apaixonando-se pela criação artificial. Muitas vezes apalpava-a, para ter certeza se era viva ou não, não podia mesmo acreditar que se tratasse apenas de uma estátua em marfim. Enfeitiçado de paixão por uma estátua esculpida detalhadamente ao seu bel-prazer, com curvas arredondadas, linhas e expressões completamente harmônicas, quando chegou o dia de um célebre banquete em homenagem a Afrodite, deusa da beleza e do amor, Pigmalião dedicou a ela um sacrifício, suplicando para que lhe enviasse uma mulher semelhante à estátua esculpida por ele. Afrodite atendeu ao pedido e, ao voltar para casa, o rei percebeu que a 32 estátua estava viva. Pigmalião casou-se com ela e deu-lhe o nome de Galatéia, com quem, um tempo depois, teve uma filha chamada Pafos. Pelo pedido realizado, Afrodite recebeu um grande santuário construído pelo rei.

Notamos no mito a presença da idéia do corpo como um objeto a ser construído e moldado de acordo com os desejos individuais. Hoje, num cenário configurado por inúmeros tipos de corpos (corpo urbano, máquina, objeto, público, sexualizado, consumidor, cibercorpo, malhado, genético, medicalizado etc.) e possibilidades de intervenções corporais hoje disponíveis, o corpo é cada vez mais assumido como um suporte "plástico, isto é, instável e recomponível", lugar de "desfiguração, mas também variabilidade, continuidade e

criatividade". A sua anatomia deixa de ser um destino herdado, para passar a constituir um dever moldado, uma matéria bruta a esculpir, a redefinir, a fabricar, a "submeter ao design do momento" (LE BRETON, 2000:208). O corpo torna-se, assim, em um lugar aberto à atualização constante, inacabado, contingente, um território que pode ser trabalhado por partes ou "completamente". O desejo de transformar o corpo em um objeto parece sim evocar "escultores", bombadeiras e cirurgiões plásticos como Pigmalião, a fim de dotar esse corpo de uma beleza estabelecida, uma espécie de "ocidentalização das formas"[24]. A possibilidade de se assumir novas "identidades" parece colaborar para a experimentação de diferentes formas corporais (REZENDE, 2005).

Na contemporaneidade, o corpo é significante, uma representação do potencial de eficiência do sujeito no tocante ao seu desempenho social, previsto pelas ordens do mercado. O homem, que no projeto contemporâneo é percebido como ser híbrido, é também semiótico. É na sua aparência que estão embutidas todas as crenças e valores. É na corporeidade que se expressam ideologias e possibilidades; as idéias estão materializadas nos corpos. Como aponta Nízia Villaça (2007), na atualidade "a aparência é utilizada para atingir o indizível". É através dela que se revelam subjetividades e criam-se identidades que conduzem a pertencimentos. Atualmente, é mais fácil mostrar a aparência do que discutir conteúdo. Mais que pelo narcisismo, o corpo é hipervalorizado pela visibilidade, e a imagem se torna tão importante quanto o discurso.

1.3 Além do humano e do robótico: demasiadamente ciborgue?

As linhas do imaginário são verdadeiras linhas de vida.

Gaston Bachelard

[24] A psicanalista Susie Orbach, professora da *London School of Economics*, realizou uma pesquisa e constatou que apenas 2% das mulheres do mundo, em geral, se consideram bonitas. A pesquisa ouviu três mil mulheres, em dez países diferentes. "Reduzimos tanto o padrão de beleza que poucas se acham belas", afirma Orbach. Segundo a psicanalista, o padrão determina que a mulher, para ser bonita, tem que ser ocidental, alta, magra, branca ou negra, e com cabelos lisos. A pesquisa constatou ainda que as mulheres estão recorrendo às cirurgias dolorosas para alcançarem tal perfil: as chinesas, por exemplo, estão se submetendo a cirurgias na perna para aumentar a altura. As japonesas, que na pesquisa aparecem como as "campeãs da baixa auto-estima", recorrem à cirurgia plástica na nuca e nos olhos para ficarem parecidas com as ocidentais. Na pesquisa, o Brasil foi apontado como o país em que as mulheres mais fazem cirurgias estéticas. Para Susan Orbach, essa obsessão com a cirurgia plástica tem a ver com a idéia de que "a juventude está com o poder" (LIMA, 2005).

As transformações corporais mediadas pela biotecnologia[25], pela realidade virtual, configurando um hipercorpo, um corpo híbrido, desterritorializado, reatualizam as discussões sobre o corpo gerando uma dissonância entre o corpo que sou, o corpo que quero e as possibilidades que cercam o corpo. São muitos os aspectos que interferem sobre a nossa forma corporal e sobre os limites da nossa corporeidade. É interessante percebermos o movimento sinuoso de controle e afrouxamento dos sujeitos existente em uma sociedade de controle. Essa sociedade de controle vem oferecendo uma gama de possibilidades ao sujeito para que ele possa se reinventar a bel-prazer por meio de uma série de aparatos tecnológicos e cirúrgicos disponíveis. Para alguns teóricos (SANT'ANNA, 2001; HARAWAY, 2000), atualmente fica complicado arriscar onde se localiza a "fronteira" do natural e artificial, os limites tornam-se tênues, caminhando para a fusão completa, como amálgama. Presenciamos a perda dos contornos humanos à medida que a biotecnologia avança.

As novas tecnologias e os aparatos disponíveis, com seus discursos, suas experiências e suas descobertas, sonham com um corpo biônico, perfeito, com próteses ou não, controlável como um computador e nos convidam a conceber a carne do corpo como um puro feitiço, do qual seria melhor se livrar logo.

De acordo com Berenice Bento (2007), analisar os corpos enquanto *próteses* significa desfazer-se da relação dicotômica corpo X natureza para apontar o corpo como resultado de tecnologias e o gênero como resultado de técnicas que produzem corpos sexuais. Com as novas tecnologias, as fronteiras entre os animais e os seres humanos, entre o orgânico e o inorgânico, entre cultura e natureza, entram em colapso. É por isto que a biotecnologia sugere um novo entendimento sobre o que seria a vida, focalizando na sua dimensão

[25] Entendida como um conjunto de práticas e saberes para aplicação tecnológica, a biotecnologia usa sistemas biológicos e organismos vivos para construir e/ou modificar produtos ou processos para fins específicos. Produtivo campo de pesquisa e de experimentação, a biotecnologia tende a identificar a mente, o corpo e suas partes às matérias primas manipuláveis e controláveis, visíveis em diversas reparações clínicas do corpo e da pessoa, nas dietas alimentares, na assistência médica à procriação, com suas técnicas de fertilização *in vitro*. (SILVA, 2008).

molecular. Híbrido de máquina e organismo, o ciborgue[26] simboliza a ruptura e a confusão dessas fronteiras:[27]

> As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres do mundo todo. As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. A fronteira entre ferramenta e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas de corpos possíveis (incluindo objetos de conhecimento) é permeável. Na verdade, o mito e a ferramenta são mutuamente construídos. (Haraway, 2000, p.70).

Observamos, então, que o ciborgue seria, assim, o modelo dessa nova política de identificação dos novos modelos corporais e da construção de novos seres.

Pensemos neste instante com mais atenção o mito ciborgue. No mito de Haraway (2000), o ciborgue, esse ser híbrido entre homem e máquina, é um ser completamente revolucionário/inovador. Nele a relação de gênero é desconstruída agora em favor de uma relação que podemos cunhar de *pós-gênero,* já que as diferenciações orgânicas e históricas que levam ao domínio total do gênero masculino sobre o feminino, em um discurso quase que naturalizante da superioridade do homem sobre a mulher, são desconstruídas pela "simples" hibridização do corpo orgânico. Essa "simples" hibridização do corpo orgânico permite a desconstrução das diferenciações de gênero pela diferença orgânica, permite o redimensionamento das categorias mulher-homem, ajuda a reconstrução de uma prática política totalmente nova, questionadora dos valores até então hegemônicos, patriarcais e machistas. Desconstrução e reconstrução de identidades, sejam elas femininas ou masculinas, não é mais por uma questão de natureza, mas agora por uma questão de afinidade.

---

[26] Segundo Regis (2004), o termo ciborgue é uma contração de *organismo cibernético* e foi inventado pelo engenheiro biomédico Manfred Clynes, em 1960. O fato de o termo ter aparecido na década de 1960 não é coincidência. A efervescência cultural e científica que estava acontecendo na época devido a eventos políticos e econômicos, tais como o movimento *hippie,* corrida armamentista americana e a Guerra do Vietnã, revolucionou e redimensionou a sociedade ocidental. Importantes descobertas para a ciência sobre os estudos no corpo humano, ainda na década anterior, foram a da estrutura em dupla hélice do DNA em 1953, por Francis Crick e James Watson, e depois, em 1956, a existência dos 46 cromossomos no nosso organismo. Estas descobertas abriram as portas para o estudo do genoma humano em 1990, afetando as integridades do corpo e da identidade humana, gerando o que tem sido chamado de crise do corpo.

[27] "Aquilo que vem sendo denominado de era pós-biológica (...) é fruto de um processo evolutivo cujo início remonta ao advento do neo-cortex e de sua matéria prima precípua: a linguagem, a capacidade simbólica, os signos. As extensões da capacidade simbólica ou memória externalizada (...), isto é, as formas de escrita e de imagens, seguidas pela hiperprodução técnica de imagens e sons e, então, pelas tecnologias teleinformáticas, são a mais recente etapa nos ciclos evolutivos da espécie humana." (Merlin Donald apud Santaella, 1998).

Quando Donna Haraway destaca “prefiro ser uma ciborgue a uma deusa”, ela não afirma ser diferente ou especial, ela destaca que as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam.

O ciborgue, para Haraway (2000), coloca em xeque os mitos da origem, as nostalgias de restauração, as fantasias de unidade e totalização e os raciocínios teleológicos. O mito do ciborgue problematiza ainda as dicotomias que têm servido de fundamento ao pensamento ocidental: mente/corpo, organismo/máquina, natureza/cultura. Entre o humano e a máquina, o ciborgue nos força a repensar a ontologia do sujeito humano.

A (re)construção da categoria “corpo” na atualidade passa inevitavelmente pela técnica. Os vários e impressionantes avanços bio-tecnológicos alcançados por essa sociedade têm implicações profundas na forma como as pessoas constroem suas identidades e individualidades. Então, analisar todo esse processo tecnológico que migra para dentro do nosso corpo e que tem implicações profundas nas nossas vidas é tentar entender e buscar ser um agente ativo em todo esse processo. Seriamos todos ciborgues?

2. A MONTAGEM DE UM CAMPO CONCEITUAL

"Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar."

Antônio Machado

Os trabalhos etnográficos em antropologia foram iniciados com a clássica descrição de Malinowski acerca do kula entre os trobriandeses, constituindo-se, até hoje, em uma segura orientação para os neófitos. As etnografias, nos primórdios da antropologia, significavam a mais próxima relação entre os pesquisadores da metrópole e os que colhiam dados etnográficos de primeira mão (FAULHABER, 1997).

Modernamente, vários autores (DAMATTA, 1997; PEIRANO, 1995) sinalizam a importância do trabalho de campo como o modo característico de coleta de novos dados para a reflexão teórica. Deste modo, fica inteiramente aberta a experimentação num sentido mais profundo, através de uma vivência longa e profunda com outros modos de vida, com outros valores e com outros sistemas de relações sociais.

Não seria necessário afirmar que a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofistica, quando desafia os conceitos estabelecidos

pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação da realidade 'nativa' com a qual se defronta. Conforme DaMatta (1997), a base do trabalho de campo como técnica de pesquisa na área da antropologia e sociologia é fácil de se justificar abstratamente. Trata-se, basicamente, de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências, sejam elas as dos cronistas, dos viajantes, dos historiadores ou dos missionários que andaram antes pela mesma área ou região.

Uma etnografia deve ser guiada preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. As técnicas não seguem padrões rígidos, são criadas de acordo com a realidade do trabalho de campo, contribuindo para revelar o significado cotidiano no qual as pessoas agem e encontram o significado das suas ações. Durante a realização de uma pesquisa etnográfica, é necessária uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador durante os "longos" períodos de observação do outro e/ou das diferenças. Desse modo, o "torna-se nativo", nos termos de Malinowski, e a observação participante são apenas alguns elementos neste caminhar.

Para Peirano (1995), a etnografia não é algo que se faz espontaneamente, nem a inclinação ou o talento podem ser dispensados. Mas meras descrições de um fenômeno de uma cultura em termos de outra são um arremedo necessariamente pobre da prática antropológica e, por definição, estão condenadas a não passar de afirmações de um tipo popularesco.

Atualmente, a principal corrente entre os antropólogos é denominada de meta-etnografia ou meta-antropologia. Para Reynoso (1991), participam desta corrente desenvolvida nos Estados Unidos James Clifford, George Marcus, Dick Cushman, Marilyn Strathern, Robert Thornton, Michael Fischer, entre outros, e, mais recentemente, também Clifford Geertz. Essa corrente tem como objeto de estudo a etnografia como texto e gênero literário. Enfatiza as novas alternativas de escrita etnográfica, onde podemos incluir também citações de depoimentos, propostas coletivas, podendo outros colaboradores surgir no texto (é preciso deixar as pessoas falarem para tornar o texto um diálogo).

É nesta perspectiva que tentaremos desenvolver este trabalho, utilizando as narrativas apreendidas durante a pesquisa rumo à construção de um texto polifônico, no qual se articulam trabalhos e técnicas de naturezas diversas. Segundo Arantes (2000), texto "polifônico" é um texto que incorpora outras vozes: as dos pesquisados e sujeitos dos processos sociais em estudo, considerados também autores do texto etnográfico.

Essa dimensão etnográfica foi sendo incorporada por mim e tornando-se mais familiar a partir da minha aproximação com universo *trans*[28] em Sobral/CE, em meados de 2004, no momento em que passei a tecer minha monografia para a obtenção do título de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA. Esta monografia teve por objetivo discorrer sobre os conflitos e as cumplicidades existentes entre garotas de programas e travestis que cotidianamente se prostituem em dois postos de combustível localizados na BR-222, no município de Sobral/CE. Intitulada "Jogos de Damas", foi feita uma alusão às possíveis e existentes demarcações do território prostitutivo, das estratégias e articulações na disputa por clientes, das estratégias de sobrevivência, entre outros aspectos, que podem compor o universo da prostituição e da travestilidade.

Desenvolvi este trabalho monográfico paralelo a uma extensa pesquisa de campo, o que me fortaleceu enquanto pesquisador. A partir do segundo semestre de 2005 e ao longo de 2006, continuei (re)formulando novas indagações acerca da travestilidade e desenvolvendo um trabalho (in)direto com as travestis, sem a preocupação de sistematizar falas e fazer um trabalho científico, mas de fomentar vínculos e conquistar confiança do grupo. Esta minha ligação como o grupo se dava a partir dos movimentos[29] em prol da prevenção de DST/AIDS em diversos pontos de vulnerabilidade, tanto no município de Sobral-CE como na capital Fortaleza-CE. A minha trajetória acadêmica é retomada em março de 2007 quando ingresso no curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Apesar de ter ingressado com um projeto que dava continuidade ao trabalho desenvolvido em minha graduação, meses depois migrei para outra temática, que no momento me parecia interessante dentro da academia, e que num futuro poderia me oferecer novas possibilidades na área da saúde. Comecei a trabalhar com questões relacionadas à construção do sofrimento no imaginário médico. Meses depois, existiam poucas coisas refletidas e sistematizadas por mim no tocante ao sofrimento no imaginário médico.

Travestilidade, gênero e saúde retornam às minhas leituras e escritos, e um novo projeto de pesquisa aparece no início do segundo semestre. Passemos agora para minha trajetória entre travestis, bombadeiras, hormônios e muitos "closes[30]".

---

[28] O termo "transgênero" surgiu como um denominador geral que inclui *drags*, travestis, transexuais e transformistas, classificando todos os membros com base nos seus "desvios' relativamente ao comportamento socialmente esperado do gênero em que foram classificados ao nascer.

[29] ASTRAS – Associação Sobralense das Trabalhadoras do Sexo e ATRAC – Associação das Travestis do Ceará.

[30] Dar close: ficar poucos minutos em algum lugar ou dar pinta, que significa também mostrar afetação.

Apesar de já possuir um contato superficial com o universo pesquisado, existem sempre muitas incógnitas a serem minuciosamente descortinadas, muitos tabus a serem superados e muitos preconceitos a serem desmistificados. A cada pesquisa é necessário uma nova conquista do grupo para se estabelecer laços de confiança. Antes, eu me apresentava ao grupo pesquisado como um profissional na área da saúde e, hoje, como pesquisador que busca consolidar informações acerca de suas intimidades.

Antes de prosseguir, não posso me furtar de destacar que no período de julho de 2007, ainda pagando os créditos exigidos pelo programa de pós-graduação da UFPB e construindo um novo projeto de pesquisa como mencionado anteriormente, comecei a coletar alguns dados e a amadurecer algumas inquietações que serviram de base para o desenvolvimento do trabalho que ora apresento. Tive, em João Pessoa/PB, travestis e transexuais femininos[31] também como colaboradoras. As mesmas participavam do curso de Eqüidade de Gênero no Currículo Escolar desenvolvido pelo CEFET/PB e Ministério da Educação, onde eu estava como um dos facilitadores do curso. Ao longo da dissertação surgirão algumas narrativas que se referem a estas colaboradoras.

A partir de janeiro de 2008, minha inserção no campo começa a ganhar fôlego, e os primeiros caminhos deste trabalho começam a ser traçados com mais clareza e objetividade no município de Fortaleza/CE.

A minha inserção em campo se deu através da "observação flutuante". Conforme Márcio Goldman (1995), "a observação direta e contínua se transforma em 'observação flutuante', semelhante à 'escuta flutuante' do psicanalista: o observador está sempre em situação de pesquisa, sua atenção podendo ser exigida a qualquer instante". A opção por esse tipo de observação me deixa à vontade pelo fato da não-necessidade de "morar" com os indivíduos que irei investigar. Ademais, sou pesquisador e morador da cidade. Esses fatores não são únicos, acrescente-se ainda que sou freqüentador de alguns espaços LGBTT, boates, bares etc. Enfim, quero aqui chamar a atenção para o fato de o pesquisador participar de determinadas práticas dos seus colaboradores por habitar a mesma cidade e também construir nela seus referenciais.

No contexto das sociedades complexas, a observação participante ganha sentido como observação flutuante, pois estamos sempre em situação de pesquisa e o longo

[31] Destaca Berenice Bento (2006): por "transexuais femininas" ou "mulheres transexuais" refere-se aos homens biológicos que se sentem mulheres; e por "transexuais masculinos" ou "homens transexuais", às mulheres biológicas que se sentem homens.

trabalho de campo transforma-se em longuíssimo trabalho de campo, assim afirma Goldman (1999).

Shopping Center, bares, botecos, centro comercial da cidade, boates, ruas e avenidas por onde as travestis costumeiramente se prostituem... São esses os ambientes que compõem parte da coleta de dados da minha pesquisa. Ter em mãos o diário de campo e um gravador portátil era indispensável, a qualquer momento algo novo e preciso poderia se configurar em minha frente.

Nem sempre esses instrumentos (diário de campo e gravador portátil) eram apropriados em certas ocasiões. Muitas vezes, ao me despedir da colaboradora, eu começa a sistematizar o que havia observado e escutado em meu diário de campo. Algumas vezes cheguei a sistematizar estas percepções falando ao gravador rapidamente com medo de perder algum dado ou descrição que no futuro me fosse preciosa, em seguida as transcrevia.

Paralelo à realização da observação flutuante, comecei a articulação de um grupo focal a partir de contatos da Associação das Travestis do Ceará – ATRAC; de vários telefones capturados esporadicamente na noite gay, principalmente na mais antiga boate gay no centro de Fortaleza[32]; como também das minhas idas ao território do centro da cidade, onde a prostituição travesti domina. Até então, a estratégia do grupo focal me parecia como sendo a melhor estratégia avaliativa do meu trabalho.

O Grupo Focal (GF) é uma técnica de coleta de dados qualitativos que se dá por meio de entrevistas grupais, apropriada para estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos. O traço de distinção do GF, conforme Banchs (2005:410), "é o uso explícito da interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis fora do contexto de interação que se encontra no grupo". Esta técnica foi definida por Leopardi et al (2001:258) como "uma forma de coletar dados diretamente das falas de um grupo". Os dados obtidos com o uso do GF são ricos, pois ele possibilita capturar expressões e formas de linguagem não apreensíveis por outras técnicas. Assim:

> A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas. As pessoas nos grupos estão mais propensas a acolher novas idéias e a explorar suas implicações. Descobriu-se que os grupos assumem riscos maiores e mostram uma polarização de atitudes – um movimento para posições mais extremadas. Com base nestes critérios, o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vistas dos outros na formulação de

[32] A rotatividade de espaços LGBTT em Fortaleza é enorme, são raros os espaços que conseguem se consolidar durante muitos anos no mesmo local ou com o mesmo proprietário e nome fantasia. A boate *Divine* é a única que há dez anos vem conseguindo se manter, reunindo um grande público trans, principalmente de travestis e transformistas. Mais adiante teremos outros dados sobre esta boate.

> suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros (GASKELL, 2005:76).

A discussão espontânea diferencia-se daquela desencadeada em um GF, salienta-se que no GF os(as) integrantes são convidados(as) a participar com uma finalidade específica; o tema não emerge do grupo, mas do(a) pesquisador(a); a conversação ocorre na presença de um(a) moderador(a), que procura direcionar as tarefas do grupo através das discussões, controlando o tempo e estimulando a fala de todos(as); e de um observador(a), que tem a função de captar e registrar informações essenciais que ajudarão ao(à) moderador(a). Ainda, o local dos encontros não deve ser familiar aos (às) participantes (BANCHS, 2005; TELLES, 2006).

Com a ajuda de alguns amigos, consegui preparar o material[33] e montar um grupo focal. Dividimos as atividades e a condução do grupo. O grande dia chegou, 12 de abril de 2008. O grupo focal foi realizado no período da tarde em um espaço no centro de Fortaleza, isso facilitaria o acesso a todas as colaboradoras. Convidamos um número bem maior de travestis (cerca de 15 a 18 participantes), já prevendo as possíveis ausências ao grupo focal. Tivemos a presença de 09 travestis e conduzimos o grupo, porém os resultados se apresentaram de forma muito tímida diante das nossas expectativas, pois questionamentos sobre transformações corporais quase não apareceram. A avaliação do processo feita por mim e por Rosani (amiga) nos levaram a crer que a falha na coleta dos dados se deu devido à condução do grupo. Decidi, naquele momento, partir para outra estratégia metodológica. Não descartando o material coletado neste único grupo focal realizado, optei desde então por trabalhar também com entrevistas semi-estruturadas.

Procuramos direcionar as entrevistas ao objetivo do trabalho. A primeira parte referia-se às transformações corporais, em seguida abordamos questões em torno da saúde e finalizamos a ultima parte do roteiro na perspectiva da *performance* e dos rituais da beleza, dando coerência a proposta do trabalho.

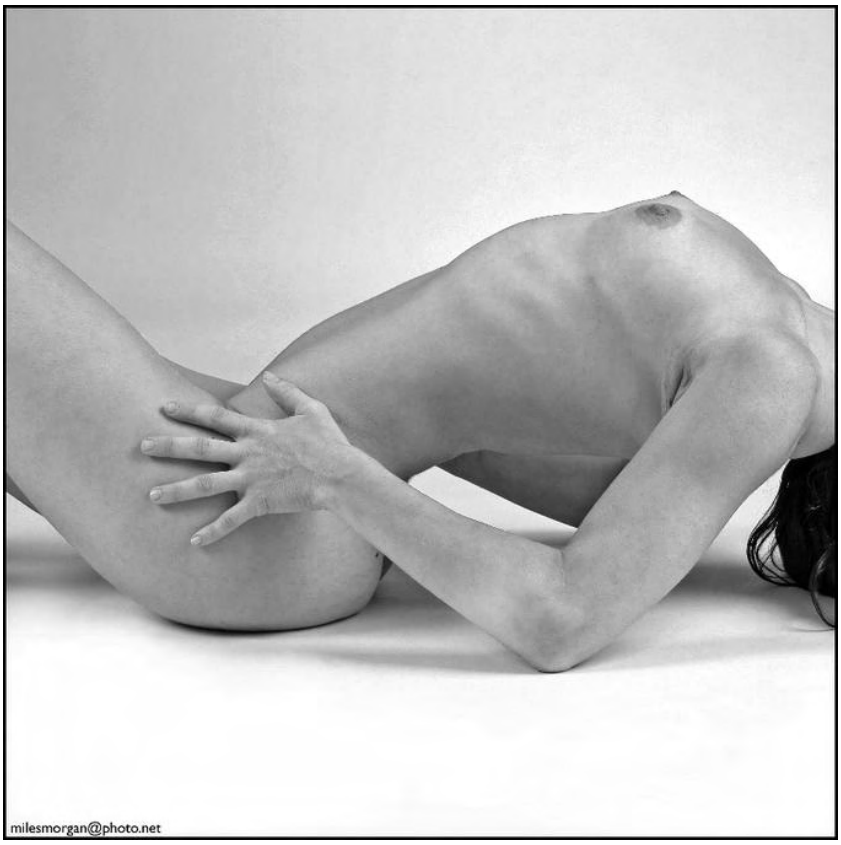
As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas próprias colaboradoras, dependia muito da disponibilidade e do tempo. Foram realizadas em suas próprias residências, shoppings, salões, barzinhos e até mesmo na rua depois de suas "batalhas"[34] noturnas. O meu relacionamento com as colaboradoras foi sendo construído gradativamente com o auxílio de uma rede de amizades já existente e outras "amizades"

---

[33] Vide em anexo as perguntas norteadoras do Grupo Focal.
[34] Forma êmica utilizada para denominar a atividade da prostituição.

construídas no percurso do trabalho. Vale destacar que, além das entrevistas realizadas, muitos outros momentos foram compartilhados por nós. Cigarros, cervejas, uísques, risadas, segredos, baladas, denúncias e muitos truques necessários pra se viver a experiência travesti, que me foram apresentados em estados de sobriedade e de embriaguez. É partindo de todas as histórias coletadas, do material aproveitado do grupo focal, de 10 entrevistas realizadas (com os informantes-chaves realizei mais de uma entrevista), das gravações, das fotos, das minhas anotações em diário de campo e da observação flutuante que a finalização deste trabalho será possível.

Ambigüidades Perfeitas



"(...) as pessoas sempre me perguntam aonde quero chegar. (...) aí eu respondo que não sei, mas que não deixarei de buscar meus ideais e a transformação da minha imagem. (...) a imagem é tudo".
Virna Muniz (Entrevista em 04/07/2007).

CAPÍTULO II

EM BUSCA DE CORPOS CANÔNICOS: TRAVESTIS ENQUANTO SUJEITOS EM (TRANS)FORMAÇÃO

> "Mais do que estar com um homem, o que me dá mais prazer é sair na rua e saber que estou incomodando a todos com a minha beleza, principalmente às mulheres". (Letícia Padilha)[35]

Façamos desta frase de Letícia (nome fictício) o ponto de partida da discussão que será versada neste capítulo mais propriamente composto por vivências. Partirei de narrativas de travestis que buscam a "qualquer preço" construir um corpo canônico e viver a feminilidade vinte e quatro horas por dia. Seja através de corpos construídos por cirurgiões plásticos ou bombadeiras, o importante aqui é a realização do desejo direcionado à feminilidade e do reconhecimento enquanto sujeitos em constante (trans)formação. Vale destacar que nem sempre essa empreitada se estabelece e se mantém por muito tempo com sucesso.

As travestis desestabilizam normas e condutas em nossa sociedade, cruzam constantemente as fronteiras das normas regulatórias de gêneros (BUTLER, 2003) e expõem um universo de diversidades sexuais. Ao mesmo passo em que as travestis vão inscrevendo outra identidade em cima dos seus corpos, subvertendo as normas, elas se submetem aos padrões de beleza impostos por nossa sociedade.

O corpo aqui é tido como desejável e sinônimo de beleza, saúde e bem-estar, mesmo algumas vezes não sendo, mas o importante é como ele se apresenta ao olhar do outro e diante do espelho.

1. CORPOS CANÔNICOS E 'AUTENTICIDADE' NA MIRA DAS TRAVESTIS

Certo dia, estava reunido com uns amigos para assistirmos a alguns filmes, entre eles um muito conhecido do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, *Tudo sobre minha mãe*, que me chamou bastante atenção e aqui não poderia deixar de comentá-lo, uma vez que uma das leituras do filme feita por mim está diretamente relacionada ao meu objeto de estudo: a travestilidade alinhavada às transformações corporais. O filme traz como personagem central uma travesti chamada Agrado. Por sinal já bem citada por outros (as) estudiosos (as)

[35] Entrevista realizada em 04/06/2008.

de gênero, corpo e sexualidade (MALUF, 2002; JAYME, 2001), Agrado adora falar e colocar em voga o seu corpo. Assim ela nos apresenta a história de sua vida:

> [...] Além de agradável, eu sou muito autêntica. Vejam o meu corpo. Tudo sob medida. Olhos rasgados: 80 mil. Nariz: 200. Jogados no lixo porque um ano depois ele ficou assim de tanto apanhar [mostra o desvio no nariz]. Eu sei que me dá personalidade, mas, se soubesse, não teria mexido nele. Continuando. Peitos: dois, porque não sou nenhum monstro. Setenta cada um, tá? Mas estou pagando em suaves prestações. Silicone hein... . Onde? [Grita um homem da platéia]. Lábios, testa, bochecha, quadris e bunda. O litro custa 100 mil então façam as contas, porque eu já perdi. Redução de maxilar, 75 mil. Depilação definitiva a laser, porque a mulher também veio do macaco, tanto ou mais que o homem. Sessenta mil por sessão. Depende dos pêlos de cada um. Em geral duas a quatro sessões. Mas quem é diva flamenca precisa mais, é claro. Bom, como eu estava dizendo, é muito caro ser autêntica, senhora. E, nessas coisas não se pode ser sovina, **porque a pessoa é mais autêntica quando mais se parece com o que sonhou para si mesma.**

O discurso de Agrado nos chama bastante a atenção por estar direcionado à experiência travesti, suas possibilidades e limitações. No entanto, sua última frase aqui destacada merece relevância, pois está diretamente relacionada às questões que giram em torno do desejo de construir um novo corpo, um corpo eleito o verdadeiro, não que o corpo anterior seja um corpo falso, mais o corpo que agora vem à tona é um corpo que legitima os seus desejos e a torna mais autêntica dentro do que sempre foi sonhado no tocante aos padrões de beleza feminina. Ou seja, possuir um corpo canônico que lhe dê prazer ao exibi-lo para os outros e pra si mesma passa a ser uma "questão de honra" e um desafio constante.

O corpo modificado é elemento central de suas identidades. Maluf afirma que "o 'autêntico' [das travestis] é exatamente o produto de sua criação, da interferência de seus desejos, de uma agência própria" (2002: 46), que se manifesta em seu corpo "transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido de experiência" (id.,ibid.).

As travestis colocam em jogo muitas emoções e investem tempo e dinheiro na construção dos seus novos corpos, sendo capazes, como qualquer outra pessoa, de desenvolverem estratégias de sobrevivência que irão depender das condições financeiras e do contexto. Nesta lógica, posso destacar que existe um desejo de campo comum entre muitas, inclusive na fala das travestis que participaram da pesquisa direita e indiretamente, sendo este desejo a busca por uma perfeição: é preciso "abafar"[36] diariamente. Assim, os significados

[36] O termo abafar pode ser usado de duas formas por travestis e gays: como sinônimo de arrasar (ex.: cheguei linda e abafando) ou para encerrar um assunto indesejado (ex.: abafa o caso).

atribuídos aos seus corpos não os fazem apenas meros suportes de significados. Os corpos em questão são, sobretudo, como afirma Benedetti (2005), uma linguagem. Uma nova linguagem que transpõe todos os significados do feminino, atribuindo-os qualidades sociais. É no corpo e através dele que as travestis se produzem e se reconhecem enquanto sujeitos. O corpo canônico passa a ser, nessa experiência, ao mesmo tempo desejo e objeto.

Mas a que corpo canônico me refiro? O corpo canônico é o corpo tido e apresentado como desejável e híbrido, muitas vezes transformado em mero simulacro espetacular da imagem do que seria o corpo ideal. Tal reiteração é fundamental, tendo em vista o fato de que, em outros cenários sociais, o corpo canônico pode, inclusive, ser dissonante em relação ao corpo canônico midiático. A complexidade de viver e afirmar-se individualmente e socialmente em um contexto cultural marcado por uma corporeidade.

A idéia de corpo canônico é considerada, nesta análise, como equivalente a uma determinada corporeidade físico-anatômica predominante na cena sócio-cultural contemporânea e corresponde a um modelo de construção da identidade e da imagem próprio das últimas décadas do século XX.

> "[...] se nas décadas de 50, 60 e 70 ser travesti era usar peruca e enchimentos de espuma para moldar o corpo, a partir da década de 80, estas técnicas são substituídas e impulsionadas pelo crescente desenvolvimento tecnológico, principalmente no campo da estética. As perucas são substituídas por implantes de cabelo, que requer um trato diário, e os inofensivos enchimentos, pelo hormônio, pelo silicone industrial, pelas próteses e por inúmeras cirurgias, práticas às quais se submetem em prol de suas satisfações pessoais". (FIGUEIREDO, 2008).

Hoje, o corpo ideal, antes de ser belo, deve ser sinônimo de não gordo, saudável (em oposição ao corpo portador de algum distúrbio patológico), submetido voluntariamente a exercícios, medicamentos, tratamentos e até mesmo incisões cirúrgicas radicais e/ou sessões grotescas de bombação. No caso das travestis, o corpo belo deve possuir todos esses atributos. No entanto, devem ser acompanhados de outros artifícios que corroboram no jogo de esconder e revelar alguns sinais da masculinidade que, de forma indesejada, ainda resistem às novas configurações estéticas.

Não posso me furtar de mencionar que existe no imaginário da sociedade uma forte associação estabelecida entre a travestilidade – considerada também como um grupo de comportamento de risco – e o HIV/AIDS[37], sendo este mais um dos muitos motivos para se

[37] Quanto aos dados epidemiológicos de Aids em Fortaleza, foram notificados no período de 1983 a 2008 um total de 5.207 casos em adultos. Do total de notificações, temos 3.839 casos entre homens e 1.368 entre mulheres,

lutar em ocultar qualquer tipo de impureza e de imperfeição sobre seus corpos. Essa associação abre margem para a criação de signos de impureza, de desprezo e de marginalidade. O impuro, para Mary Douglas (s/d), "é o que não está em seu lugar, [...] é aquilo que não pode ser incluído se quiser manter esta ou aquela ordem" (id., 54). O impuro é, assim, evitado, escondido, repudiado, deve ser eliminado literalmente e/ou ignorado aos olhos dos "puros e normais". Dessa forma, "ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados" (op. cit., p.50) ou expurgar o abjeto, como atesta Butler (1993).

Colaboradora da pesquisa

O corpo canônico é um corpo que tem suas origens no corpo medicalizado, higienizado e elevado à categoria de agente de sua própria saúde, corpo este que vem sendo construído paulatinamente desde o início do século XX. É um corpo sustentado por um projeto de beleza, de prolongamento da juventude e de espetacularização das suas formas,

---

demonstrando uma relação de 2,8 casos entre homens para cada 01 caso em mulheres – uma proporção que diminuiu consideravelmente nos últimos 20 anos, quando a proporção de casos era de 26 homens para 1 mulher no estado do Ceará. Embora a epidemia apresente-se concentrada na faixa etária de 20 a 39 anos, detendo 67% dos casos (3.499), observa-se o acometimento gradativo da população acima de 40 anos, perfazendo 30% dos casos (1.593), dos quais 21% estão na faixa etária entre 40 e 49 anos (1.097 casos), 7% estão na faixa etária entre 50 e 59 anos (365 casos), e 2% estão na faixa etária acima de 60 anos (131 casos). Dentre as crianças, foram notificados 103 casos entre 1985 e 2008. As tendências da epidemia de Aids no Ceará acompanham as tendências nacionais, com destaque para o crescimento de casos entre mulheres e o aumento do número de municípios pequenos com casos notificados. Desde o primeiro caso registrado no Ceará, em 1983, até julho de 2008, foram notificados 8.076 casos de Aids no Ceará, sendo 5.728 no sexo masculino (71%) e 2.348 no sexo feminino (29%).
Fonte: Ministério da Saúde/Sesa.

exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde todo o tempo referencia-se e reverencia-se a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem, associando-os à sexualidade dos trópicos (FONTES, 2004).

Em conversa com Virna (nome fictício), a mesma ressalta:

> "(...) as pessoas sempre me perguntam aonde quero chegar. Aí eu respondo que não sei, mas que não deixarei de buscar meus ideais, o meu desejo é transformar a minha imagem. (...) a imagem pra mim é tudo". (Entrevista em 04/07/2007).

Pelúcio (2004) descreve que ser travesti é um processo que nunca se encerra. Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de "perfeição", o que significa pra elas "passar por mulher". Não por qualquer mulher, mas por uma mulher bonita e desejável. Em busca dessa imagem, afinam seus traços, bronzeiam seus corpos, adornam-se com roupas que remetem a mulheres. Aqui, as travestis não subvertem a norma, mas a ela se submetem.

Como podemos observar, as travestis se "encaixam" nos referenciais pautados pelas normas de beleza vigente, em um corpo que exala saúde e sensualidade, em um corpo que está exposto em outdoor e que caminha por passarelas e palcos de sucesso. Hoje, o cenário é marcado pelo hedonismo em torno de uma imagem cosmetizada e fetichizada, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais.

Para designar essa tentativa frenética de reformatação e adequação da forma, a imagem corporal e as mensagens emitidas por esses corpos provocam uma discussão que vai além da normalidade, da moral, do sagrado, do correto e do senso comum.

Não podemos negar que, apesar de todo o *glamour*, de toda a "fechação", da 'festividade' em torno da travestilidade, o viver essa experiência também se aloja nas esferas mais baixas da hierarquia social. É uma experiência que vem pautada em conflitos, ojeriza e preconceitos, é sob esta condição que viver a travestilidade chega a sua 'totalidade'.

Ninguém melhor pra falar sobre isso que Roberta, uma travesti que hoje luta para superar duplamente o preconceito: o de ser travesti e o de tornar-se um corpo dissonante em plena caminhada rumo à perfeição sonhada. Como conseqüência da aplicação clandestina de silicone industrial em seu corpo por uma bombadeira em São Paulo/SP, hoje vive numa cadeira de rodas. Assim destaca Roberta, quando a perguntei o que é ser travesti:

> Pra mim o que define uma travesti é o hormônio e o silicone. Meu maior desejo era me tornar uma travesti diva. Com seios, bumbum gostoso, coxas grossas [...] [...] eu fiz de tudo que esteve ao meu alcance, fui pra São Paulo

> me prostituir, me produzi, e criei coragem de aplicar silicone industrial, só faltava isso. Eu ia fazer algumas coisas em mim (coxas, seios, quadris), mas nada deu certo e agora estou assim, numa cadeira de rodas. Mas de uma coisa tenho certeza, vivi dias de glória. Estar na frente de um espelho, desfilar pelas esquinas e calçadas na noite era muito prazeroso, ali sim me sentia uma diva. [...] hoje não sei do que as pessoas têm mais preconceito, se é por ser uma travesti ou por ser deficiente. No fundo, ainda acho que o fato ser travesti ainda é pior, pois estando na cadeira de rodas as pessoas me vêem como coitadinha, e isso também não me faz bem (Entrevista realizada em 15/10/2008).

Nota-se que o corpo sofre constantemente intervenções oriundas do desejo, um desejo que leva as travestis a se construírem, sistematizando essas construções a partir de referências heteronormativas, sujeitas a padrões estéticos e a princípios morais afinados com o que o senso comum considera normal, belo e desejável (PELÚCIO, 2004). Nessa ótica, as travestis não são aberrações incompreensíveis e sem identidade, mas seres tão construídos quanto quaisquer outros que cotidianamente marcam em seus corpos um gênero, um pertencimento de classe, uma identidade étnica. Afirma Le Breton (2003), as alterações no corpo também são alterações morais.

Julieth (nome fictício)[38] é "mulher de verdade"[39] desde 28 de março de 2006, quando finalizou, em Jundiaí – SP, uma grande bateria de operações e cirurgias plásticas para fazer mudança de sexo, ou transgenitalização[40]. Hoje, chora e sorri ao lembrar de Elias, uma travesti que foi construída em seu corpo no decorrer dos seus 30 anos, e agora ela – Elias – só existe em fotos e na memória. Ressalta Julieth:

> "(...) nós [travestis e transexuais] nos tornamos no que nos dá vontade, é só querer e fazer uso de tudo que tem por aí para nos transformar (...)."[41]

Nada melhor do que tomar por base o trabalho de Berenice Bento (2006), quando de forma delicada e com propriedade ela historiciza e problematiza a medicalização que criou o "verdadeiro transexual", criando uma categoria vazia de sentidos para as pessoas que vivem a experiência.

---

[38] 1ª transexual do Norte/Nordeste e a 3ª que conseguiu fazer mudança de sexo no Brasil e mudar de nome legalmente. Agora luta apenas pela mudança do sexo de masculino para feminino em sua documentação. Dados de entrevista realizada no dia 07 de julho de 2007. Julieth possui cidadania Brasileira e Alemã. Vale destacar que ela não está inserida dentro do recorte da minha pesquisa, pois agora é uma transexual, no entanto passou um longo período de sua vida na condição travesti. Essas narrativas foram coletadas quando realizei um trabalho de campo com alguns transexuais e travestis de João Pessoa - PB. Dessa forma, tomei a liberdade de dialogar neste momento com uma colaboradora que compõe o cenário nordestino.

[39] Expressão utilizada pela transexual entrevistada.

[40] Refere-se à cirurgia de mudança de sexo: criação de vagina ou pênis e intervenções em gônadas e caracteres sexuais secundários.

[41] Entrevista realizada em 07/07/2007 em João Pessoa/PB.

Berenice Bento afirma:

> A desconstrução do caráter patologizante atribuído pelo saber oficial à experiência transexual deve começar pela problematização da linguagem que cria e localiza os sujeitos que vivem essa experiência (2006:43).

Continua:

> O que faz um sujeito afirmar que pertence a outro gênero é um sentimento; para muitos transexuais, a transformação do corpo por meio de hormônios já é suficiente para lhes garantir um sentido de identidade, e eles não reivindicam, portanto, as cirurgias de transgenitalização (2006: 44).

Deste modo, podemos ratificar que o prazer e a satisfação pessoal tornam-se centralidades no processo de subjetivação. E as categorias "identidades de gênero", "sexualidade", "subjetividade" e "corpo" podem ser vividas entrelaçadas ou não, como destacado pela autora.

1.1 Como tudo começou...

Susane (nome fictício): *Desde criança me sentia mulherzinha, sempre gostei de brincar só com meninas, eu tinha pavor de brincar com os meninos (risos). Eu acho que minha mãe sofreu muito, sempre buscava uma desculpa para todos os vizinhos sobre meu jeito. A vontade dela era que eu ficasse sempre em casa, trancada, pra ninguém me ver. Aí fui crescendo e na escola a gente começa a aprender coisas sobre sexo com os outros. Todo mundo já frescava comigo, mas nunca falei nada em casa com vergonha. Eu tinha mais ou menos uns 09 anos quando comecei a fazer putaria* (aqui ela faz gestos com as mãos que se remetem a fazer sexo) *com um vizinho, daí logo começou tudo. Tava viciadinha nele (risos), ele era bem mais velho e eu adorava (risos). Hoje sei que ele é casado e não tenho contato nenhum, ele nem me reconheceria agora. Nunca tive interesse por mulher [...] [...] pois bem, às vezes me vestia, escondida no quarto, com as roupas da minha mãe e da minha irmã, mas não imaginava que um dia fosse me tornar uma trava*[42]*. [...] Com uns 12 anos, minha maior vontade era deixar meu cabelo crescer, pintar as unhas e isso não era permitido, daí começou todas as brigas na minha casa. Já tava na cara que eu seria uma trava, era o meu desejo. Meus interesses já era por roupas de mulher, batom, usar as sandálias da minha irmã. Era uma coisa. Comecei a deixar os cabelos crescerem e usava umas roupas meio que misturadas de homem e mulher pra sair (risos). Na rua, já era aquela fechação toda (risos).*

[42] Como as travestis se autodenominam.

Até que me aproximei de uma travesti que morava no bairro, era bem velha e experiente, foi ela que começou a me ensinar como fazer alguns truques. [...] quando comecei a tomar hormônio, aos 15 anos, tive que sair de casa e fui embora pra Paracuru[43] *morar com outra trava que conheci aqui em Fortaleza. Aos poucos fui bombando o meu corpo e comecei a me prostituir pra sobreviver e me montar*[44] *[...].*

Pâmela: *Eu deveria ter me tornado travesti mais cedo.* Pâmela hoje tem 26 anos e começou a se travestir somente aos 16 anos por receio da família. Teve que "fazer a linha"[45] por muito tempo para enganá-los, até porque moravam numa cidade pequena do interior e a vida para travesti, segundo ela, é muito mais complicada e o preconceito era enorme. Ela vem realizando tudo de forma muito lenta, por conta disso, às vezes chega a ter ressentimentos de não ter aproveitado mais sua juventude e o seu corpo. *Eu acho que nunca é tarde para a gente lutar pelos nossos sonhos, mais quando a gente é mais jovem, a coragem também é maior*, assim destaca Pâmela. Ainda acha que falta fazer muitas alterações em seu corpo: modificar o nariz e colocar próteses de silicone nos seios, que por sinal já são medianos devido ao hormônio injetável. Há muitos anos ela vem tomando sistematicamente hormônio. Iniciou sua transformação de forma gradativa. Primeiro, com alguns adereços: roupas, apliques, batons etc. Em seguida, passou a pinçar as sobrancelhas, a fazer depilação e a usar brincos. Depois veio o uso de anticoncepcional. Só mais tarde passou às injeções hormonais, vitaminas, entre outros tipos de intervenção.

Virna: Virginiana e muito vaidosa, com uma beleza invejável aos 30 anos, agradece a Deus por tudo e a um ex-namorado italiano que financiou todas as suas cirurgias. 1,80m de altura, branca, cabelos negros nos ombros, adora usar cílios postiços acompanhados de muita maquiagem e de brincos grandes e reluzentes. A princípio sem muito interesse em responder a entrevista, fala-nos de forma acanhada sobre sua saga da Beleza, que teve início aos 14 anos quando passou a trabalhar em um salão de beleza aqui em Fortaleza, e sobre o fato de nunca ter tido coragem de fazer bombação clandestina. *Eu tive até a chance de ver uma bicha que é*

---

[43] Paracuru é um município no interior do Ceará, distante 85 km de Fortaleza, situado na região do Sol Poente do Estado. O lugar é famoso por possuir, em toda sua extensão, belas praias e dunas encantadoras. Penso que este é um dos motivos pelos quais possui um número significativo de turistas e uma demanda para prostituição feminina e travesti.

[44] Montar estar diretamente relacionado com vestimentas, gestos, alterações corporais alcançadas por meio de hormônios e cirurgias plásticas, como implantação de silicone, etc.

[45] Fazer a linha - pode ser usado de varias formas tipo: ô bixa faça a linha amiga; faça a linha boa para enganar, esconder, disfarçar, seja boazinha etc.

minha amiga fazendo bunda e as pernas, para ver se tomava coragem de fazer também, mas saí passada. [...] ficou uma maravilha, mais ela sofreu o pão que o diabo amassou. Eu acho que toda travesti precisa ter peito, precisa ter uma bela bunda, mais eu, pelo menos, não tenho coragem de fazer qualquer coisa para realizar este desejo. Aos vinte anos, Virna conheceu um italiano em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro para "fazer rua" na companhia de mais duas travestis de Fortaleza-CE. Cinco meses depois, conseguiu ir para a Itália e moraram juntos por quase 04 anos. Neste intervalo, colocou silicone nos seios, fez maçãs do rosto, orelhas e uma lipoaspiração. Depois de uma rede social estabelecida na Itália e já separada, ela volta a fazer programas. *Não é fácil fazer programa, mas eu não posso mentir, eu adoro me sentir desejada e nestes momentos isso é possível, chego a ficar com homens belíssimos e gostosos (risos), precisa ver [...].*

Roberta: *Quando olho pra trás, não acredito no que me aconteceu. Tinha tudo pra brilhar, fazer rua e ser uma das mais desejadas*. Não só para Roberta, mas para muitas travestis, esta busca por um corpo canônico pode custar muito caro, não somente no sentido econômico, mais no tocante à saúde, à vida, à dor e às mutilações. Roberta sempre teve traços femininos e delicados, boca carnuda e sorriso encantador. Conheceu o preconceito desde cedo na escola e dentro do seu próprio lar. Muito determinada, começou a lutar por seus desejos cedo.

Luma (nome fictício): Para ela, as coisas também não foram fáceis. Aos 45 anos, uma das travestis mais antigas de Fortaleza, hoje bate no peito e fala da sua coragem ao mudar o seu corpo ainda um rapazinho para tornar-se uma travesti. *Para muitas de vocês* (remete às travestis mais novas presentes no grupo focal) *estarem aqui, eu já apanhei muito na cara e levei muita carreira (risos)*. Iniciou sua vida na prostituição muito precoce e já aplicou silicone industrial em seu corpo por várias vezes e nos mais diversificados lugares. Hoje é uma espécie de "madrinha" para muitas travestis que fazem rua aqui em Fortaleza. Atualmente, vem buscando, a partir de uma Associação, estratégias para capacitar as travestis que se prostituem para o mercado de trabalho. Mas as coisas poderiam ser diferentes. Assim reclama: *Vocês pensam que eu também não tive meus dias de glória? Eu também já fui bonita, gostosa, ganhei muito dinheiro para fazer o que quisesse, mas perdi tudo com besteira, farras e homens, homem é o nosso fim [...]. Eu fico tentando fazer de tudo por vocês e vocês não querem NADA (grita), só querem saber de fazer prostituição, ficando com a bunda de fora nas esquinas.*

A freqüência dos depoimentos denuncia que o desejo de transformar o corpo faz parte da vida das travestis ainda na infância e se potencializa na adolescência, pois existe um desejo muito forte voltado a viver a travestilidade em sua 'totalidade', mas nem sempre isso é possível. Em alguns casos, as primeiras intervenções acontecem de forma precoce e acabam se tornando arriscadas. Noutras, o processo é retardado por diversos motivos, sejam eles por repressões familiares, dificuldades econômicas para investirem nesta transformação e até mesmo por medo do preconceito e da violência.

Outro fator que podemos destacar aqui seria a relação entre viver a travestilidade e a prostituição. Não que a prostituição seja o único caminho, mas é na "rua" que grande número de travestis se sentem desejadas e se afirmam enquanto sujeitos responsáveis pelas suas ações. Em uma das falas de Camila durante uma conversa, foi possível destacar isso. Vejamos trechos desta conversa em 23/03/2008:

> - *(pesquisador)* Foi uma decisão sua entrar na prostituição?
>
> - *(Camila) As coisas vão acontecendo. Desde muito cedo tive contato com as outras travestis, parece uma escola, mas é assim mesmo, se aprende estando no meio. Comecei indo por putaria para a rua e, quando percebi, já estava montada fazendo também a linha.*
>
> - *(pesquisador) Qual a sensação de estar na rua*?
>
> - *(Camila) Não vou dizer que toda travesti só tem a rua como saída e que é a melhor coisa do mundo, mas 80% das travestis acabam entrando nesta vida e de certa forma tem lá suas vantagens (risos). É perigoso, mas é aqui nestas esquinas, no escuro, no perigo, que a gente reina. Aqui, acho que sou eu de verdade. Deixa só eu te dar um exemplo. A rua é tão envolvente, tem seus mistérios. Tenho uma grande amiga (se refere a uma travesti) que é formada, trabalha e às vezes vem fazer rua, só pela questão do prazer.*
>
> - *(pesquisador)* O que te dar mais prazer aqui?
>
> - *(Camila) De poder ser mulher do nosso jeito e de ser desejada.*

1.2 A caminhada...

Susy (nome fictício): "1,80m, 62kg, bem magrinha de peitão durinho, corpo estilo modelo, 18 cm de pau viril com ejaculação farta e abundante, bumbum guloso, ativíssima liberal, adoro beijos e carinhos". É esse o slogan de Susy na sessão de acompanhantes de um jornal local. Durante o dia, ela faz a "linha anúncio de jornal"; à noite, despe-se na esquina, fazendo muito sucesso entre os clientes e as travas. Hoje com 26 anos, fala-nos que sua entrada na prostituição e a forma como vem modificando o seu corpo é bem semelhante às experiências de outras travestis. Quando ainda "homenzinho", Susy começou usando roupas femininas, passando baton, deixando os cabelos crescerem, fazendo sempre unhas e sobrancelhas e se valendo de muitos outros artifícios para torná-la mais feminina, para só depois entrar nos hormônios. Saía de casa como Adriano e, quando chegava ao apartamento de uma amiga (Juliana, uma trava), começava a se montar. Para ela, essa época foi um período de muitas personalidades. *Eu me lembro como hoje da primeira vez que me montei de verdade (risos). Era podre (risos), era no aniversário de uma trava bem conhecida aqui em Fortaleza. [...] eu tava tão sem jeito, parecia um franguinho, é uma sensação que não dá pra explicar ao sair na rua, ao mesmo tempo em que se sente realizada, dá uma sensação que está faltando alguma coisa, é um peito, é uma bunda maior que falta, é o seu corpo que não combina com as roupas e com sua mente*. Susy conhece os perigos da rua há 08 anos, aos 17 começou a aproximar-se para entender como funcionava a dinâmica e tirar as dúvidas com as mais velhas. Sofreu muito, mas acabou se dando bem. Hoje, "fatura legal" e já fez de tudo no seu corpo para ficar bela. Colocou próteses nos seios, aumentou um pouco o bumbum com silicone industrial, usa aplique nos cabelos, em momento algum ela descuida do bronze e da depilação. Andando em uma das esquinas da Rua Clarindo de Queiroz, fala-nos: *Olha querido, pra ter este corpinho aqui eu já ralei muito, foi muito dinheiro, muitas agulhas e muita dor (risos).*

Roberta: Aos 12 anos, já freqüentava a escola vestindo saia, usando batom e com os cabelos grandes. Isso deixava sua família em choque. Com 15 anos, já conhecia e convivia com um grande número de travestis em Fortaleza, eram travestis mais velhas, algumas se prostituíam e outras faziam shows etc. Às vezes Roberta encantava-se com tudo, noutras tinha receio de tudo e de todos. Sempre escutou as outras travestis dizerem que ela tinha muita sorte por já contar com uma beleza bem feminina, pois não precisava de tantos esforços para passar por mulher. Aos 17 anos, tomou sua primeira injeção de hormônio em uma farmácia indicada por

outra travesti. *Logo nos primeiros meses, era uma felicidade ver meu sonho começando a se realizar. Quando eu passava na frente do espelho, era uma sensação de conquista. Detalhe: eu não podia me excitar e nem gozar, as outras bichas falam se a gente gozar o hormônio não serve. [...] Quando eu ia pra Divine assistir os shows das trans, eu me imaginava no palco. Achava o máximo quando chegava uma bicha de fora, as outras ficavam todas loucas em cima, perguntando, querendo saber como era lá fora, os perigos, o luxo. [...] eu sempre dizia: um dia vou ser assim.*

Camila: Para ela, não é qualquer um que tem coragem de se tornar travesti, pois a lei da vida é a rua, o salto e a coragem. *Eu nunca tive dúvidas que queria ser mulher, desde criança já tinha o jeito fresco, brincava com meninas, queria usar roupas de mulher, até meu corpo já tinha formas femininas, só não via quem era cego ou não queria acreditar (risos). [...] as coisas foram acontecendo lentamente. É um desejo tão grande em mudar nossa aparência que qualquer obstáculo que surja em nossa frente passa a ser quase nada. Existe sim o preconceito, a família que abandona a gente, por onde a gente passa tem o "pêi"*[46]*, a violência, infelizmente é assim, mas temos que procurar viver nossa vida e ser feliz. [...] comecei tomando anticoncepcional, depois passei a aplicar Perlutan. Tinha muito medo de aplicar silicone, mais não tinha dinheiro e o jeito foi fazer com Michele*[47]*, pense aí como sofri, cheguei a desmaiar várias vezes. Hoje vejo as desvantagens, mas sem o silicone seria impossível ser a Camila de Castro que sou hoje, tem um lado bom sim em tudo isso, essa era a única coisa que poderia dar sentido à minha vida.*

Aparentemente, as narrativas apresentadas nos sinalizam a pensar que o caminho percorrido pelas travestis na busca da beleza acaba seguindo uma mesma lógica que se estabelece dentro da experiência. Quase sempre são os mesmos passos a serem seguidos, é como se fosse uma escola que possui suas regras e códigos estabelecidos. O diferencial aparece nos resultados, que dependem da sorte, da genética, do dinheiro investido, da arte das bombadeiras, entre outros fatores.

---

[46] "Pêi!" é um signo sonoro do disparo de uma arma. Quando as travestis andam pelas ruas, geralmente algumas pessoas apontam-lhes os dedos em forma de revólver e disparam-lhes gritos homofóbicos, simulando um assassinato.

[47] Michele é uma travesti bem antiga que algumas vezes faz o trabalho de bombadeira.

Colaboradoras da pesquisa

1.3 As mudanças...

Susane: *As mudanças são realmente da água pro vinho. Tudo passa a ser diferente, a gente parece que pensa diferente, fica até com o olhar diferente, as mudanças realmente acontecem. Os hormônios passam a fazer parte da nossa nova vida, mas quando você coloca peito e bunda você se sente mais poderosa, a vaidade grita, tudo muda rapidamente. Principalmente na rua, você observa o desejo e a curiosidade das pessoas, incomoda demais, e isso é tudo.*

Pâmela: *É tudo muito bom e estranho, não se muda só o corpo, a mudança também acontece por dentro, na alma e no coração.*

Virna: Sempre envolvida em contextos de muita agitação (boates, prostituição, convívio com outras travestis etc.), hoje reconhece que sua vida sofreu grandes impactos. *Eu sempre me senti mulher por dentro, do meu jeito, é claro, mas depois que você coloca próteses, que você se monta com estilo, é outra coisa. Parece que as pessoas te respeitam mais, te admiram mais, parece que todos acham ridículo as bichas que só vestem roupas de mulher e não se ajeitam muito, era essa a sensação que tinha. Hoje é outra coisa, parece que as alterações que a gente vai fazendo em cima do nosso corpo servem pra deixar a gente em sintonia com*

nossa auto-estima [...] é uma pena que nem todas possam fazer as cirurgias, é por isso que muita coisa feia acontece e muitas se arrependem e não tem mais volta.

1.4 Os riscos...

Pâmela: *Eu nunca tive dinheiro suficiente para colocar seios com um médico. Hoje está muito mais fácil e mais barato. Também nunca tive essa coragem toda de me bombar, é muito arriscado, é uma espécie de loteria. Até os hormônios, que é tudo na vida das travestis, dá pano branco, um sono de morte e muita preguiça, a bicha parece que está morrendo (risos). Ainda mais, você não consegue ficar com o pênis bem duro, e pra quem "desce"*[48] *é muito mais complicado, porque a maioria dos clientes procuram as travas é pra dar pra elas, é besteira achar que as travestis são sempre as passivas.*

Luma: *Veja o que me aconteceu, hoje tenho vários problemas de saúde por conta do silicone industrial: provoca dores, inchaço, a pele fica feia, é um caminho sem volta. Isso aqui na minha perna foi o silicone que depois de alguns anos desceu, estou sempre de calça jeans durante o dia pra esconder. Ainda bem que isso é mínimo na frente de muitas travestis por aí, que ficam praticamente deformadas [...] [...] às vezes também é descuido após a aplicação, e às vezes é de briga na rua, apanhando dos policiais, as bichas acabam levando pancadas fortes e o silicone desce, tem de tudo que você possa imaginar.*

Roberta: *Passei muito tempo chorando arrependida, mas aconteceu. Nunca tive a vontade de colocar silicone com medo, mas como apareceu a oportunidade de ir pra Itália e as outras bichas em São Paulo ficavam me dando força, acabei tomando coragem. Ia colocar nas pernas, quadris e peito [...] quando ela (a bombadeira) começou a aplicar, desmaiei de tanta dor. Quanto tornei, estava na cama ainda com as agulhas na perna e ela fugiu. Fui direto para o hospital gritando de dor, era uma dor que queimava por dentro, tava roendo meus ossos. No hospital, falaram que não era nada de silicone industrial, era uma espécie de ácido, tinha até cloro, tudo de ruim tinha dentro [...] isso foi um "doce"*[49] *pra mim por conta de inveja. E depois disso me aconteceu tudo isso. Foram alguns anos lutando contra infecções e necroses de pele e músculo, até chegar em todos estas amputações, só Deus sabe porque estou viva.*

---

[48] A expressão "quem desce", significa a mesma coisa de fazer rua, se prostituir.
[49] Aplicar/Dar um doce significa: Armar confusão, fazer o mal, destruir outra pessoa.

Susy: *Risco vai ter em qualquer canto, tanto numa clínica como fazendo com uma bombadeira, mas com médicos a chance de dar tudo certo é bem maior. O problema é que é mais caro e as bichas não se conforma com o que tem, se o peito tá grande, quer maior ainda [...].*

Não devemos negar que o silicone é um produto que possui grande valor simbólico entre as travestis (BENEDETTI, 2005) e que transformar o próprio corpo para se reconhecer nele é um pratica que a cada dia torna-se mais comum entre diversos grupos em nossa sociedade, principalmente entre as travestis. Portanto, torna-se ardiloso falar em limites do corpo e do desejo, pois as transformações podem custar muito caro, até mesmo o valor da vida. Se os sujeitos têm o livre arbítrio sobre suas vidas, seria válido pagar pra ver até onde vão os limites do corpo? O desejo de uma nova imagem supera qualquer fronteira?

2. "O BABADO É FORTE": SAÚDE E TRAVESTILIDADE

Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Maldita Geni.

(Geni e o Zepelim, Chico Buarque)

Os estudos já existentes sobre travestilidade (BENEDETTI, 2000; DUQUE, 2005; JAYME, 2001; PERES, 2005; PELÚCIO 2007) e os meses de convívio levaram-nos a perceber que viver a experiência travesti não é um processo tão singelo e efêmero, até porque não é simplesmente através da linguagem e da subjetividade que as diversas experiências se processam. A sua expressão tende a ser constantemente inscrita e marcada no corpo, nas curvas e nas formas que o delineiam, como também no jeito de ser e de possuir uma "feminilidade fálica". Mas para que isso aconteça, o corpo e os processos que o envolvem muitas vezes podem ser comprometidos no tocante à saúde, à doença, aos riscos e ao bem estar físico e social.

É afirmativo falar que muitas mudanças têm sido incorporadas e novas técnicas estão surgindo a favor dos corpos e dos gêneros. São reflexos das novas tecnologias utilizadas para a construção, nos termos de BENEDETTI (2000), do "feminino travesti". Além disso, a noção de "feminino travesti", com peitos imensos de silicone líquido injetado, vem sendo questionada internamente neste grupo, como nos mostrou PELÚCIO (2007) em seus estudos.

Muitos incrementos que se somam às transformações corporais e à construção de novos sujeitos estão sendo pautados em novos referenciais (médico e estético). Dessa forma, um exemplo seriam as agulhas, a cola *tree bond* e os esmaltes para aplicação de silicone industrial, que estão sendo substituídos pela cirurgia plástica. Mas nem sempre as condições financeiras das travestis e as possibilidades oferecidas com o exercício da rua/pista permitem a substituição dessas técnicas mais comprometedoras por tecnologias mais avançadas. Portanto, o acesso às práticas continua sendo em grande maioria por vias clandestinas, pelo menos na realidade em que desenvolvemos a pesquisa.

Questionamos com nossas colaboradoras alguns dos fatores que envolvem os processos de saúde a partir das transformações corporais e registramos as seguintes falas:

> - *(pesquisador)* O que é saúde para você?
>
> - *(Camila) Saúde pra mim é estar bem comigo mesma, pra isso o ideal é que a gente se olhe no espelho e goste do que está vendo. Na verdade, é um conjunto de coisas, às vezes temos que abrir mãos de umas coisas pra ganhar em outras.*
>
> - *(Luma) Eu acho que só você estar bem, com disposição e coragem, está bom [...] eu agradeço muito a Deus por estar viva, pois o que já passei e o que fiz com meu corpo, só Deus mesmo.*
>
> - *(pesquisador)* Como seu corpo reagiu às modificações corporais que você fez e/ou vem fazendo até hoje?
>
> - *(Luma) Tudo tem seu preço. Quando eu era jovem, fiz o que tinha direito. Os problemas que tive foram os básicos que toda travesti tem que passar se quiser ficar bela, mas o tempo vai passando e depois não dá pra se arrepender, tudo vai descendo, aparece de tudo em cima da gente [...] o corpo reage de acordo com nossa inconseqüência, se você faz tudo direitinho ele só te dar prazer por muito tempo, se quer fazer tudo sem limites, chega uma hora que ele não agüenta.*
>
> - *(Roberta) O tempo que passei só no hormônio foi uma maravilha, apesar de uns babadinhos [indisposição, manchas na pele, sono] que dá na gente, mas o prazer de ver os seios crescendo, a bunda ficando maior supera qualquer coisa. Quando a gente desce* [significa fazer rua] *é que dá repercussão. Agora pra falar da aplicação de silicone líquido, eu acho que não sou a pessoa ideal, até porque pra mim deu tudo errado, você pode observar* [aqui Roberta se refere às suas amputações].
>
> - *(Susy) Não posso reclamar de quase nada (risos), tudo que eu sonhava pra mim tem dado certo. Tem vezes que tenho medo do que pode acontecer no futuro, mais daqui prá lá é outra coisa, eu gosto de viver o momento e até agora não me arrependo de nada que fiz, faria tudo novamente e muito mais. A gente tem que lutar pelos nossos sonhos, mesmo que isso custe caro.*

> - *(pesquisador)* Ter saúde seria viver constantemente em busca do corpo perfeito?
>
> - *(Luma) Durante muitos anos pensei assim, agora não mais. Sou muito vaidosa, mas hoje não faço mais qualquer coisa pra ficar bonita. A gente vai amadurecendo.*
>
> - *(Roberta) Hoje, estar viva já é uma grande vitória. Pensei muitas vezes em morrer e hoje consigo ver que a vida é superior a um corpo que hoje pode estar bom e amanhã não servir pra nada.*
>
> - *(Susy) Pra mim eu acho que é. Não conseguiria viver bem se ainda fosse o rapaz que fui. Já teria feito qualquer coisa. Sem esse corpo, minha vida não teria sentido nenhum. Eu fiz e continuarei fazendo as cirurgias que for preciso, mesmo sabendo dos riscos. Mas risco maior é não se tornar uma pessoa feliz.*
>
> - *(pesquisador)* Mesmo sabendo de todos os riscos, qualquer sacrifício compensa?
>
> - *(Luma) Para muitas travestis qualquer sacrifício vale a pena. E até vale mesmo, o negócio é torcer pra dar tudo certo. Não ser assassinada, não morrer por conta do silicone e não pegar as letrinhas* [se refere à AIDS]. *O resto é resto.*
>
> - *(Virna) Claro que é. Para a travesti, o corpo é também sua alma, representa tudo em sua vida. Eu não me arrependo de nada e faria tudo novamente. Os riscos sempre existirão, isso vale também pra mulher e pra qualquer outra pessoa que busca mudar seu corpo.*
>
> - *(Susy) Eu acho que sim, é uma espécie de loteria.*

Conseguir um corpo de silhuetas harmônicas, curvas sedutoras e desejadas, acaba sendo uma idéia muito tentadora a muitas travestis. Sem contar que ainda alimenta a relação firmada socialmente, na qual um corpo belo é nada mais que um corpo saudável, digno de admiração e aceitação em todas as esferas (cultural, social, política e econômica). A idéia é que seus corpos se distanciem ao máximo da "Geni de Chico Buarque", uma travesti que vem associada diretamente a figuras "monstruosas" e abjetas, seres que não ocupam uma posição dentro da zona de inteligibilidade social, a não ser quando servem aos prazeres e fantasias eróticas de alguns sujeitos.

Para Foucault (2001), o corpo é o *locus* privilegiado da manifestação do poder, passível de receber uma disciplina por meio de regras sociais. Esse poder, segundo o autor, é um "biopoder". Possui a capacidade de controlar toda a sociedade por estar dentro de uma lógica de normatização. As travestis, portanto, lutam para não permanecerem à margem das identificações possíveis a partir das normas que regulam e ditam o que é normal e o que não o é, quais identificações são possíveis e quais não as são. Ou seja, os corpos das travestis são

abjetos, numa noção butleriana, visto que são corpos que não possuem vida, não possuem existência, não há a possibilidade de existirem, mas existem.

Para Butler (2002):

> ... o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabaláveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do 'inabitável' é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (p.155).

As travestis, ao se encontrarem enquanto seres abjetos por não parecerem apropriadamente "generificadas", têm a sua própria humanidade questionada (BUTLER, 2002). São, portanto, discriminadas e estigmatizadas socialmente por não se enquadrarem nos atributos e, conseqüentemente, nas categorias que a sociedade reconhece como "normais" e "limpas". Por pertencerem a categorias tidas como diferentes e incomuns, a sociedade procura afastar-se delas e ainda tratá-las como perigosas e más. Elas deixam de ser vistas na sua totalidade enquanto pessoas com potencialidades, com capacidade de ação (GOFFMAN, 1993).

Florentino & Florentino (2007) destacam, no artigo "Corpo objeto: Um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade", a seguinte afirmação:

> Bem sabemos, o corpo é visto, muitas vezes, como uma massa de modelar, ou seja, socialmente modulável, uma vez que é vivido e vivenciado conforme o estilo de vida da cada indivíduo. Atualmente, o culto ao corpo e os investimentos sobre o mesmo encontram-se, de certa forma, exacerbados. Em cada época se estabelece um modelo de corpo "máquina-perfeita" para o ser humano, levando-se em consideração os valores, as crenças, os mitos, a exigências e os interesses sociais e culturais de cada povo.[50]

A posse desses corpos tão disseminados na contemporaneidade e desejados pelas travestis, os corpos canônicos, em poucos casos são materializados sob cautela e acompanhados por profissionais aptos. No entanto, o convívio com travestis em Fortaleza nos possibilitou tecer o comentário de que os resultados positivos obtidos das intervenções em seus corpos são bem menores diante do número de reclamações, arrependimentos, deformações e até mutilações, de acordo com os relatos. Durante o grupo focal que realizamos, lançamos a seguinte pergunta: Como você se sente hoje, depois das modificações/intervenções realizadas em seu corpo?

---

[50] Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 113 - Octubre de 2007.

Vejamos algumas das falas:

> *- (Virna) Eu me sinto super bem hoje, os problemas são mínimos diante das nossas conquistas. A vontade da gente é sempre estar fazendo alguma coisa, sempre falta algo.*
>
> *- (Morgana - nome fictício) Quando a gente faz é tudo uma maravilha, depois não dá pra se arrepender. Eu penso que hoje eu não faria o que fiz há 10 anos.*
>
> *- (Luma) Eu hoje me sinto bem, muitas coisas são mesmo da idade e qualquer pessoa sentiria, mas com certeza faria tudo, só que de forma diferente. E teria evitado muitas coisas, mas na minha época as gays tinham que ter tudo demais, quanto mais silicone, maior o sucesso. Hoje está muito diferente, sem contar que colocar próteses era muito caro, só as mais finas que conseguiam colocar e olhe lá.*
>
> *- (Roberta) Já me arrependi muito, já chorei e não adianta mais* [silêncio] *[...] de uma coisa eu sei, eu não confiaria mais em ninguém e faria tudo diferente, agora eu só tenho a lamentar e agradecer por estar viva.*
>
> *- (Gabriela - nome fictício) Olha, rapazinho* [aqui dirige a fala a mim], *o problema da gente é que a gente não tem limites (risos). Quanto mais se coloca mais se quer, aí quando vai ver a bicha está morta de arrependida e não tem mais jeito. Eu às vezes gostaria de reduzir os seios, outra vezes não [...] tinha uma trava que era minha amiga que colocou peito e ficou muito bom, não se contentou, depois de 01 ano pagou pra colocar mais silicone, aí desta vez deu tudo errado e ela morreu.*

Muitas vezes o fator econômico é um fator "determinante", mas não é "limitador", na trilha para se obter sucesso em cima dos corpos a serem rascunhados (LE BRETON, 2003) na saga da beleza. Diversas estratégias são construídas, reinventadas e adaptadas na tentativa de superação de sonhos e da satisfação pessoal. Neste caminhar, onde o caminho é construído paulatinamente com ousadia, subversão e às vezes "sem limitações", o silicone líquido aparece como uma das estratégias centrais. Funciona como uma ferramenta quase indispensável de poder e *status* na construção de uma travesti, pois a não possibilidade de moldar seus corpos com próteses de silicone e incisões cirúrgicas leva muitas a se submeterem a processos clandestinos de "escultura" corporal. Esses são realizados por outras travestis, chamadas de bombadeiras, através de processos "macabros" sem nenhuma assepsia, nos quais os riscos de complicação infecciosa ou de morte súbita acompanham todo o processo.

Sábado, 04 de outubro de 2008, dez horas da noite. Encontrava-me fazendo pesquisa de campo no centro de Fortaleza e decidi ir, antes de entrar na boate, a um barzinho que é bastante freqüentado nos finais de semana pelas travestis, clientes e simpatizantes. O bar é considerado "perigoso" pela população em geral, e elas costumeiramente fazem a

"base"[51] por lá. Eu estava na companhia de Karyne, uma amiga, e de Camila[52]. Ao chegarmos ao bar, deparamo-nos com muitas travestis e com algumas "iniciantes" já fazendo por lá o "baratismo"[53]. Algumas sentadas em uma grande mesa dentro do bar, outras dançando e circulando. Sentamo-nos à mesa de várias travestis e passamos a interagir com a proposta do bar e da noite. Por ser um bar de esquina localizado no cruzamento de uma avenida de grande movimentação durante o dia, possui muitas grades ao seu redor, pouca iluminação, um banheiro unissex com uma porta que parece mais com os classificados de um jornal pornô, uma máquina de *Jukebox*, e mesas que estão sempre espalhadas em todos os espaços e bem próximas umas das outras (dentro do bar, na calçada, algumas mesas na calçada do outro lado da rua e umas duas praticamente na porta do banheiro), dificultando o trânsito de pessoas em seu interior e facilitando a aproximação e a paquera entre as pessoas que lá bebem, fumam e se divertem.

Camila, como sempre, estava vestida para arrasar na noite e para "fechar" com as outras. Ela é uma pessoa bem articulada e fala sempre alto, pois adora chamar a atenção. Logo quando chegamos, tentou nos apresentar às outras travestis presentes. Por conta do som muito alto vindo da *Jukebox*, ela teve que ficar de pé e fazer quase uma encenação. Neste momento, tocava a música *Dancing Queen*, que foi sucesso nos anos setenta com o Grupo *ABBA*, e algumas das travestis e uma "iniciante" presentes na nossa mesa dublavam a música fazendo caras e bocas. Depois de algumas tentativas, Camila consegue nos apresentar as "desconhecidas". Em seguida, Cíntia Abravanel (nome fictício) grita ao garçom e, aborrecida, pede uma carteira de cigarros. Aproveitei a situação para estreitar os laços e a ofereço um de meus cigarros que de forma bem hilária foi aceito. *Eu aceito, mas se você tiver também o fogo*. No mesmo tom respondi que tinha, e muito. O riso na mesa foi geral, e Cíntia na mesma hora puxou uma cadeira do seu lado e pediu para sentar-me imediatamente, senão ela iria sentar no meu colo. Enquanto isso acontecia, a mesa toda estava aos risos e fazia comentários de tons sexuais, comentários estes que me dava margens para interagir com o grupo sem pudor algum. Com o passar do tempo, eu já estava familiarizado com todas. Pegava o telefone para contato de uma, puxava algumas informações de outra e o número de cervejas e cigarros fumados aumentando.

---

[51] Fazer a base significa também beber e fumar um pouco; fumar um cigarro de maconha ou até mesmo cheirar um pouco de cocaína antes de entrar na boate ou festa para se divertirem. Às vezes a expressão também é utilizada quando querem criar coragem e disposição para começarem a fazer programas noturnos nas esquinas do centro de Fortaleza. A intenção é aumentar a adrenalina para não chegar desanimada ao local de destino. Tem muito a ver com a gíria "ficar colocada", ou seja, ficar bêbada, louca ou muito animada.

[52] Uma travesti que participou ativamente da minha pesquisa, esteve presente no grupo focal e nos deu também entrevista.

[53] Baratismo significa dar escândalo, fazer tudo que tem direito etc.

Já eram vinte e três horas e eu ainda estava sentado ao lado de Cintia conversando e sorrindo muito de suas andanças. Sempre que tinha oportunidade, Cíntia questionava o meu trabalho e o porquê da escolha, mostrava-se bem interessada em saber como vinha sendo feito, quem eram as pessoas que estava entrevistando etc. Quando comecei a falar que trabalhava com transformações corporais, na mesma hora ela apontou para Eliano (nome fictício) e falou que ele estaria se bombando nos próximos dias, chamando-o para nosso lado. Eliano tem 19 anos e gosta de ser chamado de Marcela (nome fictício). Marcela está vivendo um processo de "mutação" em sua vida e no seu corpo. Seus seios ainda são pequenos por conta dos hormônios, o cabelo já é grande e costuma vestir-se ainda de forma básica, preservando ainda traços da masculinidade. Comecei a conversar com Marcela.

> - (pesquisador) Marcela, onde é mesmo que você mora?
>
> - (Marcela) *Eu estou por enquanto morando na casa da Lúcia, uma prima minha que mora no bairro João XXIII. Eu trabalho lá perto e minha família mora em Caucaia. E você mora aonde?*
>
> - (pesquisador) Eu moro no Benfica.
>
> - (Marcela) *O que foi que essa louca da Cintia te falou? (risos)*
>
> - (pesquisador) Não, mulher, ela só me falou que você vai se bombar na próxima semana, é verdade isso?
>
> - (Marcela) *Rapaz, é sim, não vejo a hora. [...] eu tenho medo, mas vai dar tudo certo, a gente tem que pensar assim. Com todas dão certo e comigo tem que dar também.*
>
> - (pesquisador) E você vai colocar o quê?
>
> - (Marcela) *Olha, eu vou colocar peito e fazer coxa, se eu agüentar faço logo é tudo.*
>
> - (pesquisador) E com quem você vai fazer, você pode falar?
>
> - (Marcela) *(risos) é "diague"*[54] *falar, mas é uma bicha que está morando agora no interior e vem pra Fortaleza só bombar as bichas novas. Têm outras travas daqui de Fortaleza que fazem também, mas vou fazer com essa, é a mesma que fez a de uma amiga. Você sabe que estas coisas não se pode falar demais (risos). Até a Cintia agora está fazendo as bichas (risos).*
>
> *- (Cintia) Bicha, a senhora me respeite, pois deixa mesmo eu te fazer pra tu ver como eu faço a linha "Silveirinha"*[55] *contigo (risos).*

---

[54] Aquilo (ou aquele) que é ruim, não permitido. Ex: Ir pra lugares diague é uó. A gente fica toda errada. Tá entendendo?

[55] Linha Silveirinha significa ser malvada, mentir etc.

> - (Marcela) *Nem louca eu tenho coragem de colocar meu corpo nas mãos da senhora (risos)*
>
> - (pesquisador) O que você acha que vai mudar em sua vida depois que fizer a bombação?
>
> - (Marcela) *Olha, às vezes eu fico me imaginando de peitão. [...] eu acho que vou me realizar. Quero dá o close na frente das travas (risos). Olha que as novinhas estão chegando na área, não é, Luma?*
>
> *- (Luma) Gata, eu não sei de nada, a senhora é uma doida, devia ir atrás de estudar e não de aprender com é que as gays fazem pra "descer"*[56] *(risos). Não me meta nas suas coisas, tá?*
>
> - (pesquisador) E onde é que você vai fazer?
>
> - (Marcela) *Lá na casa mesmo da minha prima. É tranqüilo lá.*
>
> - (pesquisador) E sua família está sabendo?
>
> - (Marcela) *Tá louco? Só vão ficar sabendo depois (risos). É o luxo.*
>
> - (pesquisador) Você sabe dos riscos, né?
>
> - (Marcela) *Sei sim, mas também sei do lado bom.*

Mesmo diante de tantas incertezas, possibilidades e riscos, as travestis são fisgadas por um desejo intempestivo resistente a qualquer tipo de racionalização, até mesmo porque é através do corpo que são experimentadas as sensações de prazer e de dor. Trata-se de um determinante para que as travestis sintam-se satisfeitas e felizes consigo próprias. Muitas vezes é necessária a presença incontestável da "dor beleza", que justificou e vem justificando até os dias atuais as transformações corporais (BENEDETTI, 2000; DUQUE, 2005; PERES, 2005; PELÚCIO, 2007).

A tão famosa dor da beleza possui uma relação intrínseca com o silicone industrial, que é para muitas o elemento que, juntamente com os hormônios, vai tecer a fronteira entre as travestis e as mais diversas formas de se viver um gênero e uma sexualidade em nossa sociedade. Mas, na verdade, não é apenas o silicone líquido e os hormônios que corroboram ativamente no viver a travestilidade em suas nuances.

---

[56] "Descer" está relacionado ao fato de se prostituir. Ex. Hoje eu vou descer para conseguir o dinheiro do aluguel; Em Fortaleza, só descem as bichas mais belas.

3. O CAMPO DO DESEJO E DA DOR

> Todo ser humano paga um preço para viver e nós também pagamos. [...] O silicone é o sonho de todas.
>
> (Travesti Raquel, 28 anos, Fortaleza/CE)

A sorte de ter sido apresentado à Marcela Tiphane por Cintia Abravanel me conduziu a um dos momentos mais intensos da minha pesquisa de campo. Foi a partir da conversa que tivemos que comecei a vislumbrar a possibilidade de presenciar uma sessão de bombação. Estar presente seria uma exímia oportunidade de ver e sentir a olho nu o elemento central da minha dissertação: a saga da beleza se concretizando. O desafio da conquista estava posto.

Naquela mesma noite do dia 04 de outubro, colei literalmente em Marcela, pois não poderia deixar um contato tão importante escapar pelas minhas mãos. Ao sairmos do Bar *Disney* Lanches, seguimos todos para a Boate Divine, localizada a uns 04 quarteirões de onde já partimos colocados[57]. Camila e Luma seguiam na frente, e o restante grupo as seguia fazendo a maior pirraça na rua, incluindo eu e Karyne. Lembro-me bem dos gritos de Luma, que rebolava exageradamente e balançava sua bolsa enorme de um lado para outro dizendo: "*Tô louca, caralho!" (risos).* Até chegarmos à boate, muitos gritos e risadas foram proferidos. Todos os carros que passavam, quando não mexiam conosco, eram convidados a interagir de alguma forma, seja através de insultos ou de bolinações.

Quase uma hora da madrugada, chegamos ao local de destino. O "grupo" foi dissolvendo-se em meio a tanta gente, mas tratei logo de convidar Marcela a sentar-se conosco. A boate *Divine*, localizada na Rua General Sampaio, centro da cidade, tem seu público em grande maioria homossexual. A passagem pela roleta da bilheteria produz nos freqüentadores a sensação de estar sendo sugado para dentro do "dance", quase sempre lotado, sendo um sufoco conseguir passar para os outros espaços. São muitas luzes, fumaça, holofotes, travestis, *drags*, transformistas, michês, boys, gays, lésbicas e manequins purpurinados com parreiras (também purpurinadas) decorando o espaço obscuro e envolvente, que se mistura ao som das batidas eletrônicas geralmente internacionais. Aqui, diversas pessoas "se jogam no batidão", flertam, tocam-se, fumam e bebem. Logo mais à frente, uma entrada à direita que dá acesso a um banheiro, uma saída de emergência, localizada vizinho ao bar interno. Há alguns metros existem aberturas que dão acesso a um corredor, onde

[57] Nos termos êmicos, significa embriagado e/ou drogado.

encontramos outro banheiro, uma sala de vídeo pornô e um *dark room*, sala completamente escura e destinada a práticas eróticas.

No final do corredor, encontra-se um espaço ao ar livre com mesas, cadeiras, um bar, outro caixa, um banheiro unissex, e um "banheirão". Neste último recinto, embora não haja nenhuma regra estabelecida pela organização da boate proibindo a entrada de mulheres, estas não costumam adentrá-lo, devido às freqüentes cenas de "pegações" e de grupos de pessoas praticando sexo. Há, ainda, uma cantina localizada no corredor da saída, dois telões que veiculam clipes dos mais diversos estilos, sendo mais solicitadas as músicas de forró, axé e de artistas americanas do sexo feminino, tais como Madonna, Beyoncé, Mariah Carey e Britney Spears.

Este cenário foi um importante *lócus* empírico para minha pesquisa. Naquela noite, conversei com Marcela por várias horas na busca de conquistar sua confiança e estreitar os laços para só em seguida ter coragem de falar sobre sua "bombação" e expressar a minha intenção em estar presente enquanto pesquisador. As horas foram passando e sobre muitas coisas conversamos. Mesmo com tantas sumidas de Marcela no interior da boate, trocamos telefone e seguimos os nossos caminhos de volta para casa. Durante a semana telefonei-a, e ela me fala que naquela semana não seria mais possível a realização da aplicação do silicone, tendo assim que esperar por mais alguns dias. Assim fiz. Esperei e continuei mantendo contato, inclusive solicitei Cíntia para que continuasse reforçando o meu interesse.

3.1 O show de "TRANSdefinidas" não pode parar...

Neste processo de pesquisa de campo, uma experiência, que chamo de momento ímpar, foi deveras importante para fechar alguns buracos de meu trabalho. Foi a partir de uma sessão de bombação que alguns dos elementos centrais que cercam a experiência da travestilidade e a Saga da Beleza se entrelaçaram claramente. Mesmo já tendo tido acesso a literaturas semelhantes, foi apenas presenciando uma das sessões que consegui entender toda a representatividade que envolve essa prática. E trago trechos do meu diário de campo para contar-lhes esta experiência:

Terça-feira, 21 de outubro de 2008, recebo uma ligação de Cíntia às dezessete horas e trinta minutos. Falou-me que no dia seguinte aconteceria a bombação de Marcela e, se eu quisesse, poderia me fazer presente, desde que não falasse à ninguém. Aquele momento foi de grande alegria, mas seguido de um misto de sensações. Anotei corretamente o endereço da

casa de Marcela (mora na casa de uma prima) e o horário programado para acontecer a bombação.

Quarta-feira, 22 de outubro de 2008, duas horas da tarde. Ligo para Cíntia e pergunto se era possível irmos juntos e combinamos um local. Em seguida, rumamos para o bairro José Walter, na periferia de Fortaleza. Até chegarmos lá, fomos conversando sobre os riscos de se fazer um procedimento como este, tão incisivo no corpo. Em uma de suas falas, Cíntia ressaltou:

> É uma grande decisão na vida de uma travesti. Eu morro de medo de acontecer alguma coisa e estar presente e ser culpada por alguma coisa, mas essa é uma decisão apenas da bicha, isso é um mal necessário. É a segunda vez que vejo alguém fazendo isso [...] quando eu fiz, fiz na casa de uma trava antiga no centro, foi logo quando saí de casa e comecei a fazer rua, eu era bem novinha.

A minha preocupação, naquele momento, era saber como Marcela estava se sentido e se eu também teria realmente coragem de presenciar todo o processo.E era preciso comportar minha esfera das emoções.

Quando chegamos à casa de Marcela, fomos recebidos por ela, que aparentemente estava muito tensa. No entanto, o tempo todo buscava nos passar uma postura de confiança e coragem, sempre sorrindo e preocupada em nos acolher da melhor maneira possível.

A casa é bem humilde e de poucos cômodos, onde Marcela divide com sua prima Érica (nome fictício). Logo na entrada, possui uma varanda com dois jarros de plantas, conhecidas na região pelo nome “comigo ninguém pode”. Adentrando a sala da casa, encontramos uma estante de modelo bem antigo em madeira colonial abrigando um televisor, um aparelho de DVD, alguns porta-retratos, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, alguns objetos decorativos em madeira, artesanato e cerâmica. Os sofás não muito novos são revestidos com mantas bem coloridas e algumas almofadas esgarçadas. No canto da sala, possui um cinzeiro de pé feito em madeira, que por sinal estava lotado de pontas de cigarros e cinzas. Saindo da sala, temos acesso a um pequeno corredor, corredor este que nos leva ao único quarto da casa. À esquerda do corredor havia a cozinha e um banheiro, sem sua porta, que foi substituída por uma cortina de pano. O banheiro fica com fundos para o quintal da casa, onde ficam alguns potes de barro, tambores de ferro para armazenamento de água, que contrastam com um esgoto que por aí passa a céu aberto. O quintal é separado dos outros quintais por meio de uma cerca em arame farpado e muitas plantas.

Marcela, naquele momento, preparava um café e nos convidou a entrar até o final da casa para conversarmos enquanto terminava suas atribuições domésticas. Perguntei como ela estava se sentindo e obtive a resposta de que estava muito ansiosa e com medo. Naquele momento, tentei lhe fazer algumas perguntas pontuais.

> - (Pesquisador) Você está com medo de quê, Marcela?
>
> - (Marcela) *[...] ai, não sei bem, mas sei lá, vai chegando perto a gente começa a sentir um frio na barriga. Quero é que passe logo [...].*
>
> - (Pesquisador) E a trava que vem fazer, cadê?
>
> - (Marcela) *Cristão, ela ficou de vir pra cá depois das três horas, ontem ela esteve aqui. Eu acho que ela deve tá chegando.*
>
> - (Pesquisador) Onde é que você vai fazer?
>
> - (Marcela) *Onde eu vou aplicar no corpo ou que lugar da casa?*
>
> - (Pesquisador) Em que local da casa.
>
> - (Marcela) *Eu acho que o melhor lugar é mesmo no quarto ou aqui na cozinha, vai depender dela (risos).*
>
> - (Pesquisador) E no seu corpo?
>
> - (Marcela) *Como lhe falei, por mim queria fazer logo era tudo, mas ela me falou ontem que não é aconselhável, é melhor fazer por parte, até por conta da reação do corpo de cada bicha (risos).*
>
> - (Pesquisador) Em algum momento pensou em desistir?
>
> - (Marcela) *De jeito nenhum, seja agora o que Deus quiser (risos).*

Neste momento, pude confirmar que por mais que esses processos sejam arriscados, que as seqüelas sejam imprevisíveis e às vezes irreversíveis, existe uma determinação dos sujeitos em afirmar-se enquanto travesti, superando assim qualquer obstáculo que possa vir a bloquear ou atrapalhar a caminhada em direção ao corpo desejado.

Enquanto conversávamos, Marcela coava o café, em seguida se dirigiu ao quarto para ligar o som. Como a casa é pequena, sem forro e as paredes do quarto não vão até o teto, o som se espalhava pela casa fortemente. Continuamos a nossa conversa com forró no pano de fundo. Cíntia estava também super ansiosa, fumava compulsivamente e andava pelos cômodos da casa sem parar. Seu nervosismo chegava a ser transmitido aos demais, parecia que era ela quem iria se bombar. Um dos comentários feitos por ela me chamou bastante atenção e o destaquei em minha caderneta:

> "É um sonho ter seios, ter bunda grande e bonita, eu já passei por isso e sei como é. É uma sensação de medo, prazer e dor todas às vezes que se bomba. [...] e essa bicha nem aí, parece que tá esperando é um macho" (risos) [fazia referência a tranqüilidade expressada por Marcela].

Em pouco tempo, Solange (nome fictício) [a travesti "bombadeira"] chega na companhia de uma outra travesti negra, bem mais velha, chamada Paula (nome fictício). A anfitriã as recebe e as acomoda no interior da casa, fechando em seguida a porta da casa cuidadosamente. Após a acolhida, Marcela entra no quarto e Solange a acompanha. Dava pra escutar muito pouco a conversa entre elas por conta da música. Notei que Solange não estava muito à vontade com minha presença. Até porque estes são processos clandestinos e arriscados, e por nenhum momento ela gostaria de se expor. Aqui eu devo confessar que eu também não estava tranqüilo em estar ali trancado com pessoas praticamente desconhecidas. O que me dava coragem era imaginar que esse era um risco "necessário" à minha experiência enquanto pesquisador.

A prática das bombadeiras requer sigilo quase absoluto, elas raramente falam para alguém "de fora" onde, quando e em que horário vão bombar. Preferem locais isolados, distantes e de difícil acesso, assim não correm o risco de serem importunadas e comprometidas. Vale destacar que, na rede de sociabilidade estabelecida pelas travestis, muitas destas informações são compartilhadas, só que existe toda uma "ética" ao se comentar sobre tal prática.

Durante algum tempo, Marcela e Solange permaneceram dentro do quarto. Meu desejo era me fazer presente também dentro do quarto e não perder nenhum passo desta Saga da Beleza, mas também não podia pressionar o processo "natural" das coisas. Eu seria um "corpo estranho" naquele meio. Após alguns cigarros, alguns goles de café, algumas risadas, ajeita uma coisa aqui, improvisa outra acolá... o cenário foi se configurando.

Solange sai do quarto, vem até a cozinha e interage conosco. Parecia-me um pouco tensa e fumava bastante. Na primeira oportunidade eu a perguntei o que estava faltando, e ela respondeu que faltava apenas Marcela ficar pronta e também fez o seguinte comentário:

> Marcela tem muita sorte de já ter muita coisa de mulher, não precisa fazer tanta coisa nela. Tem bicha que nem me interesso em fazer, tem umas que não tem jeito (risos). [...] ela não, já tem um formato do corpo de mulher, o rosto, as maças [...].

Depois de algum tempo, Solange volta para o quarto. No mesmo instante, Marcela sai e se dirige ao banheiro apenas de toalha. Agora já se mostrava apreensiva e

agitada, mas disposta. Quando volta ao quarto, Cíntia a acompanha fazendo algumas brincadeiras e pediu para a bicha agilizar logo [avançar no processo, resolver logo].

O ritual continuava nos bastidores do quarto: Marcela já estava vestida em uma calcinha preta fio-dental, hiper acochada, comprada exatamente para aquela ocasião. Depois teve amarrada na cintura uma meia calça cor da pele, de forma extremamente apertada, e alguns pedaços de atadura em cima dos joelhos. Essas foram amarrações feitas no intuito de evitar o trânsito do silicone líquido pelo corpo, e agora só poderia tirá-las [as amarrações improvisadas] depois de algum tempo, até o silicone se fixar entre a pele, a carne e os músculos. Enquanto isso, Solange preparava em cima da cama as várias agulhas, distribuía em copos e seringas os dois litros de silicone de marca "Barra 1000" a serem aplicados, os papelotes, algodão, cola *tree bond*, álcool e alguns acessórios que seriam utilizadas no bumbum, no quadril e na parte posterior das coxas de Marcela. A aplicação na parte posterior das coxas é uma técnica que, segundo as bombadeiras, serve para "segurar" a quantidade de silicone aplicado no bumbum. Dependendo da quantidade aplicada, a tendência é que o silicone venha a "descer" com certo tempo, e essa técnica vai impedir que isso aconteça.

Marcela desejava fazer todas as intervenções em seu corpo de uma única vez, mas pela forma como estes processos acontecem, às vezes não é possível, noutras não é aconselhável. Nesta lógica, os seios tão sonhados ficaram para uma próxima sessão, até por que, durante a vida de uma travesti, são necessárias muitas intervenções cirúrgicas e não-cirúrgicas, inclusive no que se refere ao silicone líquido. O desafio agora era começar a aplicação e saber se Marcela agüentaria ficar por horas em cima de um salto alto, pois, segundo Solange, o resultado do trabalho ficaria muito melhor. Dessa forma, já se aproveitaria a estrutura do corpo de quem está recebendo o silicone. Para Solange, ficar em cima de um salto alto é melhor até para controlar a dor, mas existem algumas travestis que preferem ser bombadas estando deitadas em cima de alguma superfície rígida (tapetes no chão, bancos e mesas). Isso vai depender muito de cada bombadeira, de cada cliente e do local onde será aplicado o silicone. Quando se vai bombar os seios, a melhor posição é a sentada. Após esse tipo de bombação, a travesti tem que permanecer nessa posição por dias. Para dormir, não se pode "mover" sequer os braços por aproximadamente 10 dias ou mais.

Com todo o material "cirúrgico" preparado, Solange faz os primeiros movimentos para dar formas e volumes a sua "escultura viva". Passa algumas instruções à Marcela, dizendo que não adianta gritar, que ela não pode agachar-se, e que tente ficar tranqüila e relaxar o máximo, pois ela sabia o que estava fazendo. Paralelo às suas recomendações, já ia esterilizando com álcool o bumbum, os quadris e as pernas de Marcela

que, por sinal, estava praticamente estática, só de calcinha, com as mãos apoiadas na parede, equilibrando-se em cima de um salto alto vermelho e com o pescoço no ângulo de 120º a fim de visualizar os primeiros procedimentos de sua tão sonhada bombação.

A "escultora" marca com um pincel azul os locais no corpo de Marcela que considera mais apropriados para introduzir as agulhas descartáveis de escalpe 40x12. A partir de então, Marcela baixa a cabeça próximo à parede, fecha os olhos e fica a esperar as primeiras furadas em seu corpo. A cada agulha introduzida, ecoavam pelo ambiente sons fortes de sussurros e "ais". Solange introduziu a primeira série de agulhas, algumas no sentido lateral, umas para cima e outras para baixo, mas todas dentro do mesmo raio traçado anteriormente. O segundo momento seria fazer uma pequena sucção para ter a certeza de que nenhuma das agulhas havia atingido vasos sanguíneos, para só em seguida começar a injetar o silicone líquido que já estava distribuído em copos e dentro das demais seringas. Quando ocorre de uma das agulhas atingirem algum vaso sanguíneo ou pelo menos levantar alguma suspeita, esta é retirada no mesmo instante e recolocada em outro local.

Solange pedia ajuda à Paula, que naquela situação exercia o papel de auxiliar de bombadeira. Vinha a primeira aplicação, seguida de muitos gritos. Agora sim Marcela parecia estar sentindo a "dor da beleza", sua pele parecia inflar e, de forma incivil, Solange continuava a aplicação e pedia em tom áspero para Marcela controlar-se. Cíntia tentava acalmar a amiga. Após cada aplicação naquele raio, Solange começava a moldar no sentido de cima para baixo os quadris e o bumbum de Marcela, que reclamava de grandes dores, clamava pelo amor de Deus e falava que não iria agüentar. Cíntia dava força à amiga, falando que todas as travestis agüentavam e ela ira agüentar também. Houve algumas pequenas paradas por conta da inquietude e das dores que cobriam Marcela. Durante um longo período, o processo foi se tornando repetitivo: introdução de silicone, gritos, sussurros, reclamações, "ais", testes para verificar se algum vaso havia sido alcançado, retirada de agulhas, re-colocação, "assepsia" no local, colagens etc.

Eu não sabia o que falar e nem sei se minha presença ali me permitia fazer algum tipo de comentário. Permaneci lá perplexo diante de tanta coragem, frieza e da técnica de se moldar corpos, técnica esta apreendida com a experiência de ser e viver a travestilidade na pele há muitos anos. Em algumas "cenas", eu fechava os olhos ou virava o rosto para não ver os acontecimentos na íntegra, parecia sentir também a dor. Mas todas as falas das colaboradoras nos mostram que "esta dor só dar para ter noção quem passa por ela".

A cada retirada de agulha era colocado, em cima do "furo", papelotes e pedaços de algodão com cola *Tree Bond,* evitando assim a saída do silicone já aplicado.

Foram quase três horas de bombação, e quando o fim se aproximava, Solange falava que o trabalho estava ficando perfeito e o resto ficaria por conta dos cuidados e do repouso que Marcela deveria ter pós-bombação. Entre eles, há o cuidado ao se movimentar, ao dormir, não sair de casa durante o "resguardo", evitar comidas carregadas, mariscos, e, principalmente, cuidado com quedas, brigas e atos libidinais intensos naquelas primeiras semanas necessárias para o silicone "secar" e se incorporar no organismo. Marcela também precisava controlar sua vaidade e seu desejo de sair na rua para exibir seu novo corpo, já que agora ela estava bem próxima do que sempre sonhou em ser e ter. Solange acrescenta:

> Muitas coisas dão errado por descuido. Tem travestis que em poucos dias já querem sair na rua, já querem descer para a esquina, aí sim pode acontecer o pior, algumas ficam até deformadas. Aí vão dizer que a culpa é de quem aplica? De jeito nenhum [...] não é de hoje que faço o corpo das bichas e já vi de tudo acontecer.

Após todos os procedimentos realizados da bombação, Marcela parecia não acreditar que havia superado tanta dor e no seu semblante dava para ver muito timidamente a expressão de felicidade. Aquela experiência julgada tão necessária para legitimá-la enquanto travesti havia sido sentida, nos nervos, na carne e na pele, como nos termos de Larissa Pelúcio (2006).

Marcela abandona seu postos ao pé da parede e com a minha ajuda e a de Cíntia vai diretamente para a cama, quase sem movimento na parte inferior do corpo, e deita-se de bruços. Bastante suada e cansada, Marcela nos fala que está com sede e que ainda sentia dores, mas Solange falava que era normal e que o efeito dos antiinflamatórios, por ela mesma indicados, ajudaria a amenizar nas dores e na cicatrização. Agora, o ideal seria tomar as devidas precauções, aguardar os resultados e contar com o fator sorte, pois a rejeição poderia aparecer a qualquer momento, poderia ser no mesmo dia, em semanas e até em meses. Esse é um risco que não está presente apenas nesses processos clandestinos de bombação, é um risco que também existe nos procedimentos acompanhados por especialistas no assunto. Portanto, os perigos aqui se tornam transversais.

Assim, as travestis, ao mimetizarem o 'verdadeiro' corpo, bem como o 'verdadeiro' gênero, demonstram como a experiência representada por esses sujeitos que exploram o corpo em suas extremidades, formações e limites, é importante na caminhada em direção ao ideal de perfeição da figura humana, fazendo do corpo um lugar de possibilidades de questionamento do mundo (LE BRETON, 2003) e da condição humana.

Dessa forma, torna-se ardiloso reproduzir na esfera da escrita um evento com este grau de intensidade e complexidade. Nem sempre se encontram palavras que equacionem sentimentos, sons, cheiros e expressões que permearam aquela experiência. Devo confessar que minha inexperiência e a minha perplexidade me impediu de visualizar e descrever outros elementos que porventura seriam imprescindíveis. Vale destacar que o relato aqui apresentado não tem a intenção de ser lido e tido como o único e verdadeiro. Essa foi uma experiência de certa forma "isolada", que com certeza cruzar-se-á com outras experiências semelhantes, bem como com experiências que se diferenciem em alguns pontos e contextos.

3.2 Na contramão do permitido...

Durante alguns dias, comuniquei-me com Marcela ao telefone. Segundo ela, sentiu algumas dores. Nos primeiros dias, foi difícil e complicado realizar algumas atividades rotineiras, mas disse que estava se recuperando muito bem, que realmente tudo estava valendo à pena. Até aquele momento não havia ocorrido nada fora do previsto, pois já tinha escutado relatos sobre tal prática através de muitas amigas travestis. Portanto, nem tudo era novidade. Todas as vezes que se olhava no espelho, notava que as marcas roxas estavam dando espaço aos volumes e formas voluptuosas oriundas da aplicação de silicone e que não via hora de sair na rua e ser vista como uma nova mulher, com os seios ainda pequenos [apenas com efeito dos hormônios], mas já com uma série de atrativos que a tornava uma travesti sensual, bonita e, conseqüentemente, mais desejada. Estava se sentindo mais poderosa e capaz de competir com qualquer outra travesti, seja na esquina ou até mesmo na balada. Em uma de nossas conversas por telefone, Marcela destacou:

> Devo agradecer bastante à Cíntia, ela me ajudou bastante, esteve aqui em casa por várias vezes e junto com minha prima facilitaram minha vida [...] acredita que já estou até pensando na próxima? (risos).

No mesmo instante respondi:

> Acredito sim Marcela, pude observar sua coragem e determinação no dia. E agora, pela sua voz, observo que está muito feliz. Que bom que tem tido sucesso.

A morte primordial do desejo é realmente a posse. Pude comprovar isso também a partir da pesquisa. Isso acontece em todas as esferas sociais e com qualquer pessoa, e na busca do corpo canônico não poderia acontecer de forma diferente. Geralmente, as travestis querem sempre mais. Quando as primeiras sessões de bombação dão certo, passam a

fazer parte das suas metas e perpassam todos os seus planos. Começam a desejar mais meio litro de silicone aqui, só mais um retoque ali, querem fazer boca, testa, maçãs, aumentar os seios e por aí vai. O que chega a ser questionador são os excessos e as muitas repetições dessa prática, que é quase sempre uma aplicação de silicone líquido por cima de uma aplicação "antiga". "Algumas perdem a noção do risco e acabam se arrependendo no meio da caminhada, outras controlam este desejo e durante muitos anos vivem sem nenhuma seqüela", assim afirmou Raquel durante uma de nossas entrevistas.

Quando nos referimos a nenhuma seqüela, estamos nos remetendo a seqüelas que podem atrapalhar o dia-a-dia das travestis, tais como deformações, mutilações, atrofiamentos etc. Existem fatores que chegam a prejudicar a circulação sanguínea, a respiração, dão dores nas pernas, interferem no comprometimento da disposição diária, entre outros aspectos... São conseqüências já reconhecidas e legitimadas como "natural" pelo grupo (principalmente a parcela que recorre às práticas clandestinas) que vive a travestilidade, assim, não se tornam mais elementos implicadores na decisão de aderir ou não às intervenções corporais.

Depois de quase dois meses, reencontro-me com Marcela na boate Donna Santa[58], localizada na praia de Iracema, em Fortaleza. Foi uma surpresa para mim, realmente ela estava outra pessoa. Além de uma produção e uma performance digna de elogios, Marcela havia alcançado aparentemente grande sucesso em sua bombação. Estava com cabelos lisos, maquiagem em tom dourado, brincos longos, um top preto com muitas aplicações no busto, bolsa, uma calça em listas verticais pretas e cinzas, salientando todas as suas curvas e as suas formas que desfilavam elegantemente em cima de um salto alto. Conversamos um pouco e era nítida a sua alegria, pois a cada instante surgia alguma pessoa para destilar comentários sobre sua mudança. Ainda com algumas limitações "pós-bombação" (não estava ingerindo álcool e nem fazendo grandes movimentações), Marcela já instigava olhares de homens, de mulheres, de gays e, principalmente, das outras travestis, o que a fazia ter mais orgulho do seu corpo.

São todas essas pluralidades e possibilidades que nos levam a perceber que as travestis, mesmo diante dos riscos, deformações, mutilações e dores, optam pelas transformações corporais, pois é a partir delas que conseguem afirmar seus desejos de adequação. Assim, as transformações corporais se constituem como essenciais para que as travestis se identifiquem com a estética feminina, levando-as a recorrer tanto às técnicas da

---

[58] A Boate Donna Santa é uma boate LGBTT localizada na praia de Iracema, em Fortaleza. Seu público maior são gays e uma parcela bem reduzida de travestis e transexuais, quando comparada à boate Divine, no Centro de Fortaleza.

biotecnologia moderna, com implantação de próteses de silicone, depilação sofisticada, correções cirúrgicas e dermatológicas, tratamentos hormonais e cosméticos de última geração, quanto às técnicas de aplicação de silicone líquido industrial, como pudemos observar a partir da experiência de bombação de Marcela.

4. "É NA RUA QUE EU ME REALIZO, É NA RUA QUE EU ME SINTO A MAIS DESEJADA". A INTERFACE ENTRE A PROSTITUIÇÃO E A TRAVESTILIDADE: MUITO ALÉM DA CONCEPÇÃO DE RISCO E NECESSIDADE.

CENA 01 – "EU POSSO, QUERIDAS".

Madruga de quarta para quinta do dia 14 de agosto de 2008, às 00h e 30 minutos, esquina da Rua Clarindo de Queiroz, continuação da Rua Bárbara de Alencar, no Centro de Fortaleza. Zona de prostituição, mais precisamente espaços demarcados pela prostituição travesti e pela subversão noturna.

Personagens: Jander (Pequisador); Júnior (Amigo do pesquisador); Pâmela (Travesti); Fernanda (Travesti); Sr. Pedro (Guarda Norturno); Alcina (travesti).

Ambiente: As ruas Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar são as vias que concentram o maior número de travestis no centro de Fortaleza. São ruas que, durante o dia, dão espaço ao comércio local, com lojas, oficinas mecânicas, marmitarias a preços populares, colégios, trânsito intenso de ônibus, topics, carros, motos e muitas pessoas circulando agitadamente. Quando a noite cai, o cenário se transforma enigmaticamente. São ruas estreitas, com pouca iluminação, muitas vielas, árvores que tornam o ambiente misterioso formando muitas sombras, alguns botequins e semáforos em quase todas as esquinas... Um cenário ideal para reprodução da prostituição travesti.

Sons: Ouve-se com freqüência o barulho dos carros que passam pelos arredores em alta velocidade por conta do perigo de assaltos; algumas buzinas direcionadas às travestis que ali se prostituem; sirenes e bips de carros e motos de empresas de segurança; gritos, falas e risadas das travestis que desfilam seminuas pelas calçadas e saracoteiam nas esquinas, chamando a atenção de quem por ali decide passar. De repente, Alcina (nome fictício) aponta em uma das esquinas e toma rumo até a esquina onde estávamos conversando já por algum

tempo (eu, Júnior, Pâmela, Fernanda (nome fictício) e Sr. Pedro). Neste percurso de aproximadamente 100m, Alcina vem cantando feliz da vida, em tom altíssimo, e rebolando de forma milimetricamente calculada em cima de seus saltos de acrílico, com uma bolsa do lado e com os seios praticamente de fora. A música: *Eu gosto de ser mulher, Sonhar, arder de amor, Desde que sou uma menina, De ser feliz ou sofrer, Com quem eu faça calor, Esse querer me ilumina, E eu não quero amor nada de menos [...] [...] Eu gosto de ser mulher, Que mostra mais o que sente, O lado quente do ser, Que canta mais docemente*. A música continua até Alcina se aproximar da gente.

Diálogo:

Pâmela: Tá alegre, né, viada? O que foi que a senhora viu? (todos riem)

Alcina: Eu? (risos) Meu bem, eu sou sempre assim. E volta a cantar: *Eu gosto de ser mulher, Sonhar arder de amor [...]*

Jander: Eita, que ela hoje desceu foi inspirada.

Alcina: Foi sim (risos). E o senhor, ainda nesta pesquisa?

Jander: Ainda, Alcina. E a senhora, o que me conta?

Fernanda: Mulher, tu tem um careta? [dirige a palavra a Alcina]

Alcina: De novo mulher (risos)?É claro que tenho. Mulher, preste atenção na sua vida.

Fernanda: Vala, viada! Tu sabe que não ando sem cigarro, é que o meu acabou.

Alcina: (risos) pega logo esse cigarro, mulher, que vou já me jogar para aquele carro que está vindo ali (risos).

Alcina ajeita os cabelos, termina de colocar os seios para fora, dá as costas e empina a bunda para o carro que passa devagar. O vidro do carro é baixado, e um dos rapazes que se encontram dentro do veículo fala: *Vai gostosa, empina pra mim, vai*. Alcina responde no mesmo tom: *Você quer lindinho, quer? É todo seu se você quiser" (risos),* e se vira rapidamente para o carro e mostra seus seios super bronzeados. O carro passa e Alcina volta à conversar conosco, fazendo algazarra.

Alcina: Hoje eu tô que tô. Bora, Fernanda, se jogar mulher! Tira esta saia, mostra este teu rabão, abala (risos).

Fernanda: Eu não preciso, querida, quem passa já quer possuir e senti-lo (todos riem).

Pâmela: Eu sei o que eles querem (risos)

Os dois rapazes que passaram anteriormente voltam. O carro pára e Alcina vai até a porta negociar. De onde estávamos, só dava para ver os seus movimentos sensuais e escutar as suas gargalhadas. Após alguns minutos, Alcina grita em nossa direção: *"Eu posso, queridas" (risos)* e entra no carro com os dois, seguindo para mais um dos seus programas.

* * *

Foi propositalmente que intitulei este tópico com uma das frases de Alcina, registrada em uma de nossas entrevistas. Quando Alcina frisa que "É NA RUA QUE EU ME REALIZO, É NA RUA QUE EU ME SINTO A MAIS DESEJADA", isso nos leva a fazer uma reflexão mais intensa no que diz respeito a atuação de um número muito grande de travestis nas "ruas" se prostituindo. A cena que apresentamos acima pode e deve ser vista como uma confirmação da fala de Alcina na prática. Não se trata apenas de uma frase de efeito para impressionar o "entrevistador", pois é assim que ela se vê e age de acordo com o que "planejou" para sua vida, e assim muitas outras travestis vão construindo seus caminhos.

De acordo com diversas literaturas existentes sobre travestilidade e prostituição, já é sabido que as travestis fazem parte de grupos de risco, que são violentadas, que são presas fáceis de assassinatos decorrentes da grande exposição na rua. Também é sabido que a prostituição é uma das únicas saídas diante da exclusão no mercado de trabalho e do preconceito que tem início no mesmo instante em que o "Júlio", aquele rapazinho da periferia, decide seguir seu sonho e torna-se, ainda na adolescência, em "Juliana", aquela que pode tornar-se a travesti mais desejada na esquina da quadra do colégio Marista, no centro de Fortaleza.

Mas não é esse o nosso propósito, até porque concordamos que esta pluralidade de olhares não escamoteia a possibilidade de lançarmos mais um olhar, o que mostra que é na prostituição e através dela, é no bate-cabelo, em cada rebolada estratégica para seduzir, "no abalou viado", no "se joga no batidão", na negociação dos preços e serviços, nas poses eróticas na esquina, na nudez que choca, nas caras e bocas, na utilização do corpo para dar e sentir prazer etc., que as travestis se realizam e sentem-se as mais desejadas, conseguindo muitas vezes na "rua", segundo elas, os seus melhores trunfos: "homens", namorados e até companheiros.

E o mais interessante é que não são desejadas simplesmente por tentarem imitar o feminino ou fazerem paródias da feminilidade, mas são admiradas e cortejadas por serem travestis e transitarem entre o masculino e o feminino de forma tão singular. Assim

destaca Susane (travesti, 31 anos): “travesti, pra mim, tem alma de mulher e a coragem de um homem”. É isso que incomoda, atrai e desperta desejos em quem as vê. Por mais plural que possa ser a construção da travestilidade, o corpo é o lócus privilegiado dessa vivência, que tem na rua e na prostituição seu primeiro espaço de referências e possibilidades (LARISSA PELÚCIO, 2007).

4.1 “ELAS É QUE NÃO QUEREM [...]”

Minha inserção no território junto às travestis que se prostituem em Fortaleza se deu a partir de uma rede de sociabilidade que fui tecendo. Cuidadosamente, comecei a interagir e a conhecer um pouco mais das suas rotinas. No decorrer de todo o trabalho, muitas dessas estratégias são apresentadas a partir de narrativas, de cenas e de diálogos, que são as pedras e as trilhas que constroem o meu percurso metodológico.

No convívio com as mesmas percebi que, para responder às questões que me colocava, era necessário dar ouvidos tanto a elas como também a outros personagens presentes neste círculo da prostituição nas ruas, como clientes, guardas noturnos, a representante da Associação das Travestis do Ceará etc. Sem as referidas pessoas, várias falas não atingiriam objetivo algum, teriam apenas visões parciais da realidade, afinal, tratam-se de relações em constantes ressignificações. Mesmo não trabalhando com essas falas aqui, elas acabaram me dando suporte para construir hipóteses e traçar algumas análises, até porque esses processos não acontecem e nem se “cristalizam” por si sós, fazem parte de um contexto bem maior e entrelaçado a muitos significados. Neste sentido, uma das perguntas que me incomodava era saber se realmente haveria uma ligação direta entre a busca pelo canônico com o “fazer rua”, e o que realmente “prendia” as travestis na prática prostitutiva. Seriam mesmo fatores econômicos ou existe um desejo inerente à prática do estar lá e sentir-se de lá? Foi a partir desses *insights* que esse trabalho também foi sendo sinalizado.

Não podemos deixar de mencionar que o espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Isso já torna o espaço convidativo e “acolhedor” para o grupo, esses espaços servem muitas vezes de “escolas” e “laboratórios” na construção desta identidade travesti e na transformação do gênero. Durante as minhas visitas a campo, sempre “cruzei” com travestis “novinhas” em processos já significativos de transformação corporal e prostitutivo. Estavam ali costumeiramente no intuito de aprender os caminhos que levam à beleza, mas também os caminhos que são transversalizados pela prostituição.

É ali que aprendem os métodos e as técnicas de transformação do corpo (como o uso de hormônios e as injeções de silicone), as formas corporais mais apropriadas às travestis e quais delas são mais valorizadas, os segredos da "montagem", as técnicas de maquiagem, as formas legítimas e ilegítimas de seduzir um homem e de se relacionar sexualmente e a linguagem do bate-bate.

Para o antropólogo norte-americano Don Kulick (2008), a prostituição travesti é, além de uma fonte de renda, uma experiência prazerosa e recompensadora. É um trabalho visto como qualquer outro e é nesse campo que elas são reconhecidas socialmente. O autor elabora de forma sólida que o prazer é uma possibilidade real no "relacionamento" entre as travestis e os clientes. E isto pude conferir também em minha pesquisa. Foram momentos como estes, descritos anteriormente, onde Alcina aparece feliz da vida em algumas falas presentes nas entrevistas e proferidas no grupo focal, como também no discurso de quem viveu e sentiu a travestilidade em sua completude e hoje está à frente do movimento travesti em Fortaleza, como Tina Rodrigues.

Na segunda-feira, dia 22 de dezembro de 2008, sou convidado a participar da confraternização natalina a ser realizada pela ATRAC[59], que aconteceria no dia seguinte em sua sede (atualmente funcionando nas dependências da residência da Presidente). Fiz-me presente à "festa" em companhia de Emylio e Juliana Justa, uma amiga e companheira de pesquisa de campo que também pesquisa gênero e travestilidade nas noites fortalezenses. A confraternização conseguiu reunir no mesmo espaço muitas travestis ligadas à associação, alguns representantes de ONG's do segmento LGBTT local e municípios vizinhos, e algumas pessoas mais próximas ao movimento.

[59] A ATRAC - Associação de Travestis do Ceará, é uma Organização Não-governamental, fundada em 21 de novembro de 2001, e tem como missão a melhoria da qualidade de vida das travestis, através da construção permanente da cidadania e da luta pela garantia dos seus direitos. Tem como objetivos o estimulo e o desenvolvimento dos valores profissionais, culturais e humanos das travestis; a defesa das travestis em casos de lesão à sua integridade física ou em casos de descriminação e preconceito; o bem estar das travestis em geral e o desenvolvimento de atividades na área de prevenção ás DST's/Aids.

Militantes da ATRAC

Dia do Orgulho Gay em Fortaleza – militantes da ATRAC

Entre todas as falas, a oriunda do discurso de Tina Rodrigues, uma militante que já sentiu na pele as dores e as delícias de ser uma travesti, mostrou-me que as questões em torno do desejo e do prazer de estar na rua é de certa forma preponderante na travestilidade. Assim destaca:

> [...] hoje as coisas para vocês estão muito diferentes da minha época, já levei muita carreira para vocês estarem hoje fazendo o que fazem na rua, hoje vocês estão é no céu, têm que nos agradecer. [...] eu também já fui

> nova, eu também já tive todos os homens, mas se não tivermos cabeça, eles acabam com a vida da gente. A rua era a coisa que mais me dava prazer, já dormia pensando no dia seguinte, eu fui muito feliz e o prazer de estar lá, de ser desejada e solicitada, era maior que qualquer coisa, e hoje, depois de muito tempo, observo que a gente deveria cuidar mais é da gente e garantir o nosso futuro. [...] hoje a ATRAC oferece curso, oferece caminhos para elas saírem da prostituição, mas elas é que não querem, preferem o vício. Só que corpo bonito, tudo durinho, não é para a vida inteira, elas não vêem nada na frente, a não ser a rua, glamour, a beleza [...] [...] olhem que tudo passa.

Neste momento, pude perceber que nas suas representações não existe uma preocupação com o "futuro" e com as possíveis conseqüências em torno da experiência travesti. O mais importante para muitas é viver o hoje, é investir no corpo seja como for, nas formas e na aparência, até quando a rua continuar oferecendo possibilidades de prazer.

Para Larissa Pelúcio (2006), rua/pista/avenida/esquina são termos adotados pelas travestis para falarem dos territórios[60] de prostituição. Como categoria espacial e simbólica – ligada à noite, à boemia, aos prazeres e ao mercado do sexo –, a rua seduz. A avenida pode ser muitas vezes o único lugar onde a travesti se sinta bonita e desejada. Além de ser um ambiente para se encontrar homens que não se identificam com o universo *gay*, os chamados "homens de verdade". É na esquina que as travestis têm pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar. Um lugar que começa no corpo de uma travesti. A rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são violentados e colocados para fora dos espaços domésticos. Mas também não é simples ficar na rua. Há toda uma demarcação de territórios dentro do mercado do sexo. Essa divisão se relaciona com o capital corporal de quem divide os espaços e marca identidades que são classificadas por categorias êmicas.

A rua acaba sendo um ambiente em destaque que as levam às possibilidades de flertar, namorar e nutrir sentimentos de prazer e desejo, emoções que vão muito além do aspecto utilitário sempre dimensionado nos estudos sobre a temática (FIGUEIREDO, 2006). Enfim, a experiência travesti pode ser vista como um mosaico de referências masculinas e femininas, de prazeres e dores, como também um espaço de contestação e subversão.

---

[60] A territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo, ao espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido muito menos descritivo (o que é feito lá) do que prescritivo (o que pode ser feito lá), como escreve Marco Aurélio Silva (2006).

Performatizando Volumes e Formas

Colaboradora da pesquisa

“Para eu sair de casa tem todo um ritual [...] é preciso estar perfeita, pois se os homens reparam nas mulheres, nas travestis vão reparam muito mais. Nada pode estar fora do lugar (risos)”.
Susy (Entrevista em 22/09/2009).

CAPÍTULO III

DANDO O CLOSE: AS MAIS "BELAS" NA PERSPECTIVA DA PERFORMANCE

Este capítulo tem por objetivo discutir a travestilidade na perspectiva de ritual como *performance*. Entendendo por performance a reprodução estilizada e fabricada de atos produtores de discursos tidos como verdadeiros, assim como uma lógica de atos simbólicos que revela preceitos categoriais, classificações e contradições dos processos culturais historicamente operacionalizados (BUTLER, 2003; TAMBAIAH, 1985; TURNER, 1988). Para tanto, busco entender quais performance são utilizadas como recursos acionados no ritual da experiência travesti. Centro a análise na compreensão de como os artifícios da performance agem sobre os participantes do ritual.

A partir desse capítulo, o leitor poderá visualizar algumas técnicas e estratégias (re)construídas pelas travestis para passarem por mulheres 24 horas por dia. Se viver é ritualizar, como destaca Roberto DaMatta (1997), aqui observaremos que as transformações inerentes à travestilidade não se limitam às corporais, mas superam as transformações morais, lingüísticas, gestuais, entre outras, pois para estes corpos entrarem em cena nas ruas, esquinas e avenidas, eles reivindicam toda uma performance, aqui denominada de "ritual da beleza".

1. OS RITUAIS COMO PERFORMANCE: TEORIZANDO O RITUAL DA BELEZA.

"[...] depois de todas as tempestades e naufrágios, o que fica de mim e em mim é cada vez mais essencial e verdadeiro".

Caio Fernando Abreu.

1.1 O fenômeno ritual

Desde as sociedades ditas "primitivas" até as sociedades "complexas", um dos componentes fundamentais dos grupos e das sociedades humanas é o processo ritual. Os ritos e as cerimônias permeiam todo grupamento social. Assim, ritos tendem a revelar valores profundos do comportamento humano, e o estudo dos ritos tornou-se um componente chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas e/ou grupos sociais.

Para Durkheim (1989), o ritual é uma espécie de fenômeno presente indistintamente em diversas religiões. Sua distinção de outras condutas humanas,

notadamente as ações morais, define-se pela natureza específica de seus elementos constituintes. Estando dentro do domínio do sagrado, portanto possuindo uma essência divina, os rituais preconizam palavras, gestos, frases e movimentos que só podem ser executados por pessoas iniciadas. A função do ritual seria delimitar fronteiras entre o divino e o profano, pois engendrariam as normas de como o indivíduo deve comportar-se ante o sagrado.

Durkheim percebe a sociedade composta por um sistema coercitivo de regras, sobretudo as regras morais e religiosas, com uma divisão interna do sagrado e do profano. Já Van Gennep (1977) concebe o sistema social como departamentalizado, pois os rituais estão sempre ajudando e demarcando os quartos e as salas por onde circulam as pessoas na trajetória social.

Van Gennep nos mostra uma análise do ritual de passagem em uma perspectiva que avança nas questões apresentadas anteriormente por Durkheim. Assim, o autor não toma mais o rito como um apêndice do mundo religioso ou mágico, mas como algo em si mesmo. É um fenômeno dotado de certos mecanismos recorrentes (no tempo e espaço) e também de certos conjuntos de significados, tratando-se o principal deles o de realizar uma espécie de costura entre posições e domínios sociais, concebendo a sociedade como uma totalidade dividida internamente.

Em Turner (1974a), os ritos de passagem propõem um desdobramento nos conceitos de estrutura, *communitas* e liminaridade. Esse gênero de ritual promove a transição de um estágio individual ou coletivo para outro. Ele observou que, na transposição entre os estágios, os sujeitos rituais são freqüentemente afastados da vida cotidiana e dispensam algum tempo em uma situação liminal. Esse período é marcado por uma retirada do sujeito da estrutura social. O indivíduo não estaria nem na estrutura anterior, nem na seguinte em que foi promovido. Turner (1974) enfatiza oportunamente que a liminaridade é uma situação restrita às sociedades primitivas e é vivenciada coletivamente como resultado de uma crise social. Em sociedades complexas, ele introduz o termo liminóide para referir-se aos efeitos "quase-liminais" das performances culturais. Esse fenômeno seria engendrado continuamente por iniciativas particulares ou grupais objetivando desafiar a estrutura social, oferecendo-lhe críticas ou sugestões para a ordem oficial.

Conforme Victor Turner (1968; 1974), ritual é, ao mesmo tempo, comportamento aprendido e uma unidade na qual é "empacotada" a maior quantidade possível de informações. Segundo o autor, a sociedade vive uma constante tensão entre estrutura (*societas*) e antiestrutura (*communitas*), e o ritual tem o papel de permitir aos indivíduos o trânsito por estes dois pólos opostos.

Assim, observamos a travestilidade como um processo em estado de constante construção, sempre composto por novos significados e novas práticas. Viver a condição travesti é viver a liminaridade.

Na experiência travesti, a transitoriedade não se limita apenas aos movimentos assimétricos entre o masculino e feminino. Aspectos como beleza, mácula, performance diurna e noturna, poder, reconhecimento, espaços domésticos e urbanos, entre outros aspectos, estão sendo sempre postos em xeque. Seja qual for o cenário em que o "ritual da beleza" venha a se "cristalizar", é essencial uma série de técnicas e aparatos que circulam em torno da feminilidade, nos quais quase sempre é necessário a incorporação de valores estéticos, volumes, formas, uma "adequação" de posturas, trejeitos, fala, olhar etc., que transcendem qualquer norma regulatória[61]. Todos os movimentos são apreendidos e postos em prática de forma ensaiada e calculada, é assim que se fortalece e se legitima o "novo status" corporal e de gênero. Vale destacar que o gênero aqui é compreendido como performativo não porque seja algo que o sujeito deliberadamente e ludicamente assuma, mas porque, através da reiteração, consolida o sujeito. Nessa ótica, a performatividade é a precondição para o sujeito, tornando "cada ritual em um processo pautado em um tempo, cujas unidades são objetos simbólicos e aspectos serializados da conduta simbólica" (TURNER, 2005:50).

1.2 Performance , liminaridade e drama social

Em geral, o conceito de performance vem entrelaçado ao contexto teatral. No entanto, a partir da chamada virada pós-moderna (TURNER, 1988), o conceito adquiriu uma nova configuração, dentre outras ciências, na sociologia e na antropologia.

Anteriormente, o clima moderno, caracterizado pelo esforço em racionalizar o mundo e o tempo, acabou por desenvolver um modelo de perspectiva que priorizava a linearidade e a congruência. O homem, em sua grande tarefa de ordenar o mundo a partir de sua conduta racional, foi eleito a medida e o único capaz de medir todas as coisas. Reflexos dessa visão de mundo são observáveis na produção de diversos saberes que se propunham a investigar a(s) sociedade(s): havia uma tendência em representar a realidade social como

[61] Já é sabido que existe uma série de normas regulatórias que operam no sentido de estabelecer formas de sentir e de agir que sejam adequadas aos homens e às mulheres. Butler (1999) argumenta que o sexo, assim como o gênero, é materializado através de práticas discursivas, de normas regulatórias que nunca são finalizadas, pois permanecem num processo constante de reafirmação. Tal processo é indispensável para garantir a hegemonia das leis regulatórias sob pena de fragilizar e abrir espaços para a contestação dessas leis.

estável e imutável, como uma configuração harmoniosa governada por princípios mutuamente compatíveis e logicamente inter-relacionados. Portanto, qualquer tentativa de ultrapassar os limites dessa forma de lidar com os fenômenos sociais era considerada transgressora e perigosa, sendo muitas vezes relegada a um espaço marginal.

O paradigma pós-moderno, no entanto, realiza uma quebra no enquadre moderno ao propor a processualização do espaço e do tempo ao invés de sua espacialização. Se tempo e espaço são processos, isso significa que não são estanques e que não podem ser investigados sem que se leve em conta as possibilidades de suas reconfigurações. Dessa forma, constrói-se uma nova abordagem da realidade social, que considera sua potencial indeterminação.

A indeterminação e seus perigos para as regras estabelecidas no tecido social foram problematizados por Turner, dentre outras de suas obras, em "O Processo Ritual" (1974a).

A discussão sobre a liminaridade, profundamente influenciada pela teoria dos ritos de passagem de Van Gennep (1977), aprofunda sua investigação na relação existente entre o estado (estrutura) e a transição (antiestrutura), enfatizando os atributos liminares.

Os seres liminares, ou transitantes, são necessariamente ambíguos, já que escapam da rede de classificações que normalmente determinam as posições e os estados em determinada estrutura social. Portanto, vivem nos interstícios da sociedade, sendo muitas vezes acompanhados pela simbologia da morte, da escuridão e das regiões selvagens. Em síntese, aqueles que se encontram na liminaridade são antiestruturais, representando perigo iminente para a organização e ordenamento da vida social.

Analiticamente, haveria três fases componentes da liminaridade. A primeira seria a comunicação com o sagrado em que símbolos secretos são comunicados para os sujeitos rituais em forma de exibição de artigos (relíquias, máscaras e instrumentos); de ações (danças, gestos); e de instruções (contos e narrações míticas). Esses símbolos representariam a unidade e a continuidade do coletivo. Seriam simples em sua forma, mas por causa de sua multivocalidade suscitariam interpretações culturais complexas. O segundo aspecto do período liminal seria "a desconstrução lúdica e recombinação de configurações rituais". Aqui, haveria um exagero ou distorção de características até então familiares ao sujeito, logo estas novas representações conduziriam os adeptos dos rituais a refletirem sobre os valores básicos de suas sociedades. O terceiro momento seria o instante de simplificação das relações da estrutura social em que reinaria a absoluta igualdade entre as pessoas envolvidas. O

desenvolvimento dessa noção de igualdade culminou com o surgimento da idéia de *communitas*.

A communitas não é, segundo Turner, uma simples distinção entre o sagrado e o mundano, por assim dizer. O sagrado, presente em diversos “cargos" da estrutura hierarquizada de uma sociedade, vem de ritos de passagem graças aos quais as pessoas adquirem essa posição. Nos rituais em que tal *status* é concedido, segundo Turner, a humildade da igualdade do estado liminar modera o orgulho do indivíduo que o recebe.

O autor pensa que isso se deve a um reconhecimento de um laço humano essencial para a existência da sociedade: para haver o que está “acima", deve existir alguém que esteja “abaixo". Mais do que isso, o indivíduo que se eleva deve sentir na pele o que significa estar abaixo. Daí o fato de que, em vários ritos de passagem para empossamento de poderes seculares e espirituais, seja costume de vários povos denegrir a imagem do indivíduo que está trocando de status.

Turner dá outros motivos para esse tipo de ritual na posse de poderes: acabar com qualquer pendência que ainda exista entre o futuro líder e as pessoas que se sentiram lesadas por ele. É costume em algumas tribos, segundo ele, que as pessoas que se sentiram de alguma forma prejudicadas pelo futuro líder sejam convidadas para um ritual em que podem falar o que quiserem para humilhar e protestar contra ele.

O futuro líder deve ouvir tudo sem responder e, depois de empossado, deve considerar que todas as diferenças que existiam até então tenham sido superadas ou, pensando na perspectiva da liminaridade, deixadas na vida que vivia anteriormente, em outro *status*.

Em relação ao conceito de ritual, Turner reitera a premissa durkheimiana ao sustentar que todos os ritos celebram ou comemoram poderes sobrenaturais por possuírem um caráter religioso. Além disso, tendem a ser organizados em ciclos de performances (mensal, anual, bienal etc.) e em cada caso haveria um núcleo dominante de símbolos que seriam caracterizados pela extrema polissemia e uma posição central na performance ritual.

O elemento alegórico seria a menor parte de um rito e metamorfosear-se-ia em: objetos, atividades, palavras, relações, eventos, gestos ou unidades espaciais. No que concerne às especificidades empíricas dos símbolos dominantes, elas teriam três características: condensação semiótica, em que um simples símbolo apresenta variadas feições; unificação de significados díspares; e polarização de significados. Logo, poderiam traduzir ao mesmo tempo uma necessidade natural e um desejo, ou ainda a conjunção do material com o moral.

Destacamos que dois modelos principais de correlacionamento humano, justapostos e alternantes, correspondem à estrutura e à antiestrutura. O primeiro seria a

sociedade tomada como um sistema hierarquizado de posições político-jurídico-econômicas; e o segundo, característico do período liminar, seria o da sociedade não estruturada ou rudemente estruturada, ou mesmo uma comunhão de indivíduos iguais, chamada de *"communitas"*. Turner (1974a) prefere a palavra latina para diferenciá-la do termo "comunidade", que geralmente significa "área de convivência em comum". Influenciado pelos conceitos de "Eu-Tu" e "Nós Essencial" do filósofo judeu Martin Buber, a *"communitas"* consiste numa relação entre indivíduos concretos e históricos não segmentados em funções e posições sociais. Há um confronto direto, imediato e total das identidades humanas, diferindo das formas de relacionamento existentes nas sociedades estruturadas.

Tendo em vistas os aspectos supracitados, a *"communitas"* diferencia-se da "solidariedade" de Durkheim, cuja força depende do contraste entre "interior ao grupo" e "exterior ao grupo". No entanto, a imediaticidade e a espontaneidade da *"communitas"* em relação à estrutura não são perenes, raramente possuem uma longa duração, pois em pouco tempo transformam-se em estrutura governada por normas e posições hierárquicas.

Existem três tipos de *"communitas"*, separadas didaticamente, mas passíveis de se intercalar: (1) *"communitas" existencial ou espontânea*, na qual não existe diferença de *status* ou qualquer tipo de hierarquia. As pessoas nela convivem como seres em sua totalidade e igualdade, interagindo de acordo com o modo de relação inter-humano chamando por Buber de relacionamento "Eu-Tu"; (2) *"communitas" normativa*, na qual a influência do tempo e da organização acaba por destruir a espontaneidade da *"communitas" existencial*, transformando-a em um sistema social duradouro; e (3) *"communitas" ideológica*, espécie de rótulo aplicado a uma variedade de modelos utópicos de sociedades, baseados na *"communitas"* existencial. Procura explicar e descrever as condições ótimas para o surgimento da *"communitas" espontânea*, acreditando ser possível produzi-las a partir de um modelo aplicável.

As *"communitas" ideológica* e *normativa*, portanto, encontram-se já no domínio da estrutura, deixando entrever que o destino de toda *"communitas" existencial* é entrar em declínio e sucumbir à hierarquia. Esta tende a ser mais pragmática, ordenada, disciplinada, enquanto o caráter espontâneo geralmente é especulativo, gerador de imagens, de idéias filosóficas e de expressões artísticas. A experiência de vida de cada indivíduo, assim como o desenvolvimento da vida social, é exposta alternadamente à estrutura e à *"communitas"*, a estados e a posições, chamada de dialética do ciclo de desenvolvimento.

Nenhuma sociedade pode construir sua história adequadamente sem essa dialética, pois excesso de estrutura pode levar a manifestações "patológicas" da

"communitas" (consideradas como potencial de desordem), e o exagero da *"communitas"* pode acarretar em um alto nível de estruturação e enrijecimento social. O autor afirma que existe uma sabedoria apta a encontrar uma relação adequada entre *"communitas"* e estrutura. Nela, a dialética se daria em circunstâncias dadas de tempo e lugar, absorvendo cada modalidade quando é dominante sem rejeitar a outra, e em não insistir no apego a uma delas quando seu ímpeto atual está esgotado. Em linhas gerais, a realidade social é processual e passível de mudanças.

Ressalte-se que há uma movimentação em direção ao estudo dos processos como performances, compreendidas por Turner (1988) como não-amorfas ou ilimitadas, mas possuindo um começo e um fim, intercalado por fases que não seguem necessariamente um percurso linear.

Victor Turner e Erwin Goffman, influenciados pelo "*paradigma teatral*", fazem uso de terminologias ligadas ao teatro na construção de suas teorias. Em Goffman, o mundo aparece como um palco no qual diversos atores desempenham papéis enquanto um tipo de comportamento "ritual", seja no palco principal ou nos bastidores, o qual pode ser modificado a partir de situações que se configuram como uma quebra no *status quo* do cotidiano. Já em Turner, os ritos de passagem, conflitos e outras formas de processos sociais são inerentemente dramáticos, pois seus participantes não apenas agem, mas se esforçam em mostrar aos outros o que estão fazendo ou fizeram. Suas ações são visualizadas como "*performed-for-an-audience*" (TURNER, 1988, p. 74) e descritas e analisadas pelo método "análise do drama social".

Neste sentido de que premissa é possível discutir sobre drama social? Seguindo o paradigma pós-moderno, que não nega os conflitos no fluxo incerto do dia-a-dia, fariam parte do drama social as unidades harmônicas e desarmônicas do processo social gestadas em situações de conflito. Basicamente, existem quatro fases principais de ação pública segundo o modelo de Turner: 1) separação ou ruptura das relações sociais; 2) crise e intensificação da crise – aqui cada *crise* pública possui características liminares, já que se encontra entre as fases mais ou menos estáveis do processo social. No entanto, esse *limen* não é sagrado ou protegido por tabus, representando uma ameaça no próprio fórum ao desafiar os representantes da ordem para confrontá-los; 3) ação remediadora - consiste na tentativa de reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos; e 4) reintegração do grupo social "ofendido" ou reconhecimento social de cisão irreparável entre as partes contestadoras.

Portanto, o drama social resultaria na suspensão dos papéis normativos ao confrontá-los, suprimindo a usual distinção entre fluxo e reflexão, já que nele se faz urgente

tornar-se reflexivo em relação às causas e motivos da ação que está perturbando o tecido social. Movido por afetos e paixões, desequilibra a outrora segurança dos costumes, reciprocidades, antigos padrões de comportamento e de hierarquia, mobilizando os atores sociais em direção a uma velha ou nova forma de ordenação do cotidiano através dos rituais. Apesar desses se configurarem como uma forma contra a indeterminação, ela está sempre presente na análise de qualquer ritual e de seus momentos liminares (TURNER, 1988; 1974b).

A partir desse tipo de análise processual, Turner (1974) buscou demonstrar como, nos momentos tidos como os mais críticos da sociedade, os "dramas sociais" tendem a aparecer com mais freqüência. Desse modo, deixou claro a intrínseca relação "estabelecida" entre ritual e conflito. Esse autor parece sugerir que, no processo da vida social, os dramas emergem demarcando a relação dialética entre "estrutura" e antiestrutura, definidos pelos "dramas sociais". Nessa dialética social, o que evidenciou Turner é que em um determinado momento a estrutura institui a antiestrutura, de modo a produzir um efeito de distanciamento reflexivo sobre si mesma; em um segundo momento, a "antiestrutura" tende a contribuir para revitalização da própria estrutura social.

O caráter performativo, processual e aberto a reconfigurações dos rituais também se apresenta nos questionamentos de Tambiah (1985). O autor afirma a influência de uma obra antiga e quase esquecida de Radcliff-Brown ("*The Andaman Islanders"*) e traz como um dos pontos centrais de sua discussão a utilização de diferentes mídias nos rituais, tais quais a dança, a música e a fala. Estas, longe de serem apenas movimentos de músculos, cordas vocais ou mera percepção de sons e imagens, estão imersas em um contexto simbólico e reflexivo bem maior, que tanto pode perpetuar hábitos e valores quanto ressignificá-los. Performance, para Tambiah, também pode ser pensada como criatividade.

Portanto, há um aspecto dual nos ritos como performance. Em primeiro lugar, geralmente um ritual público reproduz, através de suas repetidas encenações, certas seqüências estereotipadas e invariantes como determinados tipos de cantos e regras de conduta a seguir. Por outro lado, o autor afirma que todo antropólogo, em seu trabalho de campo, sabe que não existe nenhuma performance de um rito, apesar do alto grau de rigidez e organização deste, que seja exatamente igual a outra. Isso se deve a certas peculiaridades e características variáveis que afetam o processo em questão, como as características sociais e circunstanciais dos atores, que influenciam o nível de atenção e engajamento dos participantes:

> É, portanto, necessário que se tenha em mente que festivais, rituais cósmico e ritos de passagem, por mais prescritos que sejam, estão sempre relacionados a reivindicações de *status* e interesses dos participantes, estando sempre aberto aos significados advindos do contexto. (op. cit, p. 125)

Percebe-se, a partir das palavras do autor, que componentes variáveis fazem parte do âmago da maioria dos rituais. Em uma sociedade em particular e entre sociedades outras, os rituais podem variar em seus graus de formalização, em sua abertura aos novos eventos que surgem, às demandas, aos significados e ao uso das múltiplas mídias anteriormente citadas. Ratificando seu ponto de vista, Tambiah nos diz que os seres humanos, onde quer que estejam, comumente estruturam determinados eventos que consideram importantes de forma similar, eventos que podem ser reconhecidos como rituais.

Dando segmento à discussão, Tambiah destaca que sociólogos e antropólogos não podem absolutamente fazer uma distinção entre rituais e não-rituais nas sociedades por eles estudadas. No entanto, empreender uma distinção relativa, ao invés de absoluta, contribui para diferenciar certos tipos de atividade social.

Feitas as distinções e levando em conta o que foi apresentado até o momento, é possível chegar à definição de ritual de Tambiah (1985): um sistema de comunicação simbólica culturalmente construído, constituído de seqüências de palavras ordenadas e padronizadas, geralmente expressas em múltiplas mídias. Seu conteúdo e conformação são caracterizados por graus varáveis de formalidade (convenção), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). Em suas características constitutivas, é performativo de três formas: (1) no sentido austiniano da performatividade, no qual dizer algo é também fazê-lo como ato convencional; (2) no sentido de uma performance de palco (*staged performance*) que utiliza múltiplas mídias através das quais os participantes experienciam o evento intensivamente; (3) e no sentido de valores idexicais (conceito derivado de Peirce) que são anexados e inferidos pelos atores durante a performance.

Neste sentido, aparecem como elementos complementares do ritual certos aspectos relacionados a formas e padrões, mas também a veículos semióticos e de comunicação. Resumindo, para Tambiah (1985), o "casamento" de forma e conteúdo é essencial para a eficácia da performatividade da ação ritual.

A seguir, desenvolveremos uma discussão sobre os rituais denominados aqui de "rituais da beleza" diário/constante a partir das narrativas das colaboradoras, com base nas teorias sinalizadas anteriormente no corpo desse texto.

2. RITUAL DA BELEZA: “PARA SE TORNAR PODEROSA, É PRECISO UMA SÉRIE DE TÉCNICAS”.

> "A beleza aqui é como se a gente a bebesse, em copo, taça, longos, preciosos goles servidos por Deus. É de pensar que também há um direito à beleza, que dar beleza a quem tem fome de beleza é também um dever cristão."
>
> JOÃO GUIMARÃES ROSA
> Grande Sertão: Veredas

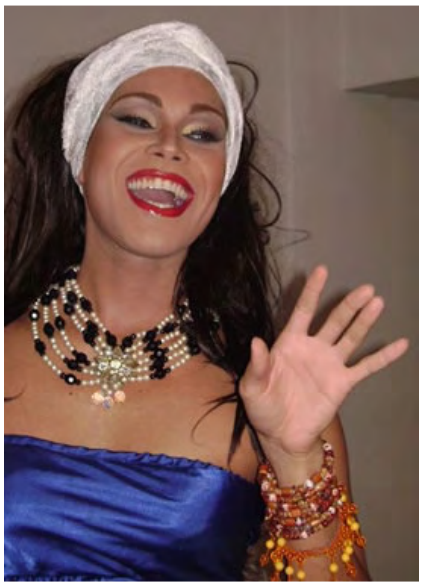
2.1 A rotina da vaidade e a vaidade nas ruas

Vagaba! Vampira!
O velho esquema desmorona
Desta vez pra valer
Tarada! Mesquinha!
Pensa que é a dona
E eu lhe pergunto
Quem lhe deu tanto axé?
À-toa! Vadia!
Começa uma outra história
Aqui na luz deste dia "D"
Na boa, na minha
Eu vou viver dez
Eu vou viver cem
Eu vou vou viver mil
Eu vou viver sem você...

Eu vou viver sem você
Na luz desse dia "D"
Eu vou viver sem você...

Ao som de “Não Enche”, de Caetano Veloso, sou recebido às 17h e 30 minutos no apartamento de Camila e Susy, no sábado, dia 20 de setembro de 2008. Uma data esperada com ansiedade por grande parte do público gay de Fortaleza, pois aconteceria a festa de lançamento do concurso Garota G 2009, no ano em questão com o tema “Glitter”, na boate

Donna Santa. Camila e Susy não poderiam deixar de prestigiar as amigas que estariam na disputa do título. O evento contou com a apresentação de Adma Shiva e Flávia Fontenelle – transformistas muito reconhecidas e requisitadas em Fortaleza, pois fazem parte do quadro de Divas Gays da boate Divine. Flávia, durante a noite, incorporou a cantora Amy Winehouse. Dentro da programação da festa, houve shows das transformistas Tatiana Hilux e Laviny Woitilla, a Garota G 2008.



Flávia Fontenelle

O ponto alto da noite foi a apresentação oficial das candidatas, que desfilaram em modelitos produzidos especialmente para a festa, levando à passarela uma pequena amostra do que aconteceria realmente no concurso oficial Garota G. Este ocorreu no dia 27 de setembro de 2008, no estádio poliesportivo da Parangaba, com a apresentação dos Gêmeos Flávio e Gustavo. Foram momentos de muito *glamour* vivenciados por todas as concorrentes e por todos ali presentes na festa de lançamento do concurso e no concurso oficial. É fama, é glamour. É luxo e muita, mas muita beleza!

Mas voltemos ao cenário do apartamento de Camila e Susy. Minha estadia ali se dava na intenção de vivenciar junto a elas todo o processo performativo do ritual da beleza para elas se tornarem travestis poderosíssimas naquela festa. Pois, segundo Geertz (2001:45), “devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos”.

Como nem sempre Camila e Susy “fazem rua” aos sábados, preferem “closar” e “fechar” nas boates e bares LGBTT da cidade. Em alguns sábados, elas “descem” até mais cedo e, como moram próximo de onde se prostituem, depois voltam em casa para retocarem a

maquiagem e incrementar a produção para se jogarem na noite, dignas de serem chamadas de divas. Nunca querem correr o risco de ser apontadas como “bichas cangalhas” ou “travas bregas”, essas são algumas expressões pejorativas no universo da travestilidade. Todo cuidado é pouco nos quesitos beleza e vaidade. “Meu bem, posso até demorar horrores na produção, mas eu gosto é de sair poderosíssima”, assim cantarola Camila durante sua grande produção.

Fui recebido no apartamento por Camila, que abriu a porta já dançando e cantando em tom bastante alto, pois Susy já estava a horas no banheiro dando os primeiros passos do seu ritual. Depilação com máquina e pinça, cabelos na toca, esfoliantes em todo o corpo, cremes, banho de lua etc. Muitos destes procedimentos às vezes são feitos em salões de beleza ou em clínicas de estética.

Enquanto isso, Camila leva-me até seu quarto e lá ficamos por algum tempo fumando e conversando sobre as expectativas da festa. Depois de passar à tarde num salão de beleza, mostra-me seu modelito e seus acessórios já expostos em cima de sua cama. Um vestido preto com aplicações furta-cores na frente, calcinha preta, colar e brincos combinando, bolsa e saltos em tons prateados. Como já havia executado os primeiros passos do seu ritual no banheiro, agora já estava direcionando as suas ações aos cabelos.Segundo ela, é preciso se fazer uma escova, em seguida uma prancha, só assim os cabelos ficam perfeitos e da forma que deseja.

Após alguns minutos em conversa com Camila, Susy sai do banheiro enrolada em uma toalha azul, outra na cabeça e me cumprimenta com dois beijinhos. Em seguida, faz-me a seguinte pergunta:

> - aí querido, vamos fechar nesta noite? (risos)

Logo respondo:

> - Eu espero que sim né, querida? Minha intenção também é esta (risos). E a senhora vai como?

Susy acrescenta:

> - É lógico que irei com um vestido babado, hoje todas estarão fechando.

Observa-se que, além de estarem preocupadas em não saírem de casa como “bichas cangalhas”, outra grande preocupação é como elas irão se apresentar aos olhos das outras. Existe toda uma vaidade incorporada na experiência. A pergunta chave é quem será a mais bela da noite, além das candidatas. Vale destacar que essa preocupação é constante entre as travestis, principalmente na rotina prostitutiva.

Camila de Castro, Susane e Virna

Se viver a travestilidade é realmente um processo, como destaca Larrisa Pelúcio (2006), esse processo inclui desde injeções de silicone industrial, *botox*, *piercing*, cirurgias plásticas, emplastros, maquiagem, lâminas, hormônios femininos, enxertos, apliques, pastas, cintas e diversos outros adornos que fazem parte de todo o ritual de passagem da transição de um corpo masculino para o feminino. Isso fortalece a construção de signos corporais e transcende as normas vigentes. Nestes corpos, vão sendo também inscritas "coisas de mulher", a partir de uma cuidadosa observação do feminino: bocas, olhares, movimentos das mãos, jogos de cabelo, caminhadas sobre saltos e técnicas de sedução. O ritual da beleza só passa a ter sentido se todos esses movimentos difusos estiverem entrelaçados e em sintonia.

A experiência travesti vem composta de vários rituais. Seja o ritual mais incisivo dos corpos e dos gêneros, seja o ritual tido como performance em busca da beleza diária. Para Larissa Pelúcio, as travestis costumam dividir o processo de transformação em algumas etapas:

> a primeira delas é quando ainda se é "gayzinho" (classificação do grupo), ou seja, já se assumiu para familiares e para "a sociedade" (como elas dizem, ou seja, um conjunto mais abrangente de pessoas) sua orientação sexual, mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem

> hormônios. Segue-se, então, a fase do "montar-se", o que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiar-se de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios e as pálpebras dos olhos, além da boca. Vestir-se com roupas femininas ainda é, nessa etapa, algo ocasional, restritos a momentos de lazer ou noturnos, de tom furtivo. O terceiro momento é o da "transformação". Esta é uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais freqüentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; e finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti. Pois além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pois se pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e, no mínimo, já se planeja injetar silicone nos quadris.

Após todas estas etapas, as travestis começam a canalizar suas energias, tempo e dinheiro na manutenção dos seus corpos e nas produções diárias, produções estas que constituem o ritual da beleza aqui divido em algumas fases. A primeira fase com certeza gira em torno das transformações corporais já mencionadas, pois a conquista de corpos canônicos e harmônicos atravessa todo o cenário da travestilidade. Essa fase requer determinação e coragem, pois silicone industrial, próteses, hormônios, plásticas, entre outras intervenções corpóreas, estão sempre em jogo (alguns processos são irreversíveis). A segunda fase requer tempo e investimento de dinheiro, são investimentos em torno do cuidado com o corpo, eliminação de pêlos, cuidado e manutenção com os cabelos, unhas, sobrancelhas, o fazer a chuca[62], técnicas corporais como a "truncagem", "esconder o babado" ou "acuendar a neca" [63].

Embora as travestis escondam cotidianamente suas necas com o intuito de encaixar seus corpos dentro de roupas femininas (calças coladas, pequenas calcinhas, saias justas, biquínis) e por questões estéticas, na rua é preciso deixar a neca de uma forma mais "livre" (sem emplastros e sem calcinhas hiper-apertadas) que torne fácil seu manuseio, pois, segundo muitas travestis entrevistadas, uma das primeiras coisas que os clientes buscam são informações e a visualização de seus pênis. Geralmente as travestis assumem na relação sexual o papel de ativo. *Se a bicha não for também ativa na rua, ela não vai se dar bem, pois aparecem muitas mariconas*[64]*,* assim destaca Susane.

---

[62] Limpeza interna do ânus.

[63] Truncagem, esconder o babado ou acuendar a neca são técnicas realizadas pelas travestis no intuito de invisibilizar o volume do pênis sob a roupa, técnica realizada a partir de emplastros, calcinhas ou shorts apertados.

[64] Homem homossexual com mais de 50 anos.

Esta fase vem bastante associada à concepção de pureza e impureza. Há uma necessidade implícita na travestilidade, principalmente entre as travestis que buscam incessantemente a beleza, de eliminar este estigma. Por muitas vezes, isso acaba sendo um fator central dentro da própria experiência que categoriza e hierarquiza as próprias travestis em uma escala de "cangalhas" a "divas".

Aqui, não podemos nos furtar de elencar que ainda existe no imaginário da sociedade uma idéia que associa a travestilidade com questões próprias de impureza e perigo. Abreu (1988) descreve sobre tal prática:

> Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo do seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. Cuidado comigo: eu sou a dama que mata, boy. (ABREU, 1988 p.95)

Partindo de *Pureza e Perigo*, de Mary Douglas (1976), obra na qual surge a idéia das poluições do sexo e se aproximam as questões morais e o corpo socialmente vivido, é possível trazer questões que suscitam aproximações entre sagrado/profano, puro/impuro e entre outros sistemas binários que estão intrinsecamente relacionados ao universo da travestilidade. "O que serve para poluição de sexo serve também para a poluição corporal" (DOUGLAS, 1996:14).

Segundo Douglas, essas crenças pautadas nas interpretações de dada sociedade sobre purificação, impureza ou perigo possuem a função de impor uma estrutura normativa, um sistema moral de valores que o individuo deve seguir para não ser contagiado pelas impurezas próprias da subversão. Esse imaginário que cerca os significantes de pureza e impureza acaba por sistematizar uma ordem social maior, e é justamente por essa característica que, para a autora, "nenhuma pressão social seja tão explosiva quanto aquelas que reprimem as relações sexuais" (DOUGLAS, 1966).

A terceira fase seria o vestir-se e maquiar-se sempre para "abalar". São roupas de estilo, sensuais e provocadoras, acompanhadas de muitos acessórios, bolsas, colares, leques, pulseiras, saltos, batons, sombras, delineadores de olhos, cremes hidratantes, sais e perfumes.

Tanto Camila quanto Susy levaram muitas horas até chegarem ao ápice de suas produções. Cada momento era vivido de forma cautelosa em frente ao espelho, uma peça imprescindível no ritual da beleza.

E, para fechar o ritual da beleza, é preciso toda uma performance, uma performance que envolve o falar, o olhar, o andar e o gesticular. Nada adiantaria se uma grande produção não estivesse acompanhada de estilo, de feminilidade, de volúpia, do "bate-cabelo" ensaiado por horas na frente do espelho, dos movimentos labiais que expressam prazer e sensualidade, do andar que balança os quadris simetricamente e desperta desejos, do tom de voz que precisa ser "vigiado" e "controlado" a todo instante, do olhar que expressa uma feminilidade inquestionável e dos movimentos corporais que reivindicam olhares e toques. É sabido que estas técnicas são apreendidas durante toda a experiência travesti, pois são técnicas incorporadas, reelaboradas e re-significadas antes, durante e depois. Requer das travestis um aprendizado para lidar com essa nova "mulher fálica" que é construída paulatinamente a partir do espelho da alma de cada travesti. Aqui, a noção de performance não nega a idéia de incorporação, pois os atos performáticos de gênero são apreendidos e reproduzidos através da imitação e dos muitos ensaios.

* * *

No decorrer da nossa pesquisa, alguns destes passos que constituem o nosso ritual da beleza apareceram também na fala de algumas de nossas colaboradoras, entre elas encontra-se Gabriela.

Grabriela[65], 30 anos, fala-nos com satisfação sobre o seu processo de transformação corporal, que teve início aos seus 15 anos, e de suas performances diárias para esconder ainda alguns traços de masculinidade que seu corpo insiste em apresentar. No momento em quem a indagamos sobre seu ritual de beleza para entrar em cena no dia-a-dia, ela nos respondeu:

> Eu gosto de estar sempre bonita, cheirosa, bela. Tudo deve estar perfeito: cabelos, unhas, maquiagem, roupas e um bom salto, pois travesti que é travesti não vive sem um grande e belo salto, um salto é tão essencial para a minha dublagem no dia-a-dia como os hormônios que a gente toma. (...) não é barato e nem fácil estar sempre bela, a cada instante é preciso tomar alguns cuidados, começa aparecer uma barba, é preciso estar sempre atenta, cabelos sempre cuidados, tinturas, prancha, e fazer sempre a truncagem, não se pode deixar aparecer nada.

Continua,

[65] Entrevista realizada no dia 10/06/2008.

> Tem que ter muito jogo de cintura, aos poucos a gente vai aprendendo a fazer os truques, tira aqui, coloca ali, a vida e as outras travestis vão ensinando a gente e algumas vezes descobrimos juntas os truques também.

Percebemos que o ritual da beleza nada mais é que um emaranhado de técnicas, arranjos e artifícios traspassados por muitas emoções e estratégias de sobrevivência desenvolvidas cotidianamente em busca da feminilidade e do corpo perfeito. Em linha gerais, o ritual da beleza pode ser pensado a partir da perspectiva daquilo que Tambiah (1985) vai chamar também de performance, pois performance é para ele um processo de criatividade, sendo nesse processo que se dá a objetivação de códigos gerando autonomia de experiência[66].

Fica claro que até aqui trabalhamos a Saga da Beleza com o pano de fundo do corpo espetáculo e os desejos que o atravessam. Mas nem todo desejo consegue ser saciado, nem todo sonho é passível de realização, pois algumas questões se tornam inerentes às respostas humanas. Assim, entendendo que a travestilidade é construída de possibilidades, escolhas e incertezas. Torna-se necessário mostrarmos que não é só o *glamour*, o luxo, os riscos previsíveis e os prazeres que dão forma e corpo a esta experiência, mas, sobretudo, podemos também pensar as performances como rituais a partir das mutilações, da dissonância, dos sonhos não sonhados, das limitações da vida humana e das superações e resiliências. Assim veremos a Saga de Roberta Fontana.

3. O ATROPELO DA SUBVERSÃO: A HISTÓRIA DE ROBERTA CONTADA ENTRE CARNE, DESEJOS E BISTURIS.

Jander diz:
trans me choco todas às vezes que olho para as fotos de Roberta...

Juliana diz:
pois é...

Juliana diz:
não é todo mundo que consegue ver e escutar a história de vida dela...

Jander diz:
todo dia eu fico adiando estas entrevistas

Juliana diz:
não faça isso DE JEITO NENHUM

Jander diz:

---

[66] Pensamos aqui que a experiência só se faz experiência com a movimentação simbólica dos signos/símbolos para se produzir as crenças.

liguei hj pra ela e marquei novamente

Juliana diz:
encare pq não tem como escapar! e qto antes melhor pq não será um processo rápido, uma entrevista apenas....

Juliana diz:
e o tempo "ruge"...

Jander diz:
É claro, tem toda razão[67]

Eu devo confessar que, durante a pesquisa de campo, muitas cenas e "realidades" me levaram à perplexidade, mas nada comparado à imagem de Roberta Fontana. Um corpo que se tornou dissonante em pleno caminhar da Saga da Beleza. Eu fui "tombado"[68] por sua imagem e história de vida.

Neste tópico, apresentaremos a trajetória[69] de vida da colaboradora Roberta, uma história cheia de lágrimas, dores, mutilações e muita superação. Mas, antes de apresentarmos essa "personagem", parece-nos importante uma breve reflexão sobre a história de vida enquanto um método investigativo.

A história de vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa[70], onde o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Assim, a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história/estória contada por quem a vivenciou.

Para Bastide (1953), o estudo da história de vida teve sua origem na psicologia, e Balandier (1953/1982) aponta os antropólogos/sociológos como os primeiros a darem às histórias de vida um *status* científico.

A obra pioneira a utilizar o método da história de vida foi a dos sociólogos W.I.Thomas e F. Znaniecki, trabalho intitulado "*The Polish Peasant in Europe and América*" (1918), cujo tema central era o processo de organização e reorganização dos poloneses ao se integrarem à cultura americana, isto é, como grupo que se insere em uma nova sociedade. Tal

---

[67] Trechos de uma conversa entre o pesquisador e Juliana Justa (Amiga) na madrugada do dia 15 de outubro de 2008, pelo MSN – Software de troca de mensagens instantâneas pela Internet.
[68] Na linguagem gay, tombado significa: 1 - caído, derrubado, destruído, apodrecido; 2 - sem graça; 3 – cansado.
[69] A noção aqui de trajetória é, grosso modo, pensada no sentido de caminho, percurso, não de uma vida inteira, mas – nesse caso – de fatos significativos para o nosso contexto, a Saga da Beleza.
[70] A metodologia quantitativa tem como característica principal a quantificação tanto na coleta dos dados como na interpretação através da utilização de ferramentas estatísticas. "A abordagem quantitativa sacrifica a compreensão do significado em troca do rigor matemático" (Goldenberg, 2000 p.61). Sendo assim, a metodologia quantitativa revela a forte influência positivista de aplicar modelos das ciências naturais às ciências sociais, limitando o fenômeno ao observável e com ênfase ao dado empírico.

estudo se desenvolveu pautado em intenso trabalho de campo, através do recolhimento de relatos biográficos, bem como de análise de documentos e análise de cartas. Os autores buscaram com tais estratégias a compreensão e a interpretação desses emigrantes a partir da significação subjetiva que os sujeitos denotavam às suas ações (BARROS, 2000). Segundo Le Grand (2005), essa obra é importante por ser fundadora da sociologia americana nascente. Assim, as contribuições mais significativas quanto à constituição da história de vida como método surgem com a chamada Escola de Chicago.[71]

Para obtermos uma história de vida, somente é necessário o encontro entre duas pessoas, que ao estabelecerem um vínculo legítimo de empatia e confiança mútua, dedicam-se à tarefa de relatar e escutar. Aquele que ouve, mesmo que se trate de um cientista, influencia o relato, enquanto é influenciado por ele, estabelecendo-se assim um processo vivo e humano. Ao deixar emergir uma história de vida sem a intervenção de perguntas segmentadas, ela aflora com todo o seu colorido e sua vivacidade, repleta de informações que revelam desde intimidades até aspectos mais amplos acerca do contexto social.

Nessa lógica, a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisador e sujeitos pesquisados, encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e dar continuação à construção de um sentido frente a este relato endereçado.

Podemos apontar a dimensão terapêutica proporcionada pela história de vida. Ao construir o texto, a narrativa de sua vida, o sujeito se reconstrói. Marilena Chauí (1973, p. 20) apresenta: “lembrar não é reviver, é re-fazer”.

De modo geral, “finalizamos” essa dissertação mostrando ao leitor outra face das muitas sentidas e vividas na experiência travesti. Apresentamos-lhes a biografia de uma travesti que se “perdeu” no meio do caminho da sua Saga da Beleza, mas como diz a escritora Clarisse Lispector, “perder-se também é caminho”.

3.1 O primeiro contato

A partir da ATRAC, mais precisamente de uma entrevista que realizei com Susy, tomei conhecimento da história de vida de Roberta. Desde esse momento, comecei a pensar na possibilidade de entrevistá-la e de conhecer de perto sua história. Com o número do

[71] A expressão “Escola de Chicago” (COULON, 1995) resume em si um movimento que teve, e tem, muito significado para a Sociologia e para a Psicologia Social, compreendendo um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica (desenvolvidos por volta de 1915/1940) por professores e estudantes da “recém” criada Universidade de Chicago (havia sido criada em 1890).

telefone de Roberta em mãos e com a curiosidade de vê-la pessoalmente, faço o primeiro contato.Por meio dele, fico sabendo que ela estaria presente no dia 24 de junho de 2008, no I Seminário TRANS do Ceará[72].

Mas não foi dessa vez que a minha curiosidade em conhecê-la foi superada. Por motivo de força maior, não pude comparecer ao evento e mais uma vez protelei este encontro que de certa forma me causava estranhamento. Continuamos a nos falar por telefone, até que certo dia, à convite de Tina Rodrigues, vou à uma festa em sua casa. Chegando lá, deparo-me com Roberta. "Chocado" com aquela imagem, não sabia como reagir, mas sabia que uma das únicas chances em estabelecer vínculo com Roberta seria aquela, passando isso, outra oportunidade estaria distante. Aquele seria mais um momento crucial da pesquisa.

Cumprimento informalmente algumas pessoas presentes, inclusive Roberta, vou até o interior da casa falar com a anfitriã da festa e depois volto e me sento ao seu lado. Meio sem jeito e preocupado com sua receptividade, apresento-me:

> - Tudo bem, Roberta? Eu sou o Jander que tanto te liga e que nunca dá certo da gente se conhecer.
> - *Não acredito que é você (risos). Eu imaginava você de outro jeito, pensei que fosse mais velho, sei lá, tinha outra imagem sua.*
> - Pois é, demorou, mas nos encontramos. E você o que me conta? Chegou que horas aqui? [...]

A partir desta conversa, começamos a construir algum tipo de vínculo. Falei sobre a minha pesquisa de forma mais clara, marquei de ir à sua casa para entrevistá-la, de ver suas fotos. Tiramos também algumas fotos juntos na festa. Foi o ponto de partida para muitas superações, inclusive muitas minhas.

3.2 Perfil da colaboradora

Nome: Roberto, hoje Roberta Fontana

Idade: 26 anos

Cor da pele: Branca

Cor dos olhos: Verdes

---

[72] O I Seminário TRANS do Ceará teve como tema: "Prazer, Eu Existo!!!"

Aniversário: 18 de março

Signo: Peixes

Natural: Fortaleza-CE

Religião: Católica

Família: Órfã de pai e mãe

Vaidade: Um bom batom vermelho

Música: Dou a vida por um beijo – Zezé di Camargo e Luciano

Escolaridade: 2º ano do ensino médio (incompleto)

3.3 Conhecendo o espaço de Roberta

No dia 25 de outubro de 2008, vou pela primeira vez à casa de Roberta na companhia de um amigo, Emylio.

Em uma casa humilde na periferia de Fortaleza, situada no bairro Granja Lisboa, Roberta reside hoje com sua prima Cleiza e com Diana (companheira de Cleiza). Num espaço de poucos cômodos (área, sala, quarto, cozinha, banheiro), ela transita com dificuldade em cima de uma cadeira de rodas doada pela assistência social do município de Fortaleza-Ce.

Praticamente, toda a casa encontra-se em estado de depreciação, algumas paredes no reboco, outras com uma pintura branca (hoje já suja e amarelada), "decoradas" com muitas pichações internas (tinta, carvão e batom).

A porta de entrada da casa já nos chama bastante atenção. É uma porta de madeira dividida ao meio toda revestida com fotos de modelos nacionais e internacionais em pleno "close" nas páginas e capas de revistas do mundo *fashion.* São revistas relacionadas à beleza e outros assuntos de interesse da mulher contemporânea, forma, cuidado do cabelo e da pele, *fitness*, saúde, celebridades e entretenimento, tais como:Vogue, Claudia, Caras, Boa Forma etc.

Na sala, encontramos apenas algumas cadeiras de madeira e de plástico, umas três cadeiras no máximo. Já no cômodo seguinte, espaço mais "íntimo" de Roberta, podemos encontrar: uma cama tubular de solteiro, uma rede (onde Roberta passa maior parte do tempo), um ventilador, um televisor, um micro *system,* revistas e alguns livros espalhados

pelo chão, bem como caixas e malas no canto do quarto acomodando algumas peças de roupas e objetos pessoais.

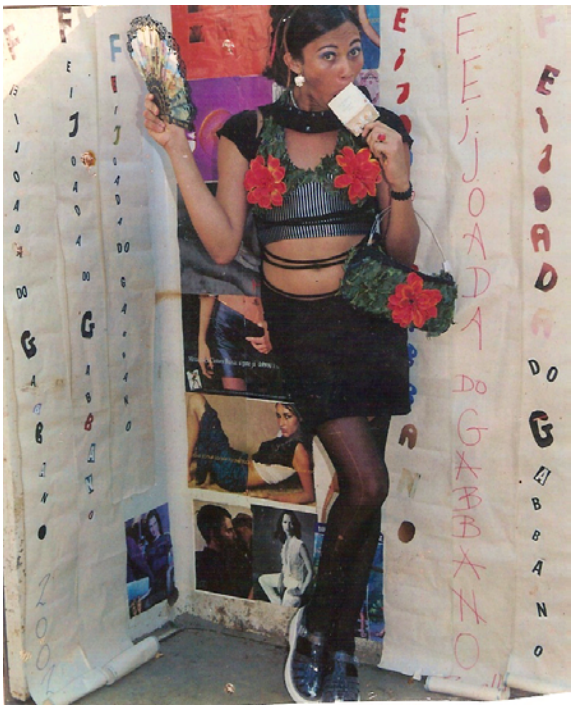
A cozinha, que serve também de quarto para Cleiza e Diana, possui uma rede que fica rotineiramente armada, um fogão, alguns bancos e uma pequena mesa de madeira com alguns poucos alimentos a serem consumidos cotidianamente. Como não possuem geladeira, às vezes é necessário contar com a ajuda da vizinhança para guardar alguns alimentos perecíveis.

Durante os dias mais quentes na cidade, o interior da casa fica quase insuportável devido ao forte calor, pois além de a casa ser coberta de telhas de barro é bem baixa, aumentando assim a onda de calor e diminuindo a circulação de ar.

Enfim, é nesse cenário que encontramos a nossa "personagem" Roberta Fontana.

3.4 A odisséia

> "Eu nunca pensei que tudo pudesse dar errado, eu só pensava pelo lado bom, sempre fui otimista".
>
> Roberta Fontana



Órfã de pai e mãe desde os dois anos de idade (o pai foi assassinado a facas em uma briga de família, meses depois a mãe morreu de parto), foi criada pela avó, pessoa por quem hoje tem grande estima.

Ainda criança, Roberta (naquela época chamada de Roberto) vai morar no interior do Ceará com um tio a pedido de sua avó. Segundo ela, sua avó já a percebia querendo "dar pinta" e imaginava inocentemente que Roberta, morando no interior, construiria uma trajetória dentro do universo masculino, pois sua estadia em Guaiúba-CE se vincularia em torno de trabalhos em vazantes[73] e conviveria somente com referenciais masculinos. Grande engano. Aos dez anos de idade, Roberta se apaixona perdidamente por Alexandre. "*Alexandre era meu príncipe",* assim destacou Roberta ao falar da sua primeira paixão, ainda na infância.

Aos doze anos de idade, volta a morar em Fortaleza e, nessa época, já se dava por mocinha e já sabia o que queria para seu futuro, ou seja, ser uma travesti. Ao lembrar-se desta fase nos fala:

> A primeira vez que minha avó me viu passando batom, ficou chocada. Ela não acreditava no que estava vendo [...] Eu nesta época estava no colégio Dom Lustosa, aqui perto, comecei a usar saia, batom, brincos [...] minha sorte é que sempre fui muito feminina, aí só andava na companhia das meninas por conta dos "pêis". Tinha muito medo [...] andar com as outras travestis era muita "rasgação"[74].

Com o passar dos anos e já inserida sutilmente numa rede de sociabilidade travesti no bairro onde morava e bairros adjacentes (outro bairro de referência em seu discurso é o Conjunto Ceará), começou a fazer uso de hormônios femininos. Gradativamente, foi observando com muito entusiasmo as mudanças em seu corpo, observava-o por horas na frente do espelho e sentia sensações de muito prazer diante da sua imagem refletida, eram sensações que não consegue nos relatar ou retratá-las. Aqui, a travestilidade já se construía de forma latente, e suas condutas diárias já se ressignificavam de acordo com as performances do universo feminino. Curtia a vida intensamente.

Em meados de 2001, Roberta precisa fazer seu Alistamento Militar na Junta de Serviço Militar, pois independente de ser travesti ou não, cedo ou tarde precisaria do Certificado de Dispensa de Incorporação – CDI. Durante este processo, conheceu Andrezza,

---

[73] Trabalho de plantação e colheita que se faz no leito dos rios e à margem dos açudes, quando, depois de enchentes, vai o rio tornando ao seu nível normal na época da estiagem.

[74] Rasgação, no dicionário gay, refere-se a muita depravação, chamar muita atenção, longe de qualquer pudor normativo da sociedade.

uma travesti que há tempos já se prostituía em São Paulo e estava em Fortaleza para visitar a família e resolver algumas pendências na sua documentação oficial. Logo estabeleceram contato, conheceram-se e trocaram algumas experiências do universo comum às duas.

Na primeira oportunidade, Andrezza a pergunta se ela não tinha vontade de ir embora para São Paulo e lá dar início à sua vida na prostituição. Bastava ela decidir que Andrezza ligaria para sua cafetina em São Paulo e solicitaria outra passagem. Até este momento, Roberta nunca havia feito rua. Mas começou a lembrar das muitas histórias de sucesso que já escutara de travestis que largaram tudo e começaram uma nova vida fora das suas cidades de origem, do suposto *glamour* que a rua poderia trazê-la, das possibilidades de conseguir muito dinheiro e ajudar sua família.

Depois de alguns dias, Roberta contacta Andrezza e afirma sua vontade de ir à São Paulo vivenciar essa experiência. Em seguida, informa a avó que vai viajar e em dias embarca rumo ao inesperado mundo da prostituição e da travestilidade em uma megalópole, juntamente com Andrezza e Solange, uma travesti também novata, assim como ela.

Chegando em Santo André-SP, Roberta e Solange são alojadas em uma casa com cerca de 12 travestis. Andrezza, por ser mais antiga e já conhecer todo o aliciamento,

possuía uma vida já em outro patamar. Agora sim tudo era novo, diferente e assustador para Roberta.

Ao entardecer, a cafetina foi conhecer as mais novas travestis da casa e passar todas as regras daquele momento para frente. Diárias a R$ 35,00, alimentação independente, descontos semanais referentes à passagem do Ceará à São Paulo, deslocamento diário para zona de prostituição por conta de cada uma etc. Em seguida, a cafetina as leva para conhecer os seus novos ambientes de trabalho, um dos principais pólos de prostituição de rua do Grande ABC paulista, localizado nas avenidas Industrial, Dom Pedro II e na Rua dos Coqueiros.

Na primeira noite, a cafetina as levou, apresentou-as a algumas pessoas, falou um pouco da dinâmica, das regras da rua, como elas fariam para chegar lá nos outros dias, as estratégias para voltar para casa, os riscos e os cuidados. Aquela noite era apenas um ensaio de tudo o que elas vivenciariam pela frente. Roberta lembra cada detalhe:

> Minha primeira noite foi um fracasso, eu estava com medo, com muito frio e perdida no meio de tanta gente diferente. Era bicha bonita, bicha arrumada, bicha feia, bicha de carro, bicha a pé, bicha de peito, umas quase nuas, outras bebendo e fumando [...] e eu tão magrinha, feia e sem entender direito nada.

Depois de algum tempo, a cafetina voltou para apanhá-las e mostrar-lhes o caminho de volta para casa. Daquele momento em diante, o contato entre elas seria simplesmente referente ao pagamento das dívidas de estadia e de deslocamento.

Na segunda noite Roberta não agüenta o frio, senta-se numa calçada e começa a chorar. As veteranas não cansavam de dizer para ela que daquele jeito ela não ganharia dinheiro, que ela precisaria ficar “nua”, mostrar mais o corpo. Mas o frio e a falta de prática de Roberta não permitiam essa desenvoltura. Durante algum tempo, chorando na mesma posição e com frio, pára um carro e chama Roberta para conversar... Esse foi o seu primeiro cliente, que a levou para comer, pagou sua diária e deu-lhe um dinheiro extra para seu deslocamento de volta para casa.

Aos poucos, as coisas foram se tornando mais claras e menos dolorosas para Roberta. Ela foi tecendo de forma tímida um círculo de amizades na rua, conhecendo os "truques" e os clientes. Depois de dois meses, Roberta já estava "criada" na prostituição. Agora sem medo e já acostumada com tudo, se "jogava" e conseguia fazer muitos programas na noite, algumas vezes ia até durante o dia. Aqui, o dinheiro e o frio não eram os seus maiores problemas, conseguia pagar suas dívidas tranquilamente, investia na produção, na maquiagem, em perfumes, batons, saltos e acessórios.

Apesar de Roberta não beber, não fumar e nem ter entrado no esquema de roubar os clientes, como de costume para muitas travestis que ali se prostituiam, ela conseguiu estabelecer uma rede de amizades entre as demais travestis e clientes. Com exceção de algumas travestis, que não gostavam de Roberta por ela possuir características pautadas na honestidade, que às vezes achavam que ela atrapalhava a dinâmica do espaço. Mais o dia-a-dia de Roberta movia-se a conquistas e desafios.

Com uma vida já "meio organizada" e adaptada a todos os riscos e prazeres da noite, Roberta viaja ao Ceará por duas vezes para reencontrar familiares e amigos. Em 2003, retorna às ruas de Santo André. Era sua terceira temporada, agora morando em outro local com várias travestis (quinze no total), aos "cuidados" de outra cafetina que, segundo Roberta, investia bastante na carreira delas.

Em poucas semanas, Mirtes (nome fictício), sua nova cafetina, faz-lhe uma proposta de ir para a Itália e começar uma nova vida em solos internacionais. Aos poucos, ela

pagaria sua passagem e as despesas iniciais. Extasiada com o convite, começa a vislumbrar vôos mais intensos e começa a dar entrada na documentação necessária para fazer o "vôo da beleza" (VALE, 2005).

Até aqui, Roberta nunca tivera a coragem de fazer aplicação de silicone de forma clandestina, utilizava-se somente dos recursos hormonais e da sua performance feminina. Fazia parte de seus planos futuros colocar prótese com o dinheiro que supostamente ganharia na Itália.

Com a proposta de ser tornar uma "trava" internacional, Roberta torna-se "destaque" entre as 15 travestis que naquela casa "moravam". Era conhecida como a trava que iria reinar na Itália. Agora tudo girava em torno das expectativas da viagem. Assim nos fala Roberta:

> As outras não paravam de falar para eu colocar silicone, assim eu iria chegar lá mais bonita, com mais bunda, com as pernas grossas e com o corpo mais volumoso para fazer sucesso, pois lá todas são bombadas [...] e como eu não tinha dinheiro e nem mais esse tempo todo para colocar

> próteses e me preparar, comecei a pensar na possibilidade de me bombar [...]

Dias depois, aparece uma travesti na casa onde Roberta morava e oferece os seus serviços de bombadeira. Como as outras travestis davam força e incentivavam-na constantemente, Roberta acaba agendando com a bombadeira. No entanto, ela não foi a única na casa a se bombar. Priscila agendou para fazer um retoque nos lábios, e Rafaela para fazer as maçãs do rosto e testa.

Em dez dias, a bombadeira estava de volta. Devido ao horário, muitas travestis já estavam saindo para "fazer rua" e outras estavam viajando. Só ficaram em casa as travestis que estavam preparadas para fazer a bombação naquele dia. Priscila fez o seu retoque, Rafaela remodelou o seu rosto. Roberta seria a última, pois o processo seria demorado devido a quantidade de silicone industrial que seria aplicado nas coxas e pernas. *Foi tudo muito estranho*, segundo Roberta.

> Eu estava com uma calcinha muito, muito apertada e me deitei no sofá. Aí ela começou a colocar as agulhas nas minhas coxas e pernas e colando-as com super *bonder,* esmalte e algodão para não sangrar, foram oito agulhas grossas no total. Aí ela vinha com as seringas grandes e começava a colocar o silicone [...] colocou meio litro e, de repente, começou a queimar, arder e eu chorando e gritando, até que desmaiei [...] quanto tornei com aquela dor insuportável, eu mesmo tirei as agulhas da perna, e sem conseguir andar direito fiquei desesperada, não sabia o que fazer, até que outra bicha chegou e me levou pro hospital [...] eu sentia o líquido subindo e descendo nas minhas pernas, estava queimando por dentro [...]. Quando o médico viu, ficou apavorado. [...] segundo as outras bichas isso foi "um doce"[75] que mandaram para a nossa casa, principalmente para mim, pois na nossa casa só tinha as ninfetas e a gente fazia sucesso e as outras bichas não engoliam isso[...][76]

A partir desta data, 16 de setembro de 2003, os caminhos de Roberta começaram a ser construídos não mais por seus sonhos e determinações, mas sim pelo descaso médico-hospitalar e pelas lamentações de um projeto de vida que veio a ser atropelado pelas incertezas e incoerências da vida humana.

Sem família e sem nenhuma referência (estava na companhia de outra travesti que não ficaria ali por muito tempo e Mirtes, sua cafetina empreendedora, encontrava-se em

---

[75] Dar um doce, na linguagem travesti, significa: sabotar; atrapalhar, acabar com a "vida" de alguém, fazer algo de ruim contra alguém por vingança, raiva e/ou prazer.

[76] Vale destacar que o hospital fez a denúncia contra a travesti que havia aplicado o silicone industrial em Roberta, mas a mesma não foi localizada e o caso se teve por encerrado.

Belém do Pará a negócios e com certeza não se envolveria neste processo). Roberta ficou "bolando" de mão em mão pelos corredores do hospital até conseguir uma vaga.

> Foram muitas dores, a pele da minha perna esticava tanto, parecia um balão, ficava brilhosa [...] todo dia eles faziam uma raspagem[77] e no dia seguinte voltava tudo. Meu medo era morrer. Fiz uma cirurgia de doze horas. Quando o médico chegou pra mim e falou que minha perna tinha sido toda aberta e estava praticamente só no osso eu não acreditei, tive que olhar, quando olhei desmaiei. Quanto tornei, estava no medicamento [...] Fiz várias cirurgias, era uma em cima da outra.

Era tanto sofrimento imposto à Roberta que, por ela, a perna atingida pelo silicone industrial adulterado deveria ter sido logo amputada. Mesmo não sendo um processo fácil, continuaria viva e com os demais membros, ou seja, com outra perna e os braços, assim era seu pensamento.

Mas o hospital e os profissionais que faziam o acompanhamento médico e psicológico à Roberta recusavam-se a chegar a tal procedimento de ablação e, mesmo sem seu "consentimento", decidiram fazer enxerto. Começaram a tirar de uma perna para a outra. Foram várias cirurgias, mas houve a rejeição do enxerto em todas as tentativas. Agora, Roberta não estava apenas com o problema em uma perna, mais sim nas duas.

Foram em média quatro meses de muitas cirurgias, curativos, ataduras nas duas pernas, pomadas, remédios, injeções, dores, medo e solidão. Certo dia, o hospital decide que o "caso Roberta" não poderia ficar mais na responsabilidade da instituição, portanto Roberta deveria ser conduzida para outro local, pois havia recebido "alta" hospitalar.

Mediante as circunstâncias, Roberta não tinha condições financeiras para retornar ao Ceará e não queria falar para a família o que realmente estava acontecendo; todos os albergues estavam sem vagas e não se responsabilizariam por uma travesti que estava doente por causa de aplicação de silicone; a casa onde residia já não tinha mais o seu espaço e não teria como se manter por lá e talvez nem fosse aceita. A sua única saída foi o apoio que encontrou em uma das enfermeiras que trabalhava no hospital, que caridosamente a levou para sua casa até conseguir outra estratégia.

---

[77] Debridamento: é uma remoção do tecido desvitalizado presente na ferida. Seu objetivo é promover a limpeza da ferida, deixando-a em condições adequadas para cicatrizar, bem como reduzir o conteúdo bacteriano, impedindo a proliferação do mesmo e ainda preparar a ferida seja para a intervenção cirúrgica ou para a cicatrização propriamente dita. Atualmente, os métodos utilizados na prática clínica são o autolítico, enzimático, mecânico e cirúrgico.

> Fui acolhida pela família dela com toda atenção do mundo, tinham muito cuidado comigo, todos os dias faziam meus curativos. [...] lembro como hoje, era véspera de natal e eu só conseguia chorar. O que mais me frustrava foi não ter conseguido o meu objetivo, que era ajudar minha família, dar uma boa vida à minha avó [...]. [...] quando eu saí daqui fui com a expectativa de que tudo daria certo, mas aconteceu tudo errado, só eu sei o que sofri [...]

Antes de completar o segundo mês de estadia na casa de Ana, Roberta consegue falar com uma amiga travesti, Jane Brígido, que acabara de chegar da Itália, e pede sua ajuda. Jane paga sua passagem de volta ao Ceará, essa era a única saída que lhe restava naquela situação.

A viagem para Roberta, sozinha e solitária, parecia não ter fim. Foram três dias de ônibus, muitas dores, cansaço e sem poder se levantar de forma alguma. Bebia muita água, comia apenas maçã para não precisar ir ao banheiro, urinava em uma garrafa de plástico que em seguida jogava pela janela.

Chega à Fortaleza após três dias sem fazer os curativos das duas pernas. Uma amiga travesti já a esperava na rodoviária. Roberta, ao mesmo tempo em que não acreditava que havia suportado a viagem, não sabia como olhar para as pessoas e principalmente para sua família. Sentia vergonha de tudo, sua auto-estima pairava no chão.

> Até chegar à minha casa, eu ia dentro do carro chorando e com vergonha por tudo ter dado errado, passava um filme em minha cabeça. Lembrava da minha infância, de tudo que vivenciei em São Paulo [...] Eram tantas coisas (lágrimas).

Passaram-se oito meses e Roberta não conseguia uma vaga em nenhum hospital de Fortaleza. Enquanto isso, ficou sofrendo em casa, fazendo diariamente os curativos nas pernas, usando todos os remédios caseiros que a ensinavam, mas nada adiantava.

Através de um amigo, Roberta consegue uma vaga no Hospital Geral Dr. Waldemar de Alcântara e passa mais três meses internada. Lá, Roberta já implorava pela amputação de suas duas pernas: uma atingida pelo silicone líquido e a outra mutilada pelos médicos na tentativa de fazer enxerto. Mas os médicos continuavam “tentando”. O hospital, diante da situação, prefere transferir Roberta para o Frotão[78].

---

[78] HOSPITAL IJF – Instituto Dr. José Frota, em Fortaleza.

No “Frotão”, também preferiram não amputar as duas pernas e sim tentar outras técnicas. Roberta passou a usar abaixo do peito um aparelho especializado com um soro especial durante cinco meses. Segundo ela, esse aparelho funcionava como uma espécie de sucção da carne. Aos poucos, constituir-se-ia através do soro uma “nova carne”, que serviria para mais um enxerto.

Infelizmente, ocorreu nova rejeição. Roberta, agora, não estaria apenas com as duas pernas mutiladas, mais também com uma grande cicatriz abaixo do peito. Outras técnicas foram sendo experimentadas em Roberta, até que decidiram mexer no seu braço esquerdo, coisa que em momento algum foi aceito por Roberta, pois já havia vivenciado a mutilação de uma perna e nada adiantou. Mesmo assim, o hospital continuou suas “experimentações”. Enxertos por cima de enxertos, cinco cirurgias, todas seguidas de rejeição, até que o braço de Roberta encontrava-se agora também mutilado.

Semanas depois das várias tentativas mal-sucedidas, Roberta é acometida de uma infecção hospitalar e, para continuar viva, agora sim não haveria alternativa a não ser as várias amputações.

> No dia da operação eu me revoltei, pois eu tinha a perna e o braço bom e depois de todo sofrimento e tentativas eu iria perder as duas pernas e um braço [...] a primeira amputação foi feita num sábado e na quarta-feira seguinte tiram a outra perna e o braço. [...] Minha família chorou muito [...]. Quando fizeram as amputações, parecia tudo estranho, eu fiquei em um quarto isolado, foi horrível. Eu sentia a ponta do dedo coçando, sentia o meu pé mexer, doer, sentia canto de unhas e não tinha o que fazer, eu pensei que fosse ficar louca, vivia direto na dolantina[79].

Foram três meses de recuperação e de acompanhamento psicológico depois de todos os descasos, negligências, falta de amor ao próximo, de sensibilidade e respeito às escolhas e limitações do outro por parte dos profissionais e de instituições de saúde por onde Roberta transitou. Depois que saiu do hospital, morou na casa de um amigo enfermeiro no Bairro José Walter, em Fortaleza, amigo esse que passou a cuidar de Roberta com uma atenção e preparação maior. Em seguida, passou uma temporada em Guaiuba aos cuidados de alguns familiares. Hoje mora na mesma casa onde passou grande parte da sua vida, na Granja Lisboa.

3.5 O doce amargo

Eu te amo!
Eu preciso te dizer
Todo dia, toda noite
O meu sonho é você
Eu te amo!
É paixão que não tem fim
Dou a vida por um beijo
Quero ter você pra mim[80]

Hoje, de sua cadeira de rodas ou de sua rede, Roberta reza muito e agradece a Deus pelo simples fato de continuar viva, pois por muitas vezes achava que não iria suportar tanto sofrimento e tanta dor presente *naquele corpo todo ferido*, em seus termos.

> Não é fácil, mas hoje sofro muito menos, passei anos de terror na minha vida [...] às vezes eu caio da cadeira, às vezes eu choro, às vezes me sinto muito dependente, mas estou conformada com minha situação. Eu aprendi

---

[79] DOLANTINA é indicada nos estados de dor e espasmos de várias etiologias, tais como: infarto agudo do miocárdio, glaucoma agudo, pós-operatórios, dor conseqüente de neoplasia maligna, espasmos da musculatura lisa do trato gastrintestinal, biliar, urogenital e vascular, rigidez e espasmos do orifício interno do colo uterino durante trabalho de parto e tetania uterina. Pode ser empregada, ainda, como pré-anestésico ou como terapia de apoio ao procedimento anestésico.

[80] Música preferida de Roberta.

> muito na minha vida, e hoje sei que não posso confiar em todo mundo. Eu me lembro de cada momento.

A rotina diária de Roberta acabou se tornando muito limitada. Depende de uma pessoa para quase tudo: para tirá-la da rede, para colocá-la na cadeira de rodas, para empurrar a cadeira, para ir ao banheiro, para fazer sua alimentação, entre outros cuidados. O que se contrasta em tudo com o tempo em que "fazia rua" em São André, ou até mesmo quando era adolescente, ainda em Fortaleza. Para Roberta entrar em cena, era preciso passar também pelo ritual da beleza, assim ela nos fala:

> Era preciso um bom banho, ducha, depilação, as unhas sempre feitas. [...] todas as sextas-feiras eu ia para o salão. Uma boa maquiagem, um bom batom, roupas boas, saltos, um bom perfume, uma bolsa bonita. Eu sempre me sentia bem com os elogios dos clientes e das outras travestis.

Roberta vem desenvolvendo algumas habilidades físicas e emocionais ao longo do tempo, de acordo com as suas necessidades. Se tempos atrás o que mais lhe dava prazer eram os belos homens que a desejava na esquina, hoje o que mais lhe dar prazer é ter uma boa saúde e estar viva. Às vezes consegue lavar algumas peças de roupa no banheiro, alimentar-se sozinha, fazer alguns movimentos com o auxilio do seu único braço, movimentos que para ela se tornaram desafiadores.

Hoje, seu maior sonho é conseguir mais independência em seu dia-a-dia. Acorda sempre às sete horas da manhã e logo começa a assistir televisão enquanto sua prima acorda para levá-la ao banheiro e começar a preparar o seu café. Sua manhã é praticamente dentro de uma rede assistindo o programa da apresentadora Ana Maria Braga. Em seguida, assiste à sequência de novelas, intercalada às suas refeições diárias. No período da tarde, geralmente dorme, escuta músicas, lê uma revista ou um livro até chegar o horário de tomar o seu bom banho para dar uma volta na rua ou sentar-se na calçada para conversar com amigas e vizinhas, ver o movimento e as agitações do bairro, isso na companhia de Flávia, uma travesti adolescente, muito sua amiga, que sempre está presente na vida de Roberta no período noturno e ainda conduz muito bem a sua cadeira de rodas. Quando estão juntas, fazem literalmente a festa, paqueram, "caçam"[81], dão "close" na praça, às vezes vão a festas e boates. Flávia já conhece todos os truques e habilidades de Roberta, inclusive no que se refere às relações amorosas e sexuais, que acontecem "normalmente".

---

[81] Caçar significar ir atrás de alguém para fazer sexo.

Roberta Fontana na companhia de "Flávia" em um evento da ATRAC.

Mesmo com todas essas limitações, Roberta não deixa de vivenciar muitas aventuras. Durante uma de nossas conversas compartilhadas também com amigo em comum, Carlos Júnior, ela nos relatou trechos de sua última viagem à Guaiuba:

> Eu viajei à Guaiuba para passar uns dias com minha tia, e Joana[82] me convidou para ir a um bar nos arredores do sítio da minha tia. Chegando lá, estava cheio de boys, todos eles bebendo muito [...] Estava aquele "rêtêtê"[83]. Depois de muita cachaça, eles inventaram de ir tomar banho num rio próximo, aí eu não queria ir, mas eles fizeram a maior festa, me levaram até nos braços (risos), tava aquele "auê" [...] e como já estava ficando tarde a minha tia até ligou, mas eu não podia falar que estava lá [...] só sei que neste dia até minha cadeira de rodas quebrou e quando cheguei em casa tive que inventar a maior estória (risos) [...] só sei que é muito bom em Guaiuba, não falta boy para "fazer"[84] com gente. [...] no futuro eu penso em voltar pra lá, pois lá é que está uma parte da minha família.

E assim, a vida de Roberta continua sendo construída com determinação, resiliência, risos e lágrimas, mostrando-nos que existem várias formas de ser feliz e que a experiência travesti se constitui através de incertezas e realizações.

---

[82] Joana é uma travesti conhecida desde sua infância
[83] "Rêtêtê", para muitas travestis, tem o significado de euforia, bagunça, muvuca, etc.
[84] O termo "fazer" é uma abreviação que está diretamente ligada à expressão "fazer sexo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "Nem o corpo, nem o sexo, nem a orientação sexual são vistos hoje como essências, mas como construções pessoais e revogáveis. Decorrem de uma decisão própria e de uma prática cosmética adaptada."
>
> David Le Breton

No início desta dissertação, formulamos as seguintes reflexões: como acontecem as transformações corporais na experiência travesti? Existem limites para o corpo e para os sonhos? O que as travestis são capazes de fazer para conquistar um corpo canônico e construir uma boa imagem diante do olhar do outro? Como se dão as articulações entre corpo, saúde e gênero? Como esses corpos são performatizados? Foi desse leque de possibilidades e cruzamentos analíticos que esse trabalho foi desenvolvido, fruto de encontros e desencontros que se fizeram prenhes de informações, afetos e gêneses, com base em muitas narrativas de travestis que se prostituem e direcionam suas vidas na tentativa de superar suas limitações corporais, alcançar seus sonhos e saciar os seus desejos.

Aqui, não se pretende fazer um capítulo conclusivo, no sentido de responder hermeticamente a essas perguntas, até porque já é sabido que as pesquisas sociais possuem suas bases pautadas na temporalidade em que os atores sociais estão imersos, na dinamicidade dos contextos onde são desenvolvidas e na pluralidade que é a própria condição humana. Nossa pretensão movimenta-se na perspectiva de levantar reflexões sobre o que foi dito nesse trabalho, deixando pistas e inquietações para outras discussões dentro e fora da academia.

Antes de tudo, faz-se necessário aqui o reconhecimento da pluralidade que todas as pessoas e os grupos sociais possuem, seja nas questões de gênero, raça, cor, religião, orientação sexual, entre outras. Isso se torna essencial para a condução de qualquer discussão em torno da "liberdade" que as pessoas possuem sobre suas vidas e seus corpos.

Sendo assim, as transformações corporais, creio, atravessam todas as questões presentes nesse trabalho, pois estas ações falam sobre gênero, travestilidade e saúde, que corroboram para as ações performativas dos sujeitos e de suas experiências.

Falamos aqui em experiência travesti levando em consideração que tal prática pode ser entendida como relações e processos compostos por subjetividades de histórias de vidas que não podem ser atravessadas por uma concepção de identidade como algo definido e encerrado em si mesmo. Move-se, neste sentido, a partir da idéia de *identificação* proposta por Stuart Hall (2000). Segundo o autor, esse conceito envolve uma fuga dos essencialismos,

atuando como artifício estratégico e posicional que envolve um processo de articulação, nunca completado, remetendo-nos à idéia do corpo inacabado e que opera por meio da diferença.

Em um primeiro momento, o corpo é entendido como um lugar de interferências políticas, pessoais e comerciais, que não pode ser visto apenas como uma entidade física que possuímos. Ele é um sistema-ação, um modo práxis, e a sua imersão prática nas interações cotidianas é essencial para a narrativa da auto-identidade. São levadas em consideração a aparência, posturas, sensualidade e regimes do corpo. Se o corpo era um aspecto da natureza, com a invasão do corpo pelos sistemas abstratos, o corpo como *self* torna-se um local de interação, apropriação e reapropriação, como destacado por Giddens (1992).

Para Villaça & Góes (1998), já foi muito simples nomear o corpo, no entanto, pensar hoje a corporeidade torna-se mais complexo, pois o corpo enquanto sujeito/objeto transita entre ideais de máximo controle, monitoramento, busca de perfeição e uma estética fora dos padrões que tenta denunciar a objetivação maquínica do indivíduo, ironicamente "dividido" por mecanismos de intervenção cultural (1998:11).

Assim, não seria forçoso falarmos que cada sociedade produz um tipo ideal de corpo, sendo este padrão datado de acordo com o contexto histórico social em que ele está inserido. Na contemporaneidade, a sociedade tem como ideal de perfeição o corpo canônico e esculpido, o corpo como sinônimo de saúde, longe de qualquer semelhança com o impuro e profano, fazendo com que as pessoas se coloquem em um movimento no qual o corpo está em constante mutação. Este modelo imposto torna-se cada vez mais usual e as pessoas, de forma frenética, submetem-se às práticas das transformações corporais.

Para Le Breton (2005), as pessoas precisam se colocar fora de si para se tornarem elas mesmas, é preciso tornar mais significativa sua presença no mundo. A interioridade é um trabalho de exterioridade, que exige retrabalhar ininterruptamente seu corpo para aderir a uma identidade efêmera, mas essencial num momento do ambiente social. Assim, a tirania da aparência força os indivíduos a uma disciplina constante, a um trabalho sobre si mesmo. Uma atitude paradoxalmente puritana. As disciplinas outrora exteriores aos indivíduos, segundo a famosa análise de Michel Foucault, hoje estão nas mãos de pessoas que as impõem a si próprias. As disciplinas estão sob a égide do marketing. Mas é claro que o culto do corpo é, em primeiro lugar, um desprezo pelo corpo de origem.

Já no tocante ao conceito de gênero, pudemos observar, durante a dissertação, que o mesmo provocou grandes transformações e deslocamentos tanto no nível político e das relações entre homens e mulheres, cujas novas dinâmicas são incontestáveis, como no

pensamento e na elaboração teórica sobre o social. A partir da formulação e da utilização do conceito de gênero, as ciências sociais passaram a conquistar e explorar novos temas e objetos, imprimindo às analises novas interpretações sobre as diferenças entre homens e mulheres, sobre o corpo, o sexo e as relações sociais (BENEDETTI, 2005).

Vimos também que, para Butler (1990), o conceito de gênero aparece como relacional, plural e transitório, o qual não é pensado a partir de uma perspectiva identitária essencializadora, fixa, ou mesmo reificada. Assim, as discussões giram em torno de uma complexidade cuja totalidade é permanentemente adiada, nunca inteiramente o que é em uma dada circunstância histórica. O gênero aparece como um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas. Vale destacar que o gênero é, em si, performático, e a matriz sexual (que seria sempre heterossexual) é uma estrutura que mantém acesa a chama que dualiza as diferenças sexuais – homem/mulher, feminino-masculino – e uma performance (gênero) que as multiplica.

É sobre estes corpos e gêneros imersos em novos cenários que é construída e formulada a travestilidade. Assim, é possível observarmos a travestilidade como um processo em estado de constante construção, sempre composto por novos significados e novas práticas. Viver a condição travesti é viver a/na liminaridade (TURNER, 1974).

Para Larissa Pelúcio (2007), ser travesti é um processo que nunca se acaba. O desafio é diário e o processo de transformação de um corpo masculino em feminino desarticula qualquer norma vigente. Travestis são possibilidades identitárias e modos de viver a experiência da existência e da sexualidade.

Objetivou-se, portanto, na apresentação e no primeiro capítulo, não meramente apontar os itinerários dos corpos, dos gêneros e suas possibilidades, mas mostrar a relação intrínseca que eles possuem com a travestilidade e a ressignificação operada por sujeitos que se (trans)formam constantemente. Na contemporaneidade, a questão não se trata apenas de formatar o corpo, mas de tematizá-lo. São criados discursos para a construção de vínculos que possam legitimá-lo, principalmente as travestis que legitimam suas experiências a partir dos seus corpos, com a intenção de desenvolver outra subjetividade. Trata-se de uma espécie de legitimação e reconhecimento dentro das diversas *teias de significados* tecidas, no sentido weberiano do termo.

Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis, isto ficou evidenciado nas narrativas apresentadas no segundo capítulo. Travestis vivem na busca contínua de aperfeiçoar seus mecanismos para conceder traços femininos ao

corpo, o que significa para elas "passar por mulher", especificamente por aquelas que despertam o olhar e o desejo masculino. Nos processos de afinar seus traços, bronzear seus corpos, adornar-se com vestimentas femininas, as estratégias adotadas variam de acordo com recursos e condições socioeconômicas de cada uma delas. Assim, as que dispõem de maiores recursos materiais recorrem a técnicas mais modernas e sofisticadas da medicina e do mercado estético, conseguindo com isso operar significativas transformações em seus traços genéticos sem sofrer grandes riscos. Por sua vez, aquelas de baixo poder aquisitivo se submetem às práticas clandestinas de transformação corporal, colocando em perigo suas vidas e, além disso, comprometendo seus sonhos de beleza e aspirações de feminilidade.

Procurei demonstrar que as travestis, mesmo cientes dos riscos inerentes a esses processos de transformação, não hesitam em procurar cirurgiões plásticos ou bombadeiras. A vontade de reconfigurar seu gênero e de alcançar o corpo canônico se sobrepõe a eventuais medos ou relutâncias em relação a incisões corporais quase sempre irreversíveis. O mais importante para elas é a satisfação pessoal. Tornar-se a "mais bela" é a razão de tanto investimento de emoção, tempo e dinheiro.

Vale destacar que a prostituição travesti vai além das necessidades materiais ou de uma alternativa que lhes sobre diante das impossibilidades de serem inseridas por outras vias no mercado de trabalho. As ruas e as esquinas se constituem em espaços que lhes proporcionam sociabilidade, identificação e a sensação de ser alvo de desejo.

A meu ver, tantas intervenções corporais e estéticas de pequenas e grandes implicações não teriam sentido para as travestis se não estivessem entrelaçadas a um conjunto de performances identificadas com o universo feminino. Maneiras de falar, de jogar o cabelo, de equilibrar-se sobre os saltos, de abrir seus leques com imponência, olhares insinuantes e reveladores de uma "alma" feminina, vozes, gestos e movimentos funcionam como vitrine para a exposição dos resultados do que denomino neste trabalho de Saga da Beleza.

No capítulo terceiro, tematizei o ritual da beleza. A partir de uma reflexão teórica do ritual como performance, estabeleci um paralelo com os momentos de construção do corpo travesti para entrar em cena nas ruas e esquinas de Fortaleza. Minha base empírica de análise foi uma ocasião especifica na qual minhas colaboradoras se preparavam para a festa de lançamento do concurso Garota G 2009. Descrevi procedimentos tais como: depilação, esconder o pênis, maquiar-se, entre outros. Trata-se de passos inerentes ao cotidiano dessas personagens que buscam demarcar a construção de uma imagem pautada na beleza. Identifico esse conjunto de passos como ritual da beleza, um emaranhado de técnicas, arranjos e artifícios transpassados por muitas emoções, estratégias e criatividade. Tais ritos,

além de evidenciar os esforços que elas desenvolvem cotidianamente ao longo dos anos, acabam por caracterizar trajetórias importantes nessa busca incessante pela beleza.

Sagas e rituais, a partir dos quais as travestis incidem em seus processos de transformações corporais, constituem atitudes transgressoras e subversivas, caracterizada por mudanças e rupturas. Camuflar o sexo, ganhar seios e cintura, vestir trajes femininos e escolher novos nomes implica em mudar a imagem de si diante do espelho e alterar formas de legitimação de identidades pessoais no meio travesti e no exercício prostitutivo. Por outro lado, tal mudança revela uma intensa busca por integração e reprodução de padrões instituídos. Tantas transformações, ao mesmo tempo em que as distancia da forma física máscula anterior, aproxima-as de um cânone de beleza feminina socialmente definida. Portanto, trata-se de um processo que não só diferencia, mas também iguala. Isso é *A Saga da Beleza*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de: "Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal", **Anuário Antropológico/95**, RJ: Tempo Brasileiro, 1996.

ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público.** Campinas, Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000. 190 páginas.

AUSTIN, John Langshaw. 1962a. How to do things with words. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. **Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990).

BACHS, MA. Representaciones sociales en proceso: su análisis através de grupos focales. In: Moreira ASP, Camargo BV, Jesuíno JC, Nóbrega SM, organizadores. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, 2005. p.401-23.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Universidade de Brasília, 1982.

BASTIDE, R. Introdução a dois Estudos sobre a técnica das histórias de vida. In: **Revista de Sociologia**, 1953.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

_____. **Para uma crítica da economia política do signo**. Paris, Gallimard, 1972.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas:** o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, p. 9-128, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia:** histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. "Corpos que pesam": sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CHAUÍ, Marilena. Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, EDUSP, 1973.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **O sexo segundo Laqueur.** Folha de S. Paulo, São Paulo: 25 mar. 2001. Caderno Mais!, p.4-5.

COUTO, Edvaldo Souza. **O Homem Satélite:** estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Rio Grande do Sul: Ed. UNIJUÍ, 2000.

DA MATA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DELEUZE, Gilles. & PARNET, Claire. **Dialógos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DENIZART, Hugo. **Engenharia Erótica:** travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Marins Fontes, 1996.

FLORENTINO, José; FLORENTINO, Fátima Rejane Ayres. Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 - N° 113 - Octubre de 2007.

FONTES, M. 2004. **Corpos canônicos e corpos dissonantes:** o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador: UFBA, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História das Sexualidades (vol.I).** Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. In: JAGGAR, A M. & BORDO S.R. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos. P. 19-41. (Coleção Gênero; 1), 1988.

_____. **Vigiar e Punir:** o nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GADELHA, José Juliano Barbosa. Performance e Etnoestética: a montagem como ritual ou como nasce uma drag-queen. Fazendo Gênero 8. Disponível em: **http://www.fazendogenero8.ufsc.br/st61.html** . Acesso em 5 de outubro de 2008.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 5ª ed. São Paulo (SP): Ática; 1998.

GASKELL George. Entrevistas individuais e grupais. In: _____; BAUER, M. (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005. p. 72-88.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro (RJ): Livros técnicos e Científicos; 1989.

GIDDENS, Anthony. **Transformação da Intimidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: la identidad deteriorada**. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

GOLDMAN, Márcio. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. In. **Anuário Antropológico/93**, 1995. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pg. 146.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARAWAY, Donna; KUNZRA, Hari. **Antropologia do Ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JAYME, Juliana. **Travestis, Transformistas, Transexuais e Drag-queens:** personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001, 270 p.

JUSTA, Juliana Frota da. **"Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta":** uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas". Monografia de conclusão do Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2006. 108p.

KAFKA, F. **Metamorfose, Na colônia penal, O artista da fome**. (3ª. Ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e Sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes. 2006.

_____. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, D. (org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-67.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**. São Paulo: Manole, 2007.

_____. **O império do efêmero:** a moda e o seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGNANI, J. G. C. **"Quando o campo é a cidade - fazendo antropologia na metrópole". Na metrópole – textos de antropologia urbana**. Organizado por José Guilherme C. Magnani e Lílian de Lucca Torres. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

_____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais***,* v. 17 n° 49, São Paulo, ANPOCS, p.11-29, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1976.

MALYSSE, S. Em busca do corpo ideal. **Revista Sexualidade Gênero e Sociedade**, n. 7-8, abr. 1998.

MALUF, Sônia Weidner. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia (Orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 261-275.

_____. Corporalidade e Desejo: tudo sobre minha mãe e o desejo na margem**. Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, ano/vol. 10, n. 001, p.143-153, jan. 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, Edusp, 1974.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu e a saúde: uma sociologia em Actes de la Recherche en Sciences Sociales. **Cad. Saúde Pública** vol.24 no.7 Rio de Janeiro: 2008.

NOVAES, A. (org.). **O homem-máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada). In: MICELI, Sérgio (org). **O que ler na ciência social brasileira** *(1970-1995). v.1, Antropologia*. São Paulo: Editora Sumaré ANPOCS, 1999.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele:** uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. São Carlos: UFSCar, 2007.

_____. "Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas". Campos – **Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 6, n. 1, 2005, p. 97-112.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cad. Pagu**, Campinas: n. 25, 2005.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2006.

_____. "Eu me cuido, mona": saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. In: **SEMINÁRIO HOMOFOBIA, IDENTIDADES E CIDADANIA GLBTTT**, Florianópolis: 2007.

PERES, W. S. Biossociabilidade Contemporânea e a Expressão Travesti. **Revista perfil**, v. 14, 2002.

REYNOSO, Carlos. Representación. In: _____. (Comp.). **El surgimento de la antropologia pós-moderna**. México: Gedisa, 1991.

RIBEIRO, Renata de Rezende. **Tecnologia, cinema e a invenção do corpo contemporâneo –** do corpo mecânico ao corpo digital. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpo de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTIN, S. **Educação Física:** ética, estética e saúde. Porto Alegre: edições EST, 1995.

SANTOS, Milton. Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. O tempo nas cidades. Ciência e Cultura, **Revista SBPC**, 2002.

SILVA, Adriana Figueiredo Soares da. **"Se pudesse ressurgir eu viria como o vento": Das narrativas da dor: um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na "experiência da travestilidade"**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Recife, 2008, 246 p.

SILVA, Hélio. **Travesti:** a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

SILVA, H; FLORENTINO, C. "A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações". In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará, 1996.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. "A Perfomative Approach to Ritual". In: **Culture, Thought and Social Action**. Harvard, Cambridge, 1985.

_____. "Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia". In: **RBCS,** nº 34, v.12, junho, 1997.

TOALDO, M. M. Sob o signo do consumo: status, necessidades e estilos. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: nº 7. Novembro 1997.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974a.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 2000.

_____. O Corpo na Teoria Antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagem**, 33: 49-66, 2004.

_____. "Quando a máscara esconde uma mulher". In: **Outros destinos. Ensaios de Antropologia e Cidadania.** Porto: Campo das Letras, 2004.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Vôo da Beleza:** travestilidade e devir minoritário. Tese de Doutorado – PPG em Sociologia/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: junho de 2005.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de Passagem**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1977.

VILLAÇA, Nízia. **Tecnociência, artes e moda**. Barueri, SP: Estação das Letras, 2007.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, M. Laura. "Os sentidos do espetáculo". In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2002, v.45, nº1.

ANEXOS

1. GRUPO FOCAL

1.1 Objetivo a ser alcançado no 1º grupo focal

Observar, a partir das narrativas, o que o grupo entende por transformação corporal; identificar o que leva estas pessoas a transformarem seus corpos em corpos femininos e torná-los um objeto de desejo; investigar quais novas tecnologias do corpo já foram utilizadas.

1.2 Perguntas Norteadoras

• O que vocês entendem por transformação corporal?

• O que levou vocês a transformarem/modificarem seus corpos e qual foi objetivo desta transformação?

• Como você se sente hoje depois das modificações realizadas em seu corpo?

2. ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro Semi- Estruturado de Entrevista: Campo 2008

Dados Pessoais:
Nome (fictício):
Grau de escolaridade:
Renda:
Cor:
Religião:
Ocupação:
Idade:
Bairro:
Naturalidade:

- Para iniciar, gostaria que você falasse um pouco da sua história de vida (infância, adolescência, escola, amigos, amores, primeira experiência sexual, família etc.)
- Para você, o que é ser travesti?
- Quando você começou a se travestir/mudar seu corpo?
- Por que começou a se travestir/mudar seu corpo?
- Conseguiria me falar passo a passo tudo que você alterou no seu corpo até hoje e como veio fazendo isso?
- Que tipo de tecnologias/instrumentos você utilizou pra modificar seu corpo?
- O que a inspirou a modificar seu corpo?
- Tem alguém em quem você espelhou?
- Quais as maiores dificuldades que você encontrou no caminho?
- Existe alguma coisa que ainda queira fazer?
- O que é um corpo belo para você?
- O que você é capaz de fazer para conquistar o corpo que deseja?
- O que você faria diferente?
- O que mudou em sua vida a partir do momento em que começou a mudar seu corpo?

- Agora gostaria de falar em Saúde e Doença.
- O que é saúde para você?
- O que é doença para você?
- Como seu corpo reage às modificações/alterações corporais que você vem realizando até hoje?

- Quais as reações que você considera positivas e quais as negativas?
- Fale-me um pouco do antes e depois no que se refere a sua saúde.
- Alguma coisa que você fez interferiu diretamente em sua saúde? O que?
- O que você considera essencial pra viver bem e saudável?
- O que você é capaz de fazer na busca de um corpo perfeito?
- Você se sente assistida pela saúde pública em sua cidade/estado/país?
- Você se sente acolhida pelos profissionais de saúde do município?
- Como você acha que deveria ser a atenção às travestis/trans no Sistema de Saúde?

- Agora vamos falar do seu corpo em busca da perfeição. Do ritual de transformação/manutenção "diária" da sua imagem até você entrar em cena nas ruas/pistas/esquinas.
- Quando é que você está pronta para entrar em cena (sair na rua)?
- O que você percebe quando alguém olha para você?
- O que mais te dá prazer na rua/pista/esquina?
- Qual a melhor e a pior coisa ao sair na rua?
- A busca pela perfeição e a manutenção do corpo é para agradar o cliente, para agradar você ou para as outras pessoas? Fale-me um pouco sobre isso...
- O que a imagem que você vem construindo ao longo dos anos em seu corpo representa para você?
- Quem é ("Pâmela")?

3. CÓDIGO DE ÉTICA DOS SOCIÓLOGOS

O Código de Ética da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) baseia-se no Código de Ética da *International Sociological Association*, da qual a SBS é sócia, orientando-se por tais princípios e padrões de conduta. Não é um código exaustivo, nem rígido. Nele foram priorizadas as atividades de pesquisa e de comunicação dos seus resultados. O fato de um determinado comportamento não ter sido previsto pelo código de ética da SBS não significa que ele seja ético ou destituído de ética.

Parte das atividades de sociólogos (as) consiste em elaborar um corpo válido de conhecimento científico baseado em pesquisas, contribuindo para o desenvolvimento da condição humana. Essas atividades compreendem a interação com outros profissionais da mesma área ou de outras, estudantes, técnicos, administradores, assessores, patrocinadores, bem como membros da sociedade que procuram estudar.

As finalidades primordiais do Código de Ética são: (1) proteger o bem-estar de grupos e indivíduos com quem sociólogos (as) trabalham e que tomam parte no processo de pesquisa; (2) fornecer guias de comportamento para sociólogos (as) entre colegas de profissão, na interação com membros das instituições onde trabalham, e no relacionamento com equipes de pesquisa, e com a sociedade em geral, que pautem as expectativas dos membros da SBS, com base em princípios éticos. O sociólogo (a) deve torná-los conhecidos para que venham a serem respeitados.

Cada sociólogo (a) deve suplementar o presente código de ética com base em seus próprios valores e experiência, complementando, sem violar, as normas do Código de Ética. Constitui responsabilidade individual manter o mais alto padrão de comportamento ético.

A Sociologia como campo de estudos e de prática científica

Como cientistas sociais, sociólogos (as) devem cooperar com base na correção científica, sem discriminação com base em sexo, raça, preferências sexuais, idade, religião ou opções políticas.

Trabalho em grupo, cooperação e intercâmbio entre sociólogos (as) são atividades necessárias

para o progresso da Sociologia. Espera-se que sociólogos (as) participem em debates, apresentando e discutindo o próprio trabalho, bem como o de colegas.

Sociólogos devem estar cientes do fato de que seus pressupostos podem causar um impacto na sociedade. Por conseqüência sociólogos (as) devem manter uma atitude destituída de vieses ou preconceitos, procurando tornar explícitos, tanto o caráter tentativo de suas generalizações com base nos resultados de pesquisas, bem como seus pressupostos e posições ideológicas. Nenhum pressuposto sociológico deve ser apresentado como verdade indisputável.

Sociólogos (as) devem procurar manter a integridade e a imagem de sua própria disciplina. Isso não implica que devem deixar de lado uma atitude crítica em relação a seus pressupostos, métodos e resultados.

Os princípios de abertura, crítica e respeito por todas as perspectivas científicas devem ser seguidos por todos nas suas atividades profissionais e de ensino da Sociologia.

Sociólogos (as) devem proteger os direitos de seus informantes, bem como de estudantes e de membros das equipes de trabalho.

Conflito de interesses

Sociólogos(as) orientam-se pela ética profissional, evitando conflitos de interesse que enviesem seu trabalho. Previnem-se de situações nas quais o interesse pessoal ou financeiro possa interferir nas atividades, declinando de realizá-las.

Plágio

Sociólogos(as) explicitamente fornecem créditos e referências autorais quando eles(as) utilizam dados ou materiais de trabalhos escritos por outras pessoas, tenham estes sido publicados ou não, estejam impressos ou em meios eletrônicos.

Pareceres

Ao elaborarem pareceres *ad hoc, s*ociólogos(as) não se apropriam de idéias contidas nos trabalhos submetidos à apreciação, a não ser que seja identificada a fonte e dados os créditos. Os pareceres são sigilosos, seguindo critérios de confidencialidade e de respeito aos direitos autorais. Os pareceristas não devem, em hipótese nenhuma, basear-se em posições pessoais ou de opinião política para emiti-los. Nos casos de conflito de interesses, os pareceristas declinam de apreciar o trabalho.

Patrocinadores

Atividades de pesquisa em sociologia geralmente dependem de recursos públicos ou privados e, portanto, de patrocínio. Patrocinadores públicos ou privados podem estar interessados nos resultados da investigação. Sociólogos não devem aceitar dotações ou contratos que especifiquem condições inconsistentes com o seu julgamento científico ou com os meios apropriados de conduzir a pesquisa em questão, ou permitir que patrocinadores censurem ou atrasem a publicação dos resultados por não gostarem dos mesmos.

Patrocinadores devem ser antecipadamente informados sobre as diretrizes gerais dos projetos de pesquisa, bem como sobre os métodos que os pesquisadores desejam adotar. Patrocinadores devem ser informados do risco de os resultados de pesquisa não se conformarem às suas expectativas.

Pesquisadores públicos ou privados podem estar interessados em patrocinar pesquisas para as suas finalidades políticas. Sociólogos (as) quer estejam ou não de acordo com esses objetivos, não devem a eles se subordinar, preservando a autonomia científica. Eles devem se abster, ainda, de cooperar com objetivos antidemocráticos e discriminatórios.

As condições de trabalho científico estabelecidas entre pesquisadores (as) e patrocinadores (as) devem ser preferencialmente efetuadas por escrito.

Consentimento informado:

Na condução de pesquisas sociólogos (as) devem informar os (as) participantes sobre a natureza da pesquisa que está sendo efetuada, a responsabilidade sobre a mesma, fontes de patrocínio e de apoio institucional.

Sociólogos e sociólogas devem informar aos participantes em pesquisa sobre o caráter voluntário dessa participação, garantindo-lhes a confidencialidade das informações e possibilitando que efetuem perguntas e esclareçam dúvidas sobre a investigação e recebendo os esclarecimentos solicitados sobre a mesma.

Sociólogos (as) conduzindo pesquisas necessitam obter o consentimento de participantes na investigação ou de seus representantes legais todas às vezes nas quais dados forem coletados por meio de qualquer instrumento de comunicação, interação ou intervenção,

O consentimento de participantes deve ser obtido todas às vezes nas quais o comportamento dos mesmos seja apreendido em âmbito privado, e quando estes não tenham conhecimento de que seu comportamento esteja sendo observado ou relatado.

Sociólogos podem conduzir pesquisas em locais públicos ou usar informações públicas em suas pesquisas, sem necessidade de solicitar o consentimento prévio de participantes nesses locais.

Quando for necessário solicitar consentimento informado para conduzir a pesquisa, isto será feito oralmente ou por escrito.

Ao informar sobre o caráter voluntário da participação na pesquisa, sociólogos (as) devem informar aos participantes que nenhuma penalidade ou sanção adversa resultará da recusa em participar da investigação.

Sociólogos (as) informarão aos participantes que, uma vez tenham começado a participar da pesquisa, poderão desistir a qualquer momento dessa participação.

Quando as pesquisas forem conduzidas na própria instituição onde trabalham, com estudantes ou subordinados, sociólogos (as) garantirão que nenhuma conseqüência institucional adversa resultará da recusa em participar como sujeitos da investigação, tomando todas as medidas necessárias para viabilizar as garantias oferecidas aos participantes das pesquisas.

Sociólogos (as) não empregarão métodos enganosos para engajar a participação em pesquisas.

Sociólogos (as) esclarecerão aos participantes, antes de solicitar seu consentimento em participar da pesquisa, quando houver riscos de saúde física ou emocional decorrentes dessa participação.

Uso de Equipamentos para Registro da Informação

Todas as vezes que sociólogos (as) empregarem equipamentos para registrar informações de pesquisa tais como gravadores, filmadoras, câmeras, vídeo-câmeras ou outras formas de registro de voz e/ou imagem, será obtido o consentimento informado dos participantes na investigação.

Uso de Incentivos

Sociólogos (as) conduzindo pesquisas não empregarão incentivos que possam coagir os (as) participantes a colaborarem com essas investigações, afetando a confiabilidade dos dados.

Confidencialidade

A segurança, anonimato e privacidade de participantes em pesquisas deverão ser rigorosamente respeitadas tanto em pesquisas qualitativas quanto quantitativas. A fonte da pesquisa deve ser confidencial, a não ser que informantes concordem ou tenham solicitado para serem citados. Caso informantes possam ser facilmente identificados, pesquisadores (as) devem alertá-los para conseqüências que possam advir para os (as) informantes, da divulgação dos resultados da pesquisa.

Quando for garantida a confidencialidade das informações, sociólogos (as) devem protegê-la inclusive de outros pesquisadores (as). Cuidados especiais devem ser tomados na disponibilização dos dados de pesquisas em arquivos públicos, protegendo a identidade daqueles (as) que forneceram as informações que constituíram objeto da investigação.

Precauções devem ser tomadas para assegurar a confidencialidade das informações prestadas por participantes inclusive por outros investigadores, estudantes, entrevistadores, supervisores e demais integrantes do processo de levantamento de dados.

Publicação e comunicação de dados de pesquisa

Dados coletados em atividades sociológicas de pesquisa constituem propriedade intelectual dos pesquisadores (as) que possuem, em princípio, direitos autorias sobre os mesmos. Se os direitos autorais forem do patrocinador ou empregador, os pesquisadores (as) têm direito a compensação adequada pela alienação dos direitos autorais.

Em princípio pesquisadores possuem o direito de submeter seu trabalho para publicação, ou publicá-lo às suas próprias expensas.

Pesquisadores têm o direito de garantir que os seus resultados de pesquisa não sejam manipulados ou tirados do contexto por seus patrocinadores.

A contribuição de pesquisadores acadêmicos, patrocinadores, técnicos e outros colaboradores que fizeram uma contribuição substantiva na elaboração e condução de um projeto de pesquisa deve receber crédito explícito em qualquer publicação decorrente do projeto.

Bases de dados tornadas públicas devem conter informações sobre pesquisadores (as) responsáveis pela pesquisa, fontes e métodos pelos quais os dados foram obtidos.

Uma vez publicadas as informações de um projeto de pesquisa, ele deverá ser considerado como parte do conhecimento público e base do acervo da comunidade científica, aberto a críticas e ao debate científico.

FONTE: http://www.sbsociologia.com.br/downloads/Codigo_Etica.doc